

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
COORDENAÇÃO GERAL DE PESQUISA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**O CRESCIMENTO NEOPENTECOSTAL NO DISTRITO DOS
PRAZERES: MOTIVOS E RAZÕES DE MUDANÇA DE
DENOMINAÇÃO RELIGIOSA**

JARDSON ALVES LEMOS

RECIFE /2009

JARDSON ALVES LEMOS

**O CRESCIMENTO NEOPENTECOSTAL NO DISTRITO DOS
PRAZERES: MOTIVOS E RAZÕES DE MUDANÇA DE
DENOMINAÇÃO RELIGIOSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, como requisito para obtenção do grau de Mestre.

Área do conhecimento: Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Drance Elias da Silva.

RECIFE/ 2009

L557c Lemos, Jardson Alves
O crescimento neopentecostal no distrito dos Prazeres : motivos e
razões de mudança de denominação religiosa / Jardson Alves Lemos ;
orientador Drance Elias da Silva, 2009.
101 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado em Ciências da Religião,
2009.

1. Igreja Universal do Reino de Deus. 2. Pentecostalismo.
3. Igrejas protestantes - Jaboatão dos Guararapes (PE).
I. Título.

CDU 284.57

JARDSON ALVES LEMOS

**O CRESCIMENTO NEOPENTECOSTAL NO BAIRRO DOS
PRAZERES: MOTIVOS E RAZÕES DE MUDANÇA DE
DENOMINAÇÃO RELIGIOSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião,
como requisito para obtenção do grau de Mestre.

Aprovado em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Karla Regina Macena Pereira Patriota – UFPE – Examinador externo

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão – UNICAP – Examinador interno

Prof. Dr. Drance Elias da Silva – UNICAP – Orientador

DEDICATÓRIA

A Inilda Alves de Lemos – minha mãe, cujo amor é incondicional, responsável por tudo em minha vida –, a qual com todo o carinho, apoio, firmeza e incentivos diversos, está presentes nas etapas que venço a cada dia, mesmo as mais adversas.

Ao meu pai *in memoriam*, Antenor de Lemos.

Aos amigos e colegas que auxiliaram mais que tudo, desde um conselho ao mais presente incentivo para prosseguir com meus anseios.

A todos que acreditam e creditam desafios e que jamais duvidaram da minha determinação e capacidade. Minha eterna gratidão a eles por tanto amor, apoio e confiança.

A minha família e amigos que dão sentido ao meu viver.

AGRADECIMENTOS

O sentimento de gratidão é singelo e tão oportuno por sentir-me honrado e sobrevivente às dificuldades para construir uma dissertação. Não é fácil participar de uma construção, não é fácil ler, escrever, expressar ideias e administrar a mais ingrata das invenções do homem: o tempo.

Agradecer aqui é sinal de respeito maior e acima de tudo expressão de apreço por várias pessoas que foram excepcionais comigo, muito além do que prevíamos e mais duradouro do que suponhamos.

Primeiramente, agradeço ao Todo Poderoso Deus por conceder a graça da vida e perseverança para nunca desistir dos mais simples dos anseios e projeções constantes nas instâncias pessoais e profissionais.

Não há um agente tão importante para impulsionar nossa estrutura quanto a fé! Cada dia descobrimos o quanto esta faz com que nossos ideais se tornem mais almejados, a esperança passe a crescer e o coração transbordar de alegria cada vez que diante das circunstâncias surge um sentimento bom de cobiça (sem ser a egoísta ambição). Fé é o que faz de cada situação de desespero tornar-se algo tão frágil e pequeno diante da fonte que emana coragem: Deus.

Sem o apoio e brilhante orientação não haveria como prosseguir, daí cabe aqui um espaço para reconhecer e agradecer a prestimosa colaboração do professor Dr. Drance Elias da Silva. Se num primeiro momento ele causava-me desespero com as cobranças ao longo do curso e da orientação, no momento seguinte ele vinha com sua paciência e muita colaboração, às vezes, visíveis no corpo do trabalho e na preocupação do bem-estar e com prazo.

A Ijacira Barros, amiga e colega de mestrado: um presente divino, sagrado. Uma pessoa essencial para o resultado final deste curso. Sua presença em minha vida acadêmica e pessoal surtiu efeitos positivos para superar as dificuldades corriqueiras de quem estuda e trabalha. É um referencial de motivação e orgulho para mim.

Aos professores Mestres e amigos Sidclay Pereira e Carlos Adonai Ferreira, grandes profissionais e seres humanos magníficos que incentivaram de várias maneiras e com muito conforto diante das dificuldades que enfrentamos. Os exemplos e as barreiras que enfrentaram para concluírem seus mestrados foram motivadores demais.

Se pudesse dizer hoje, mas infelizmente não é mais possível, diria à saudosa professora Roseclary Queiroz Gomes que valeu cada instante de torcida enquanto fazia a

seleção e assim que comecei a cursar o Mestrado o seu indispensável carinho diante do cansaço de cada dia para estudar e trabalhar, percorrendo três cidades para chegar ao nosso destino todo começo de noite ao longo de 2007.

A primeira pessoa que incentivou tudo: da inscrição até o final, amiga Renata da Silva Severino, companheira da graduação e da especialização.

Não haveria de deixar sem registro um casal amigo, sempre com apoio e apostas: Cássia Rego e Fernandes Neto. Ela que abriu as portas do ensino superior em minha vida e vibrou comigo quando entrei num curso *Stricto Sensu*, ao longo de tantas coisas boas no meu desempenho profissional, juntamente com seu marido.

Uma equipe que não posso esquecer jamais é a dos professores do Colégio Coração de Maria - Cabo de Santo Agostinho / PE, indispensáveis companheiros e sempre tolerantes comigo logo no início do Mestrado. Sou muitíssimo grato aos colegas e amigos que fiz nesta Instituição que muito fizeram para ajustar minha vida enquanto eu cursava as cadeiras dos dois primeiros semestres. Nunca irei esquecer-me das vezes que mexeram nos horários, cada professor, para ajudar na minha formação e a paciência da coordenação e direção, respectivamente, Fátima Leal e Edinalva Gomes Máximo [tia Nalva].

Não poderia deixar minha gratidão para duas pessoas com quem trabalhei e foram muito importantes: Marilene Josefa dos Santos, uma amiga e excelente bibliotecária que começou incentivar a partir da inscrição de seleção e nos primeiros livros e Geralda Lima por ser atenciosa e prestativa sempre.

Ao professor e amigo Edivaldo Xavier da Silva Júnior apoio desde o projeto - agradecido pela tradução para língua inglesa do resumo.

À professora Socorro Vieira de Carvalho, uma pessoa indispensável quando comecei a fazer minhas entrevistas por ter cedido gentilmente através de empréstimo um mini gravador sem ao menos me conhecer direito, na época.

Ao amigo Rosemberg Nascimento por fazer as correções ortográficas no pré-projeto, o início de tudo.

Às amigas e professoras Leilane Agra e Márcia Montenegro Cabral por tamanha sensibilidade, interesses e disposições para revisão ortográfica de nossa dissertação.

À amiga, colega de profissão que mesmo à distância está torcendo por mim, independente dos desafios e circunstâncias: Maria Inez Falcão. Também agradeço pela revisão ortográfica final.

Uma família indispensável sempre e que nos meses de luta para escrever foi mais que essencial em vários fins de semana de aconchego e hospitalidade: Seu Edson, dona Carminha,

Edson Rodrigues [Edinho], Pedro Henrique [Pepê] e Karen Almeida. Gratidão por tanta paciência e ajuda em forma de apoio, carinho.

Aos amigos, Rômulo Fernando Mendes dos Anjos [Rominho], Rildo Neres, Ivo Santana, Jadison Castro [*in memoriam*], Gerônimo Paes de Luna Neto, Igor Amorim, Mauriceia Menenti, Petrus Alexander Menezes, Ana Paula Cruz Pereira, Carlos Eduardo Araújo, José Bastos, Adriana Salgado e Edgard Wogeley Alves Vasconcelos, muitíssimo obrigado por acompanharem muitas das etapas da vida pessoal e profissional, principalmente o início e conclusão do mestrado. Indiscutivelmente amarei sempre vocês.

À prof^a Dr^a. Karla Regina Macena Pereira Patriota por atender o convite de meu orientador amistosamente para contribuir de forma humana em nosso trabalho.

Aos colegas do Instituto Brasileiro de Gestão & Marketing – IBGM que acompanharam todo o processo dificultoso da escrita e deram apoio sempre.

E por fim, não poderia deixar de aqui registrar cada aprendizado e desafios nas aulas deste magnífico curso, através de profissionais exímios como Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão, Prof. Dr. João Luiz Correia Junior, Prof. Dr. Sergio Senzino Duetes Vasconcelos, Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes e Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral.

EPÍGRAFES

"Não fiqueis ansiosos com o que comer ou beber. Não vos inquieteis! Buscai, pois, o Reino de Deus e essas coisas vos serão dadas por acréscimo". [Lc. 12,29 e 31].

"O passado já não existe; o futuro ainda está por acontecer. O tempo presente é o maior tesouro que você possui. Viva-o de modo consciente, sinta sua presença naquilo que faz, acompanhe com o pensamento a ação de suas mãos. Este é o segredo da vida sem dispersão, sem desgaste exagerado. Viva o "agora" de modo consciente e com o coração calmo, para fazer bem todas as coisas".

Tarcila Tommasi, fsp.

“Prossiga confiante na conquista de ti próprio e guarda inabalável certeza que foste criado por Deus para ser feliz na condição de 'ostra da Terra' e pérola de Sua Criação”.

Ermance Dufaux.

“O Mundo não está necessitado de sermões e sim de uma mensagem; e toda diferença do mundo está entre o sermão e a mensagem”.

Pastor Oswald J. Smith.

RESUMO

Nossa pesquisa concentra-se no estudo do crescente fenômeno dos movimentos neopentecostais contemporâneos, tomando-se como referência o bairro dos Prazeres e suas limitações no município do Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco, devido à proliferação de igrejas, como a Igreja Universal do Reino de Deus - IURD, Igreja Internacional da Graça de Deus etc. Contudo, restringimo-nos apenas à primeira igreja. Procuraremos enfatizar as causas de tais fenômenos, mediante as tradicionais igrejas que perderam uma parcela significativa de fiéis para os novos pentecostais, os motivos relevantes de tal trânsito religioso e seus processos de conversões.

Palavras-chave: neopentecostais, religiões, trânsito religioso e conversões.

ABSTRACT

Our research concentrates on the study of the increasing phenomenon of the movements contemporary neopentecostal, being taken as reference the neighborhood of the Prazeres and your limitations in the city district of Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco, due to the proliferation of churches as IURD, International Church of the Grace of God etc. However we just limited to the first church. We will try to focus the causes of such phenomena, by the traditional churches that lost a significant share of followers for the new pentecostals, the important reasons of such a religious traffic and your processes of conversions.

Keywords: neopentecostals, religions, religious traffic and conversions.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. O CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO	
1.1 Caminho escolhido e sua relação com o objeto	16
1.2 Pluralismo	20
1.3 Pentecostalismo: origens e característica	21
1.4 O Crescimento Neopentecostal no Brasil	27
1.4.1 Neopentecostalismo	34
1.5 O trânsito religioso: motivos e mudanças de denominação	39
2. A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	
2.1 Breve história expansionista de uma instituição bem sucedida	42
2.1.1 Contornos biográficos de uma liderança religiosa	44
2.1.2 A expansão espacial e o televangelismo empreendedor da Universal do Reino de Deus	49
2.2 A eterna “Guerra Santa”: A dimensão espetacular e pedagógica da expansão institucional	54
3. A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E O FASCÍNIO DOS ADEPTOS: OS INSTRUMENTOS DE ATRAÇÃO E CONVERSÃO NA REALIDADE DO BAIRRO DOS PRAZERES	
3.1 Perfis de seguidores da IURD no bairro dos Prazeres	67
3.2 A Prosperidade	74
3.3 As ‘curas’ espirituais e o fim dos problemas afetivos, familiares e financeiros	80
3.4 As correntes de oração: onde os problemas são ‘amarrados’	83
3.5 O poder do discurso em consonância com a realidade local	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	95
ANEXOS	101

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo, partindo da ideia de fenômeno religioso, compreender os fatos que levam várias pessoas de uma denominação religiosa anterior qualquer ingressar numa outra e assim permanecer, como também buscamos ouvir de alguns dos comungantes que professam sua fé nesta igreja analisada e assim permanecem – é o nosso enfoque para o que ocorre na Igreja Universal do Reino de Deus a partir do distrito dos Prazeres.

De tanto observar no distrito em questão o crescimento da Igreja Universal, através do número de congregados e o surgimento de imensos templos nas mediações, – maior parte galpões alugados, – ficamos altamente impressionados com a grandeza visível de uma mudança nos cenários locais já tão familiares aos nossos olhos de empresas existentes e, posteriormente, fechadas e/ou de estabelecimentos comerciais conhecidos sendo transformados em igrejas.

O nosso interesse tornou-se maior, ainda na fase de projeto, quando notamos alguns rostos já então familiares nas redondezas compactuando dessa nova pertença religiosa. Resultado: aguçou-nos a ideia de averiguar o que estava havendo para ocorrer tamanho crescimento na comunidade próxima.

Víamos, há tempos, construções e reformas nas igrejas de outras denominações religiosas vizinhas já existentes, em quantidade mais significativa do que a implantação do dia para a noite de um templo da Universal, situação rara apesar da maciça frequência de fiéis que num primeiro instante não nos dávamos conta da tamanha quantidade. Não podíamos ignorar a imponentia dos prédios sem associar ao quantitativo de membros.

Catalogamos o número de templos da Igreja Universal do Reino de Deus em atividades no distrito dos Prazeres e também começamos a ver a real dimensão territorial que nos encontrávamos, situação que abordaremos ainda no primeiro capítulo.

De andarilho informal a pesquisador, localizamos o número exato de templos de grande porte na localidade estudada. São onze até então. O mais impressionante era a extensão de cada prédio. Muitos imóveis eram galpões reformados que por fora não aparentavam grandiosidade, mas interiormente tornavam-se elásticos quando víamos as enormes fileiras ocupando cada espaço à espera de fiéis em horários de cultos.

Um dos templos mais grandiosos visitados pelos fiéis e que conhecemos de modo informal e, conseqüentemente, formalmente em outras oportunidades a partir de convites, situa-se numa das avenidas mais conhecidas do município do Jaboatão dos Guararapes, a General Barreto de Menezes sentido BR-101 Sul, na área conhecida como Guararapes, que concentra uma população ampla e mais carente no ponto de vista socioeconômico.

E na mesma avenida, porém, no sentido oposto mais próximo à praia da Piedade e em frente ao único shopping da cidade, o *Shopping Guararapes*, encontramos outro templo tão grande quanto o primeiro com os seguintes diferenciais: estacionamento interno e padrão socioeconômico da área, ou seja, no ambiente mais de classe média e alta. Mas com um público misto de classes socioeconômicas, porque aquela sede também é próxima às favelas.

Os dois templos mencionados anteriormente mostravam já nas suas estruturas que eram acolhedores de um número de fiéis na casa dos milhares.

Depois fizemos uma sucessão de visitas aos extremos do distrito para catalogar os principais templos, com objetivo de verificar a localidade e assim percebermos o público-alvo.

Seguindo o roteiro a partir da igreja de Piedade, averiguamos na mesma área praieira os templos de Jardim Piedade – este em uma área às margens de uma comunidade mais carente. Mais adiante na localidade mais nobre, catalogamos o de Candeias – local dominado pelos conjuntos de prédios mais caros à beira-mar de Jaboatão dos Guararapes. Nas proximidades ainda encontramos outro templo, em Barra de Jangada, de proporções medianas. Voltando um pouco naquelas redondezas, observamos a existência de outro templo similar ao averiguado anteriormente em Dom Helder Câmara, outro conjunto de residências prediais cercado de comunidades carentes.

Os conjuntos Marcos Freire e Muribeca, fronteiros, possuem templos enormes da Igreja Universal, para atender a comunidade em expansão. O conjunto Marcos Freire é predominado por muitas habitações prediais estilo COHAB (conjunto habitacional) e com muitos arruados em volta. Já Muribeca, é um complexo misto de ruas, áreas comerciais, sítios e áreas invadidas por populares.

Mais próximo de Prazeres encontramos um templo de proporções mediana, na comunidade de Cajueiro Seco, localidade grandiosa e repleta de problemas sociais. Um dos locais desorganizados que nós visitamos.

Duas outras localidades visitadas têm templos de porte médio, Jordão e Sotave. A área do Jordão é fronteira com o Recife – ambiente marcado por diversos problemas sociais e grandes desajustes urbanísticos como em toda extensão visitada. Já a área de Sotave é

próxima ao limite com o bairro da Pontezinha que é de propriedade do município do Cabo de Santo Agostinho, também na Região Metropolitana do Recife. Esta comunidade é de uma carência assistencial visível, fato comprovado em maior parte das localidades visitadas.

O que conseguimos averiguar é realmente confirmado na obra *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*, através da pesquisa que aponta a frequência de pentecostais nas regiões metropolitanas.

Segundo Jacob et al:

De modo geral, os pentecostais se localizam na *primeira coroa*, quer dizer, na periferia imediata ao município central das regiões metropolitanas. Em muitas delas, entre as importantes do país, observa-se uma configuração em forma de anel que traduz uma forte implantação na quase totalidade dos distritos e subdistritos da periferia. Este é principalmente o caso de Belém, Recife, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte (2003, p.40).

Toda a extensão visitada refere-se ao grandioso distrito dos Prazeres, mas cada área é delimitada pela população em geral e administração pública como bairros distintos.

Quando visitamos o primeiro templo, pela imensidão e quantitativo de fileiras, nos inquietamos e a solução veio em forma de pergunta: “Pastor Charles, quantos fiéis tem sua igreja?” E ele respondeu: “Não sei ao certo, mas com certeza são mais de mil entre os que ficam sentados e em pé. Não olho isso, só peço que encha cada vez mais”.

Numa conversa informal sobre o que pretendíamos abordar no mestrado, nos defrontamos com duas pessoas frequentadoras da igreja que se comprometeram em nos adiantar algumas situações que as conduziram para lá, onde saciam suas necessidades mais elementares e por isso mesmo não pretendem abandoná-la. A partir daquele momento, iniciava-se a maratona em busca de depoentes.

Algumas suposições poderiam ser levantadas por encontrar populares bem conhecidos nas mediações, passando diariamente em horários distintos com bíblias, jornais da igreja e principalmente rosas e outros objetos nas principais avenidas e ruas de acesso às igrejas e convocá-las para nos prestar informações. Mas o que dizer das pessoas que nunca víamos nas mediações e que frequentam os mesmos espaços?

Certo dia, estávamos diante de um templo *iurdiano*, o maior do bairro, para sermos mais exatos, quando surgiu um convite inusitado para frequentarmos um dos horários de celebrações desta igreja, porém, não aceitamos de imediato e justificamo-nos na condição de pesquisador que buscávamos algumas pessoas que, de modo espontâneo, pudessem conceder informações para os nossos estudos. Surgiu então a primeira pessoa, uma mulher de voz suave e calma que nos indicou sua casa para que fôssemos atendidos. Começou a partir daquele

momento uma série de indicações que só fora interrompida duas vezes por circunstâncias superiores, fato que explicamos no início do último capítulo.

No capítulo primeiro, fazemos uma revisão bibliográfica e conceitual, nos apegamos aos aportes metodológicos, comentamos as origens do pentecostalismo, o crescimento neopentecostal no Brasil e as ideias de trânsito religioso.

O segundo capítulo apresenta uma descrição histórica breve do expansionismo da Igreja Universal do Reino de Deus, onde traçamos alguns contornos biográficos da liderança maior desta igreja, o bispo Edir Macedo, e aproveitamos para, ao longo do capítulo, relatar algumas situações de repercussão que envolveu nomes de líderes da igreja. Tratamos de abordar o empreendedorismo na atuação de televangelismo e a eterna “Guerra Santa” com dimensão espetacular.

No terceiro e último capítulo, discutimos a realidade formalizada no perfil dos congregados depoentes e nos atrativos que a Igreja Universal do Reino de Deus tende a oferecê-los mediante procura. Buscamos identificar e discutir as motivações existentes, refletidas nas palavras dos membros para permanência na denominação atual e o que os fez abandonar a pertença anterior. Por fim, procuramos, mediante informações dos fiéis, embasar com teóricos os principais elementos de atração e conversão adotados na Igreja Universal que é a real busca de cada um dos integrantes para essa migração, na certeza de que irá solucionar todos os problemas do seu mundo pessoal, interior e exterior, internalizando a palavra e a prática, como também oferendas para atingir “vitória”, “sucesso”, “curas” etc.

Berger e Luckmann definem a internalização como: “o momento do processo dialético aonde o mundo social vem reintroduzido na consciência mediante a dinâmica de socialização. Cabendo ao indivíduo apreender e assumir os diversos elementos do mundo objetivado” (1999, p.175).

E então, buscamos alternar os depoimentos e suas percepções de fascínios, desejos e fé dos membros para atingir seus reais anseios comentados, através do que as denominações neopentecostais mais pregam: prosperidade, curas espirituais e pessoais em que de fato tudo fica “amarrado”.

Tentaremos mostrar aos leitores e deixar o presente estudo como um passo inicial para quem tem interesse em estudar a presença neopentecostal na RMR e longe de esgotar o assunto, fizemos o máximo para alcançar a meta proposta deixando nossa colaboração concernente ao tema-objeto por mais que saibamos da realidade do crescimento neopentecostal em território brasileiro, mostrada de forma inesgotável pelos teóricos da questão, mas ficando registrado o interesse particular em trazer uma abordagem local.

1. O CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO

1.1 Caminho escolhido e sua relação com o objeto

Na busca em alcançar os objetivos propostos – analisar o crescimento neopentecostal no distrito dos Prazeres: motivos e razões de mudança de denominação religiosa –, enveredamos pela pesquisa de campo e levantamento bibliográfico. Nossa pesquisa tem como objetivo buscar respostas e maiores esclarecimentos sobre as razões de mudanças na organização religiosa atual desse distrito e adesão de novos congregados de outras religiões para os neopentecostais da Igreja Universal do Reino de Deus (*doravante* IURD).

Delimitado ao distrito já mencionado, sob o ponto de vista de entender tal fenômeno, não obstante, sobretudo, as condições socioeconômicas no que concerne especificamente à realidade local, mas ao grande crescimento em diversas camadas sociais de adeptos e às perdas das inúmeras igrejas e suas representações, salientemos também que o que nos interessa aqui é mostrar de fato, dentro da realidade local, os motivos pelos quais as pessoas buscam a IURD, pois esta é a que mais cresce na localidade a ser estudada:

Com certeza será determinante para a continuidade do crescimento da IURD a manutenção dos mecanismos socioeconômicos excludentes da atual ordem econômica, que provocam desigualdade social, crescimento da pobreza urbana, medo do descenso social, incerteza na manutenção do emprego, violência, falta de sentido para a vida e outras “patologias” sociais. Contudo, a fórmula “*iurdiana*”, que prevê cura-exorcismo-prosperidade, como “solução” para todos os problemas humanos, está excessivamente datada. Assim, o que é segredo do atual sucesso, se não houver reformulações contínuas, poderá provocar exatamente o oposto, ou seja, o envelhecimento da fórmula e de sua híbrida linha de “produtos” (CAMPOS, 1998, p.21).

Partindo do pressuposto que a conversão dos atuais fiéis se deve a fatores como a crença na salvação pessoal, curas e satisfação dos desejos materiais imediatos, comportamentos que fortalecem nossa pesquisa, pretendemos com este trabalho estudar a correlação destes fatores com a crescente conversão de indivíduos oriundos de outras religiões à Igreja Universal do Reino de Deus.

Bourdieu esclarece que:

Tendo em vista que uma prática (ou ideologia religiosa), por definição, só pode exercer o efeito propriamente religioso de mobilização (correlato ao efeito de consagração) na medida em que o interesse político que a determina e a sustenta subsiste dissimulado em face tanto daqueles que a produzem como daqueles que a recebem, a crença na eficácia simbólica das

práticas e representações religiosas faz parte das condições da eficácia simbólica das práticas e das representações religiosas (2004, p.54).

Os motivos que levam a estabelecer os objetivos propostos estão alardeados em situações que almejam o encontro e as resoluções dos problemas dos indivíduos através de busca numa nova denominação religiosa que, de fato, cumpra os requisitos salvacionistas, atenda-os nas necessidades mais elementares e nas mais difíceis na condição humana – entre os problemas familiares, financeiros e a ponte das curas milagrosas das enfermidades da alma e do corpo – e os entregue numa vida satisfatória e feliz que possivelmente não encontravam na filiação religiosa anterior.

Nossa busca é neste universo que emerge atraindo cada vez mais pessoas que, sedentas por prosperidade e satisfações pessoais diversas, recorrem às denominações neopentecostais, diferentemente dos grupos aos quais participaram anteriormente:

Em suma, para desfiliar-se basta um sinal mínimo de insatisfação com o grupo ao qual se está vinculado, um desencanto qualquer e uma identificação da possibilidade de atender à busca de felicidade e satisfação pessoal de outro modo que não aquele proposto pelas instituições de referência e assimilado ao longo da vida. Isso ocorre tanto no mundo da religião quanto no da família, do clube, do partido, e tanto pode assumir um caráter dramático quanto acontecer de modo natural, sem grandes crises de consciência. Essa atitude aberta ou de necessidade de experimentação é estimulada por outro eixo causal da mobilidade religiosa: a destradicionalização (FERNANDES e PITTA, 2006, p. 138).

Os interesses que são almejados nestas mudanças religiosas não partem somente dos novos convertidos, mas sim de ambos, ou seja, dos novos adeptos e das instituições que passam a recebê-los entrando em concomitância e dividindo seus papéis, tornando-os crentes da eficácia e providências desejadas.

A pesquisa é de ordem qualitativa ¹ e com procedimentos necessários para se atingir os objetivos propostos, a citar, levantamento bibliográfico que trata da corrente religiosa e sua expressão maior a ser pesquisada, dados e pesquisas que coincidam com a época e, principalmente, deem suporte às informações colhidas. Após seleção do material de suporte para a comprovação da hipótese já mencionada na caracterização do problema, tais informações serão sistematizadas em um referencial teórico fundamentado em Ricardo Mariano. Mas há ainda importantes inserções de obras de Antônio Flávio Pierucci, Ari Pedro

¹ Abordagem predominantemente qualitativa procedida na observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorre no real, à coleta de dados referentes aos mesmos e, finalmente, à análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar (Cf. Franco, 1985, p.35).

Oro, Pierre Sanchis e Silvia Regina Alves Fernandes entre tantos outros autores que complementem com seus estudos a nossa pesquisa.

De Ricardo Mariano pretendemos utilizar sua obra *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, em que o autor aborda praticamente as vivências da IURD quanto aos papéis primordiais e relevantes aos seus membros.

O trabalho seguiu duas linhas de frente para sua consecução: referências bibliográficas e pesquisa de campo. As referências bibliográficas constarão de referencial teórico fundamentado, trabalhos monográficos, coleta de materiais impressos de fontes secundárias, revistas e periódicos que abordem algumas questões relevantes à pesquisa.

Durante a elaboração e realização de nossos estudos, utilizamos pesquisa de campo. Esta feita com coleta de depoimentos orais, dando um caráter qualitativo para melhor perceber a descrição da natureza do fenômeno e a observação participante natural. Sobre a participação natural, Nascimento afirma que:

como o nome indica, representa uma estratégia de obtenção de dados em que o pesquisador participa intensamente do cotidiano dos pesquisados.[...] enquanto técnica de obtenção de dados, a observação participante, pode ser desenvolvida de uma forma natural (investigador é efetivamente membro do grupo pesquisado) ou artificial (investigador se integra ao grupo para pesquisá-lo). (2002, p. 94).

De acordo com Cabral,

preciso partir do pressuposto de que o depoimento oral, como uma fonte, tem a sua especificidade – a de ser uma construção a partir da memória, cujas lembranças do passado se reelaboram a partir das questões e dos paradigmas da atualidade. Assim, o depoente pode apenas reviver e revisitar sua memória ou fazer um discurso sobre o acontecido e, no segundo caso, já estabelecer níveis de significado acerca do acontecimento, o que significa fazer a História (2005, p. 206).

Acerca de aplicações de entrevistas, priorizamos os fiéis para indagações a respeito de suas vidas, trajetórias e práticas religiosas. Entrevistamos 10 fiéis de pontos extremos do município delimitado para pesquisa. Cabral comenta ainda que, “ao se estudar a disseminação de uma determinação religiosa em um bairro, deve-se fazer uma categorização dos habitantes de modo a não deixar de ouvir pessoas dos grupos mais representativos” (*Ibidem*, p.207). Ao aproveitarmos dos aparatos da pesquisa de campo, procuramos confrontar e embasar juntamente aos teóricos escolhidos para nossa pesquisa, todo o material colhido e útil em cada ocasião: “Os símbolos que os sujeitos dão para as suas próprias experiências serão encontrados, então, na adoção de teóricos sintonizados com a perspectiva apontada,

escolhidos para cada pesquisa, e na finalidade com que são trabalhados os elementos e categorias de suas formulações” (CABRAL, 2005, p. 214).

O uso da análise de conteúdo, por meio da técnica de enunciação tornou-se uma medida necessária:

A análise da enunciação assenta numa concepção do discurso como palavra em ato. A análise de conteúdo clássica considera o material de estudo como um dado, isto é, como um enunciado imobilizado, manipulável, fragmentável. Ora, uma produção de palavra é um processo. A análise da enunciação considera que na altura da produção da palavra, é feito um trabalho, é elaborado um sentido e são operadas transformações. O discurso não é transposição transparente de opiniões, de atitudes e de representações que existam de modo cabal antes da passagem à forma linguageira. O discurso não é um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração, contudo, o que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições. Isto é particularmente evidente nas entrevistas em que a produção é ao mesmo tempo espontânea e constrangida pela situação. Se o discurso for perspectivado como processo de elaboração onde se confrontam as motivações, desejos e investimentos do sujeito com as imposições do código linguístico e com as condições de produção, então o desvio pela enunciação é a melhor via para se alcançar o que se procura. (BARDIN, 1995, p.169)

Na definição de Minayo, “em termos operacionais a análise da enunciação segue o seguinte roteiro: a) estabelecimento do corpus: delimitação do número de entrevistas a serem trabalhadas; b) preparação do material: cada texto (entrevista) é uma unidade básica; c) as etapas da análise: na análise de enunciação cada entrevista é submetida a tratamento como uma totalidade organizada e singular” (1999, p.107). Torna-se, então, imprescindível ao processo de análise de enunciação entender toda a sistematização do discurso do entrevistado não meramente como um processo de troca de informações mediante um jogo de perguntas e respostas. Necessita, então, entender esse processo não apenas como uma situação de trocas de signos. Daí inserirmos Orlandi (1999, p.21):

Diremos que não se trata de transmissão de informações apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. Por outro lado, tampouco assentamos esse esquema na ideia de comunicação. A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição do discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores.

Esses passos, posteriormente ao recorte teórico, foram demonstrados a partir dos dados empíricos colhidos através de entrevistas gravadas, deixando o entrevistado em total

liberdade para expressar seu pensamento mediante o roteiro² de entrevista e observação participante, a fim de permitir a construção de nossas conclusões. Por fim, direcionamos-nos por uma reflexão sistemática, propondo respostas aos problemas levantados e, eventualmente, levantando novas questões.

1.2 Pluralismo

Um canal aberto ocorre na relação humana com Deus, sob inúmeras formas, validando e até mesmo despertando mecanismo para se alcançar o que cada homem almeja. Então, notamos que os fenômenos da pluralidade são mais que evidenciados no Brasil, mesmo tendo estatisticamente a maioria da população católica, mas onde avança o protestantismo de forma pós-moderna, e que consegue transcender rituais tão tradicionais e primordiais das religiões que antes ostentavam atenções.

Do ponto de vista metodológico, há uma situação que deve ser debatida para se entender o crescimento das religiões pentecostais e a diminuição de adeptos da religião católica. Com relação a isto, Orlandi afirma que:

Um ponto que deve ser trazido para o debate sobre a diminuição do número de adeptos do catolicismo e o concomitante aumento no número de adeptos de religiões pentecostais é a utilização cada vez mais intensa dos meios de comunicação de massa na atração de novos fiéis e na forma de expressar o vínculo à determinada identidade religiosa. Um número cada vez maior de canais tem sua programação voltada para o público de uma determinada religião (1999, p. 86).

O que ocorre atualmente no cenário religioso brasileiro não se resume aos dados divulgados pelos censos e estudos de organizações, é algo extraordinário manifestado sob um aparato diversificado e contundente com as novas reestruturações da sociedade num fenômeno que beira à pluralidade religiosa. Conforme Gaarder:

Esse pluralismo tem se concretizado sob a forma de uma pluralização crescente de igrejas cristãs, vindas de fora ou fundadas aqui mesmo, algumas delas muito bem-sucedidas em seu expansionismo, cujos exemplos mais conhecidos são as igrejas neopentecostais. Mais que um país católico, o Brasil parece se tornar cada vez mais um *país cristão*. Em outras palavras, o recuo do catolicismo em território brasileiro não significa nem implica o recuo do cristianismo (2006, p. 303).

A percepção acerca do processo de pluralização acima mencionado pode ser expresso de modo direto e com especificidade, como em Berger, ao afirmar que:

² Ver roteiro de entrevistas nos anexos.

A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se bens de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado (2004, p.149).

Almeida e Montero corroboram com essa perspectiva ao afirmarem que:

Uma das tentativas para compreender esse fenômeno reduziu a diversidade religiosa à metáfora do mercado. Estaria subjacente a esse enquadramento do pluralismo a ideia de que a racionalização do sagrado no mundo moderno realizar-se-ia pela transformação das crenças em mercadorias a serem consumidas pelos adeptos que, volúveis, escolheriam os produtos segundo suas necessidades imediatas (2001, p.92).

O que podemos assinalar é que a busca e a recompensa para as agruras da vida encontram seguidores, na proporção que o imediatismo é posto para o indivíduo. Então, uma palavra convincente e de fácil crédito, que faça a esperança surgir é garantia de mais um mercado da fé.

1.3 Pentecostalismo: origens e características

Para adentrarmos no nosso objeto de estudo, não devemos passar despercebidos pela origem do movimento pentecostal em suas raízes remotas, fazendo um corte histórico-institucional. Para iniciar, optamos por breves relatos e pelo resgate de informações dos primeiros contatos protestantes em solos brasileiros, antes da difusão do pentecostalismo no século XX.

Enfatiza Mariano (2005, p.10):

Cumpramos esclarecer, antes de avançarmos, que o termo evangélico, na América Latina, recobre o campo religioso formado pelas denominações cristãs nascidas na e descendentes da Reforma Protestante europeia do século XVI. Designa tanto as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista e Batista) como as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, Universal do Reino de Deus etc.). Nascido nos Estados Unidos no começo deste século, o pentecostalismo, herdeiro e descendente do metodismo wesleyano e do movimento *holiness*, distingue-se do protestantismo, *grosso modo*, por pregar, baseado em Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais sobressaem os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento dos espíritos. Para simplificar, os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder e inigualável bondade.

O primeiro culto evangélico celebrado no Brasil foi realizado no dia 10 de março de 1557, na ilha de Villagaignon, no Rio de Janeiro e dirigido pelo pastor Pierre Richier, um dos três primeiros pastores a chegar ao nosso continente, quando da vinda ao Brasil de um grupo de crentes franceses, açoitados pelas perseguições religiosas na Europa. Mais tarde, em 1624, os crentes da frota holandesa na Bahia iniciaram os cultos. Depois, em 14 de fevereiro de 1630, teve início uma série de cultos no Recife, durante a ocupação holandesa. Estes dois últimos casos estavam ligados à igreja reformada holandesa. Os primeiros cultos em caráter definitivo no território brasileiro foram realizados pela Igreja Anglicana do Rio de Janeiro, desde 1810, para os membros da colônia britânica constituída de diplomatas, comerciantes e suas famílias. (Mendonça; Velasques Filho, 2002).

No dia 19 de agosto de 1835, chegava ao Rio de Janeiro o reverendo Fontain E. Pits que viera sondar a possibilidade de estabelecer a igreja Metodista em terras brasileiras. Contudo, este fato foi reservado ao reverendo R. Justin Spaulding, que deu início a uma organização de uma congregação com quatro membros da colônia americana residente no Rio. (Mendonça; Velasques Filho, 2002).

Com o culto realizado em 27 de julho de 1845, a Igreja Luterana dava início às suas atividades no Brasil. Em 19 de agosto 1855, em Petrópolis, o senhor Robert Kalley funda a Escola Dominical, dando assim origem a Igreja Congregacional. No dia 12 de janeiro de 1862 no Rio de Janeiro, o reverendo Ashbel Green Simon-non, funda a Igreja Presbiteriana. No ano de 1881 chegaram ao Brasil os primeiros missionários batistas, Wiliam Bagby e Z. C. Taylor que no ano seguinte, ou seja, em 15 de outubro de 1882, fundaram a Igreja Batista em Salvador, Bahia. Com o número de dezoito irmãos provenientes da Igreja Batista de Belém, sob a liderança de Gunnar Vingren e Daniel Berg, no dia 18 de julho de 1911 na cidade de Belém do Pará foi fundada a Igreja Assembleia de Deus no Brasil.³

O início do pentecostalismo no Brasil deu-se após seu surgimento nos Estados Unidos, nos primeiros anos do século XX. Segundo Wilges,

Surgiu, nos Estados Unidos, das Igrejas Batista, Metodista e outras. Fundamentalmente é o batismo do Espírito Santo, que é para nossos dias. Visam despertar o entusiasmo religioso, segundo o modelo do que aconteceu em Jerusalém nos primeiros dias de Pentecostes, quando o Espírito Santo

³ Cf. MENDONÇA, Antonio G. no capítulo Evolução histórica e configuração atual do protestantismo do livro Introdução ao Protestantismo no Brasil, In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2002 e OLIVEIRA, Raimundo Ferreira de. **História da Igreja**. V. 1. São Paulo: EETAD – Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus, 1996. De onde fizemos uma leitura para resumir as informações sobre a implantação do protestantismo no Brasil.

desceu sobre os apóstolos e eles começaram a falar diversas línguas (2008, p. 103).

Entre 1910 e 1911, surgiram as primeiras igrejas pentecostais e até os anos 1950 a propagação do pentecostalismo em território brasileiro é vista de modo discreto:

A primeira fase do pentecostalismo no Brasil teve início entre 1910 e 1911, com as Igrejas Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil. Tais igrejas pentecostais enfatizavam o dom de se falar em línguas, atribuído ao poder do Espírito Santo. A segunda fase tem início por volta dos anos 50 e 60 e tem como representantes por um lado a Quadrangular, a Brasil Para Cristo e por outro a entrada do movimento pentecostal nas igrejas tradicionais como um movimento transversal a elas, essa fase dá ênfase ao dom da cura e é denominada de Deuteropentecostalismo. (SIEPIERSKI, 2001,p.92 e MARIANO, 1999,p.32-48)⁴.

Trata-se de um movimento religioso que tem sua nomenclatura originária em homenagem ao Pentecostes, festa que representa a descida do Espírito Santos sobre os apóstolos, cinquenta dias após a ressurreição de Jesus Cristo.

Antônio Gouvêa Mendonça acrescenta ainda que:

do ponto de vista teológico, o movimento pentecostal moderno tem sua origem no movimento de “santidade” que, por sua vez, deve muito ao conceito wesleyano de perfeição cristã como segunda obra da graça, distinta da justificação. O foco mais preciso do movimento foi a Escola Bíblica de Topeka, EUA, onde Charles Pahram defendia a ideia de que o falar em línguas era um dos sinais que acompanhavam o Espírito Santo (2002, p.47).

As primeiras igrejas pentecostais erguidas no Brasil foram a Congregação Cristã do Brasil, em São Paulo, no ano de 1910, pelo italiano Luigi Francescon. No ano seguinte, os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, em Belém do Pará, fundaram a Assembleia de Deus. Gaarder apresentam-nos mais informações sobre o pentecostalismo no Brasil:

Nas primeiras décadas do século XX, começaram a chegar as igrejas pentecostais. Em 1910, surgia no Paraná e em São Paulo a primeira Igreja pentecostal em terras brasileiras, a Congregação Cristã do Brasil. E em 1911, dois missionários suecos fundavam em Belém do Pará a Assembleia de Deus. Ambas as denominações logo se difundiram pelo país inteiro. Ainda hoje, são elas as duas maiores alas do pentecostalismo no Brasil. Na segunda metade do século XX, a partir dos anos 50, os evangélicos pentecostais cresceram tanto e se diversificaram de tal forma, que acabaram por se tornar amplamente majoritários entre os protestantes brasileiros. No início da década de 90, pelo menos um décimo dos brasileiros adultos era pentecostal (10%), ao passo que os protestantes históricos representavam apenas 3% desses brasileiros. Recentemente, o movimento pentecostal no Brasil passou

⁴ LACERDA, Lucelmo; PAPALI, Maria Aparecida Chaves Ribeiro. **E os católicos se rendem à Universal do Reino de Deus** – aproximações dos carismáticos com neopentecostalismo. Revista Espaço Acadêmico, nº 71. Disponível em www.espacoacademico.com.br, acessado em 1/7/2008.

a se diferenciar em dois tipos, com dois formatos básicos: os pentecostais “clássicos” e os “neopentecostais” (2006, p.307).

De acordo com Paul Freston, (*apud* NOVAES, 1998, p.8), a expansão do Pentecostalismo no Brasil se deu em três momentos. O primeiro de 1910 a 1950, principalmente nas regiões Norte do país, pela Assembleia de Deus, e Nordeste pela Congregação Cristã do Brasil, em um Brasil rural, quando 80% da população brasileira vivia no campo. O segundo momento, de 1950 a 1970, coincide com a urbanização e teve como pólo irradiador São Paulo, por exemplo: Igreja Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é Amor. O terceiro começou nos anos 1970, coincidindo com a modernização autoritária do Brasil, e teve berço carioca, por exemplo: Casa da Bênção e a Igreja Universal do Reino de Deus.⁵

Segundo Antoniazzi

(...) o pentecostalismo da terceira onda adapta-se às mudanças do período militar: o aprofundamento da industrialização; o inchamento urbano causado pela expulsão de mão-de-obra do campo; a estrutura moderna de comunicações de massa que, no final dos anos 70, já alcança quase toda a população; a crise da Igreja Católica e o crescimento da umbanda; e a estagnação econômica dos anos 80 (1994, p.131).

As crenças dos pentecostais são caracterizadas pelas manifestações do Espírito Santo nos dias de hoje, como consta no Novo Testamento – livros Atos dos Apóstolos, capítulo dois –, numa passagem onde o Espírito Santo apareceu aos apóstolos sob forma de línguas de fogo, fazendo-os falar em outras línguas para serem compreendidos por uma heterogênea multidão que os ouvia. Então, para os pentecostais, são válidos os dons espirituais das “línguas estranhas”⁶ (fenômeno conhecido por *glossolalia*), cura e profecia como marcas maiores para designá-los. Somados aos informes que salientamos acima, até então, outros reiteram a condição de ser-estar pentecostal, sacramentada na maioria das denominações com o batismo do Espírito Santo, o qual é vivenciado após a conversão e regrado na conduta de obediência e fidelidade aos ensinamentos de Jesus Cristo que dá honrarias de falar em línguas estranhas, desconhecidas dos homens, ou seja, a língua dos anjos⁷ e intervir em curas. A esse respeito, Capellari tece o seguinte comentário:

O “falar línguas”, neste sentido, é uma decorrência da manifestação do Espírito Santo na personalidade individual. Quando o crente “fala em

⁵ NOVAES, Regina. Apresentação. In: FERNANDES, Rubem Cesar et al. **Novo nascimento**: os evangélicos em casa, na Igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p.8.

⁶ Cf. Atos 2: 1-4. **Bíblia Sagrada**. Antigo e Novo Testamento. 2ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

⁷ Aos católicos carismáticos também é atribuído este dom de “falar em línguas”, situação que até então era presente apenas nos pentecostais.

línguas”, com efeito, ele sente que o faz por interferência do Espírito de Deus, manipulado por ele. A entrega do Espírito Santo é carregada de emoção, não sendo raras as lágrimas e, às vezes, a perda da consciência durante o transe (2001, p.45).

Fora o Dom de falar em línguas, acrescentou-se ao movimento pentecostal o Dom da Cura de várias denominações, fazendo intervenções nas enfermidades, constituindo o Pentecostalismo de Cura Divina⁸. Diante dos sacramentos e de vários princípios cristãos, principalmente o batismo das águas, o crente pentecostal está no caminho reto da santificação que tanto crer. Mas sem dúvida alguma, os dons do Espírito Santo são os mais prestigiados:

Os dons do Espírito Santo são classificados em: *dons de revelação*, que são a sabedoria, ciência e o discernimento dos espíritos; *dons de inspiração* ou *expressão*, que são a profecia, a diversidade de línguas e interpretação de línguas, *dons do poder*, que são a fé, a cura e operação de milagres. Todos os membros se beneficiam com estes dons que os levam ao caminho reto da salvação (WILGES, 2008, p. 106).

Por sua vez, Mendonça observa a importância do papel social do pentecostalismo: “Sem entrar em valores religiosos, o pentecostalismo e o movimento de cura divina exercem papel social importante, promovendo a catarse dos conflitos do cotidiano que desabam sob a classe trabalhadora pobre e periférica dos grandes centros urbanos e das áreas camponesas de trabalhadores assalariados” (2002, p. 55).

E Houtart (2003, p.38) diz: “O pentecostalismo se difunde no mundo inteiro, em particular nas classes marginalizadas e nas classes médias socialmente vulneráveis”.

Há diante da sociedade, quando inserida na comunidade cristã protestante, um grande respaldo à vida, ou seja, um sentido para sua existência que gera uma confiança que é transportada para a fé. O modelo mais longínquo de pentecostalismo em relação aos dias atuais era o relacionado ao compromisso social, fator interligado sempre ao enfrentamento dos problemas de adaptação mediante aos ensinamentos, estes relacionados às questões de pobreza, o baixo nível escolar e mau aproveitamento no mundo do trabalho e a tentativa de inserir o adepto no ambiente que a princípio não seria o seu, como por exemplo, a relação campo *versus* cidade. Correr do permissivo e abnegar as ‘coisas mundanas’ é algo que este crente tem que fugir constantemente.

⁸ É uma característica predominantemente associada à Igreja Deus é Amor – que de acordo com Mendonça e Velasques Filho (2002, p.54-55) “apesar do nome “Igreja”, entretanto, “Deus é Amor” ainda é apenas um movimento. Sua população é flutuante, e a relação fiel / liderança / sagrado ainda é contratual e descompromissada” –, mas que sentimos gradativamente noutras denominações pentecostais, e inclusive nas correntes neopentecostais como a Igreja Universal do Reino de Deus que tem outros enfoques característicos, como o exorcismo e a Teologia da Prosperidade que trataremos mais adiante.

Dentro das igrejas pentecostais, embora as manifestações de culto sejam populares, oriundas da simplicidade do povo que cultua, sem a sistematização comum às igrejas tradicionais, tais manifestações populares são direcionadas para o sagrado. Assim, essas formas associadas ao popular tomam forma antipopular, porque não têm a ver com a luta do povo pela justiça social e igualdade. Já aconteceram casos em que os crentes pentecostais saíram pelas ruas, clamando por justiça, protestando contra certas imposições sociais; para tanto, utilizaram seus cânticos e seus textos bíblicos tirados dos livros proféticos (LEITE FILHO, 1990, p. 60-61).

Abnegando os prazeres terrenos e focando o olhar para as coisas divinas, espirituais e de Deus, fez com que existissem as rupturas com as situações sociais nas quais os pentecostais aderiram por certo tempo em sua história. Sempre focados nas bênçãos de Deus e por quem deveriam curvar-se, os pentecostais travam até os nossos dias uma batalha dual: os reinos espiritual e material. Devendo o crente opor-se ao segundo reino, daí notarmos a simplicidade do vestuário, esquecendo a vaidade na aparência. E confirma Wilges:

A experiência religiosa consiste essencialmente no seguinte: reconhecer a condição de pecador e partir para a conversão, que é coroada pela santificação completa. Mesmo assim, o crente deve sustentar uma continuidade na vivência religiosa para não sucumbir às tentações de Satanás, que o levariam novamente ao estado anterior à conversão (2008, p.105).

Aderir a uma igreja pentecostal exige do fiel comungante uma postura de sacrifício e abnegação, porque a conduta e a postura são, na maior parte, ditadas e postas como normas. Já às regras e proibições legalistas restringem-se aos diversos costumes, interferindo, entre outras situações, no uso de roupas, dos cabelos e a mídia. Num mundo pecaminoso é tarefa árdua transformar-se em “novas criaturas”, por esse viés podemos caracterizar os fiéis pentecostais, moldados num aspecto espiritual desvirtuado de experiências e prazeres mundanos. Assim, o mundo não é mais o mesmo, cada costume diverge no tempo e no espaço para o crente pentecostal: “Todos têm acesso à salvação de Cristo. Reconhecendo-se pecadores, devem abrir-se a três experiências: arrependimento da vida pecaminosa; conversão, que é seguida pelo batismo das águas e marcada pela consciência de estar salvo em Cristo; e santificação completa, que é alcançada no batismo pelo Espírito Santo” (ibidem., 2008, p. 106).

Tornaria inegável não admitir que os pentecostais ao aceitarem a conduta defendida entre eles têm uma vida diferente em relação a quem não vivencia a experiência:

Não há como negar que o pentecostalismo, tão bem-sucedido entre os pobres, pode servir de estratégia de sobrevivência (STOLL, 1990, p.331) e espaço terapêutico. Da mesma forma, nota-se que ele pode fortalecer os laços familiares (D’EPINAY, 1970), auxiliar na libertação do alcoolismo (MARIZ,

1994a), de drogas ilegais e na renúncia de condutas antissociais, melhorar a auto-estima dos conversos, estimular o apoio mútuo, dar-lhes esperança no futuro e até uma nova identidade subjetiva. Tais funções e papéis religiosos, aliás, são desempenhados, em maior ou menor grau, por várias agências de bens de salvação, sejam elas cristãs ou não. Crescente número de pesquisadores excede tais observações de natureza mais consensual, ingressando num campo de reflexão bem mais polêmico, ao assegurar que este movimento religioso reforma o machismo (BRUNO in: GARRARD-BURNETT & STOLL, 1993), domestica os cônjuges masculinos, proibindo e limitando suas condutas nocivas aos interesses familiares (TARDUCCI, 1993), apesar de reforçar as normas patriarcais, disciplina o comportamento do marido, favorecendo a esposa e sua auto-estima (BURDICK, 1993), redefine as relações de gênero, solapando o machismo ibero-americano e incentivando a autonomia feminina (MARIZ & MACHADO, 1996). E há até mesmo quem defenda, como já foi dito, a tese de que as consequências moral e social da conversão pentecostal na América Latina são similares às consequências descritas por Weber da “ética protestante” e correlacione pentecostalismo com mobilidade social (MARTIN, 1990). (MARIANO, 1998).

1.4 O Crescimento Neopentecostal no Brasil

Uma das certezas mais óbvias do Brasil atual, em termos sociais, é a crescente pluralidade religiosa e o aumento abrupto de novas igrejas. O fato é que nas últimas décadas, o país mais católico do mundo está mudando seu cenário religioso com o crescimento da evangelização nas diversas denominações. Atualmente, ficamos apenas atrás dos Estados Unidos da América em número de protestantes, ou seja, somos a segunda nação em número de religiosos de origem pentecostal⁹. Autores como Camurça, apontam mudanças na demografia religiosa, sobretudo, católica: “O declínio do catolicismo está associado à crise das religiões de tradição majoritárias em qualquer parte do globo (protestantes nos EUA, hinduísmo na Índia) face ao advento da liberdade religiosa no espaço público moderno” (2006, p. 39). De qualquer modo, a expansão pentecostal e, mais precisamente, neopentecostal é algo expressivo e gradual há mais de meio século. Todavia, este grupo não cresce apenas quando nos remetemos às estatísticas demográficas. O crescimento a que nos referimos é tão relevante¹⁰ que se faz ver dentro das esferas da mídia, da política partidária e assistencial e, principalmente, no campo religioso.

⁹ “Recentemente, o movimento pentecostal no Brasil passou a se diferenciar em dois tipos, com dois formatos básicos: os pentecostais “clássicos” e os “neopentecostais”” (GAARDER et al, 2006, p.307).

¹⁰ Los estimados más moderados indican que hoy uno de cada ocho cristianos es pentecostal. Otras apreciaciones estadísticas más audaces calculan em unos 500 millones el número de pentecostales em el mundo (...). El pentecostalismo comenzó a crecer sostenidamente em Chile y Brasil desde mediados del siglo XX (los

Mostra-nos Mariano (2008, p.69):

Os dados mais recentes sobre religião no Brasil foram produzidos pelo Instituto Datafolha e divulgados, em 6 de setembro de 2007, pela *Folha de S. Paulo*: os católicos caíram para 64%, enquanto o conjunto dos evangélicos subiu para 22% da população, sendo 17% deles pentecostais e 5% protestantes. Foram mantidas, portanto, as principais tendências dos decênios anteriores: forte declínio católico e elevada expansão pentecostal. Agora, já são mais de 40 milhões de evangélicos presentes no país, dentre os quais cerca de 30 milhões são pentecostais. Isso faz do Brasil o país com o maior número de pentecostais do mundo. Para dar ideia do êxito expansionista desses religiosos, basta observarem que os Estados Unidos, onde o Pentecostalismo teve origem, tinha apenas 5,8 milhões de adeptos em 2006, segundo pesquisa do *Pew Research Center*.

Há alguns anos, o crescimento religioso pentecostal, ocorria restritamente mais nas camadas pobres. Atualmente é visível na classe média e alta, incluindo empresários, profissionais liberais, artistas e atletas renomados do meio esportivo dentro de suas instalações. Porém, mesmo com esta condição de abertura às demais classes sociais, “o crescimento pentecostal, ocorre de forma muito desigual entre as diferentes classes sociais. Concentra-se nos estratos mais pobres da população” (MARIANO, 2005, p.10). Hoje, encontramos pessoas de todas as classes econômicas, ou seja, camadas sociais nos templos neopentecostais. O que ocorre é apenas um ajuste de templos segmentados aos bairros e suas estruturas socioeconômicas.

Andrade nos apresenta importante informação acerca dos diversos processos que atenuam a sociedade desprivilegiada e sua incessante procura por uma “vitória” em sintonia com a religiosidade. Nesses processos atenuantes estão as injustiças sociais que acarretam desigualdade em todas as esferas da vida em sociedade, gerando exclusão e ausência de um maior comprometimento das autoridades em favor do bem-estar de todos:

Entendemos que, no mundo de hoje, a grande maioria das pessoas busca nos rituais religiosos uma salvação pessoal e satisfação de desejos imediatos. A lógica da valorização do privado em detrimento do público não é, portanto, característica apenas de um modelo político e econômico

estudios pioneros de los años sesenta del sociólogo suizo Christian Lalive d'Épinay y del jesuita brasileño, Damboirena lo consignan con elocuencia), provocando un aumento sostenido del protestantismo en el continente, cuyo número total en América Latina se elevó a cerca de diez millones en 1960 y cuarenta millones en 1995, calculado solamente a partir de las denominaciones adscriptas al Consejo Latinoamericano de Iglesias (CLAI) y la Confraternidad Evangélica Latinoamericana (CELA). América Latina es hoy el continente con más creyentes pentecostales y adventistas en el mundo, y el segundo (después de los Estados Unidos) en número de mórmones y testigos de Jehová. En realidad, cuando hablamos de crecimiento de religiones evangélicas (que es el término más utilizado), además de aludir a las pentecostales se alude a otras dentro de los nuevos movimientos en América Latina, como en todas partes, están lejos de limitarse a denominaciones tipificables como evangélicas e incluso cristianas) (Cf. ALONSO, 2008, p. 5).

imposto, mas insere-se também nas relações interpessoais e religiosas. Dessa forma, as alternativas para a inversão da lógica perversa do neoliberalismo perpassam, necessariamente, pela reconstrução e fortalecimento dos princípios democráticos e pela recuperação da religião apresentada por Jesus Cristo – religião não da vida privada, mas da vida pública e do comprometimento com os oprimidos e excluídos, “na opção pelos pobres, contra a pobreza e em favor da vida”. É nessa lógica que precisamos radicalizar um duplo processo: primeiro de luta por ampliação da democracia em todas as esferas de organização social e, segundo, a luta por resgate dos direitos humanos. Seria essa a forma de enfrentar as políticas neoliberais e construir novos modelos de transformação social (2007, p.116).

O indivíduo teria livre arbítrio para optar por uma preferência religiosa, na eterna busca de superação de diversos dilemas pessoais que norteiam sua vida, mas “em termos diretos, uma ‘preferência religiosa’ pode ser abandonada tão prontamente quanto é adotada” (BERGER, 2004, p. 146). Neste sentido, “a religião não pode ser mais imposta, mas tem que ser posta no mercado” (BERGER, 2004, p. 156).

Dentro da atual estrutura visível ao campo religioso brasileiro, a expressão religiosa neopentecostal¹¹ é a que mais vem se destacando com o crescimento de algumas denominações a partir dos anos 1970, entre as quais a Igreja Universal do Reino de Deus que será por nós abordada no decorrer de nossa pesquisa. De acordo com Fernandes,

estudos datados de fim dos anos de 1990 a respeito da conjuntura religiosa atual sublinhavam que a situação da Igreja católica na América Latina deixara de ser hegemônica e passara a contemplar o confronto com um universo religioso que cresce exponencialmente e que apresenta a tendência de atomização religiosa. Especificamente no Brasil, além do declínio relativo de pessoas que se declaram católicas constatamos o crescimento de evangélicos de cunho pentecostal e neopentecostal (2007, p. 32).

Pereira e Linhares afirmam: “Das três grandes correntes evangélicas presentes hoje no Brasil, a neopentecostal é a que mais cresce” (2006, p. 78). Enfatiza ainda Mariano:

Apesar do rápido avanço e da progressiva influência dessa grande minoria religiosa no alardeado “maior país católico do mundo”, até recentemente o pentecostalismo constava entre os grupos religiosos menos estudados. Somente a partir da segunda metade dos anos 80, com a irrupção dos pentecostais na política partidária, a expansão do televangelismo, a compra da Rede Record pela Igreja Universal e os escândalos fiscais, policiais e políticos, amplamente divulgados pela imprensa, envolvendo pastores e parlamentares, cresceu consideravelmente o número de pesquisadores

¹¹ Optamos por aplicar a expressão neopentecostal às igrejas que surgem posteriores aos anos 1970 não somente por percebermos em muitas das literaturas específicas usarem o devido termo, mas por ser uma efetiva mudança do *ethos* pentecostal. Há inúmeras expressões para aplicar, entre elas pós-pentecostalismo (Paulo Siepierski), iso-pentecostalismo (sociólogos argentinos) e pseudo-pentecostalismo (Washington Franco), sugeridas em diversos discursos autorais.

empenhados em investigar tal fenômeno religioso. Até o momento, porém, muito pouco se conhece sobre o novo pentecostalismo que emergiu nos últimos vinte anos (2005, p.15).

O expansionismo dos evangélicos é uma situação constante e real no processo do trânsito religioso brasileiro. Porém, sem dúvida alguma, maior é a presença de um grupo denominado de neopentecostais dando um *boom* numérico nesta crescente e expressiva corrente religiosa. O crescimento do neopentecostalismo é visto quase sem nenhuma novidade, mas para os propósitos das situações pertinentes referem-se aos atrativos e aparentes motivos que conquistam novos fiéis. E, depois de muito se ver a hegemonia católica enquanto religião da maioria, notoriamente ao longo do século vinte, notamos a presença de outras religiões e depois as rupturas das mesmas a partir da segunda metade do século, criando vários segmentos dissidentes a ponto de mostrar uma nova perspectiva para trabalhar o lado espiritual e de fé longe dos tradicionais templos da Igreja. Os monumentos de séculos que permanecem suntuosos e imponentes são substituídos por locais menores nas periferias dos grandes centros urbanos; depois surgem as grandes estruturas em forma de galpões e, posteriormente, modernas instalações que se fazem notar de fora para dentro como expressão de mudança de um novo tempo. Assim é o trajeto da linhagem protestante nos movimentos pentecostal e neopentecostal até os dias de hoje.

Somados os vários impasses preconceituosos que já existiram quanto aos evangélicos, ou “crentes” como são rotulados, os adeptos do protestantismo em suas segmentações ou movimentos não se limitaram ou diminuíram sua expansão nas últimas décadas. Ocorre que ressurgem com ares mais que renovados nas formas e expressões e se moldam à modernidade, ficando uma cumplicidade com os adeptos a fim de solucionar seus problemas fundamentais. Oriundo dos Estados Unidos no início do século passado, o pentecostalismo é um fenômeno de crescimento em várias regiões do globo terrestre. É um autêntico produto globalizado dentro do conceito de protestantismo que chega a ser popular:

A expansão do pentecostalismo constitui fenômeno de amplitude mundial, posto que neste ramo do cristianismo, formado no início do século¹² na América do Norte, vem crescendo aceleradamente em várias sociedades em desenvolvimento do sul do Pacífico, da África, do leste e sudeste da Ásia. Trata-se de um autêntico processo de globalização ou transnacionalização dessa forma de protestantismo popular. Mas nenhum continente supera a América Latina, o caso mais extraordinário de crescimento pentecostal neste final de milênio. O Brasil se destaca neste contexto. Em números absolutos, figura como o maior país protestante da América Latina [...] ¹³.

¹² A menção de início de século e fim de milênio colocado por Ricardo Mariano é uma referência ao século XX.

¹³ *ibid.* p. 9-10

Os benefícios de cada religião para o fiel são postados sobre diversas linguagens e em diversos meios, principalmente na mídia, resultando um mercado religioso atrativo e surpreendente sem gerar nenhum desconforto, e tão menos “contraditório” entre a ideia de secularização¹⁴ e o surgimento de variadas religiões. De acordo com Pierucci, para a sociedade é dada “a garantia de liberdade religiosa para todos” (1997, p.115), sinal evidente do crescente mercado religioso, fruto de uma busca real para atender os anseios de cada fiel e garantir soluções aos problemas mais prementes, especialmente os de ordem financeira. Pierre Sanchis aponta que é na vaga evangélico-pentecostal que chega às amplas camadas da população a ideia de conversão pessoal, movida pela “opção de fé de cada um”, entrega pessoal em Jesus, atitude ética que muda a relação consigo mesmo e com o mundo, na assunção da condição de “salvo”. (SANCHIS, 1997, p. 108).

Vivemos numa realidade social de tamanha desigualdade e desconforto que somente o apego religioso traz às pessoas uma maior gana de vencer. Os governantes representantes sociais legais, que seriam a ponte para solucionar tamanhos problemas de desigualdade, dividem a ponte com líderes religiosos que impulsionam fiéis na crença de que tudo pode ser resolvido na base das orações, “trocas” com Deus de todos os problemas. E nesse sentido observa Andrade que, “ao tentarmos compreender as mazelas da atualidade, não podemos furtar-nos de analisar o papel fundamental da religião, que tanto pode desempenhar a função de transformadora, como de formadora à ordem vigente” (2007, p.116).

Dadas as barreiras de classe – só mui parcialmente e a duras penas superadas – e a relação figadal entre Pentecostalismo e pobreza na atualidade, deduz-se que a expansão pentecostal poderá desacelerar nas próximas décadas, se ocorrer acentuada melhoria nos indicadores sociais, nas taxas de escolarização e nas condições de vida da população. No momento, contudo, os altos índices de pobreza, desemprego, desigualdade social, criminalidade, violência, precariedade e informalidade no mercado de trabalho tornam o Brasil terreno extremamente fértil para a prédica pentecostal. Tal contexto socioeconômico, porém, não é o responsável por seu sucesso. A vulnerabilidade e o desespero de grandes contingentes populacionais, em especial das mulheres pobres e mais ainda das negras pobres, vítimas de discriminações de gênero e raça, sem dúvida facilitam seu trabalho e ampliam sua probabilidade de êxito. Mas seu sucesso proselitista não depende da existência de tais problemas em si mesmos, e, sim, justamente de sua elevada capacidade de explorá-los, oferecendo recursos simbólicos e comunitários para seus fiéis e potenciais adeptos lidarem com eles (MARIANO, 2008, p.71).

¹⁴ “Com o avanço da industrialização e da ciência no último século, surgiram novas explicações não religiosas para o curso dos eventos. Embora as religiões se mantenham vivas, áreas cada vez maiores da vida social e cultural têm saído de sua influência. E além de os princípios religiosos terem perdido influência na vida social, também os conceitos éticos ensinados pelas religiões não afetam mais as questões sociais. Esse processo é conhecido como *secularização*”. (GAARDER et al, 2006, p.272).

É evidente que as igrejas neopentecostais conseguem atrair mais pessoas das camadas populares, carentes de assistência e pouca expectativa de melhoria diante das adversidades que a sociedade impõe, contudo, há também pessoas de classes favorecidas que buscam, sem drama de consciência, se dar bem na vida a partir do modo neopentecostal de ser. Mas, são nas camadas mais populares que essas igrejas ainda estão mais presentes e fortes:

[...] Os grupos pentecostais e neopentecostais buscam evangelizar o povo simples, as camadas populares desprivilegiadas, e isso através de pessoas oriundas dessas mesmas camadas, que podem compreender o povo que sofre. As igrejas pentecostais e neopentecostais também lucraram com a adesão da massa pobre. A maioria do povo é formada de pedreiros, carpinteiros, motoristas, eletricitas, pintores. Eles contribuíram muito com seus trabalhos para a construção de inúmeros templos-sede, templos menores e salões. Ainda deram e dão ofertas daquilo que sobra (ou do que falta!) (LEITE FILHO, 1990, p.62-63).

Este tipo de experiência apresentada na citação acima foi um dos fortes atrativos das rupturas que, a partir das décadas posteriores ao surgimento do pentecostalismo no Brasil, deram margem às novas ramificações pentecostais. Então, a partir dos anos 1970, surgiram as primeiras igrejas neopentecostais que depois de mais de 30 anos estão aí em efervescência, entre as quais a Igreja Universal do Reino de Deus, denominação religiosa de grande visibilidade midiática e com crescimento vertiginoso, constituindo-se em forte empreendimento dentro de um mercado complexo de bens simbólicos¹⁵:

As opções de religiões e religiosidades vêm crescendo ininterruptamente nos últimos vinte anos. Os templos da Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, espalham-se por todo país e pelo exterior. No Rio de Janeiro, uma igreja gigantesca da IURD, cuja arquitetura lembra a do estádio de futebol Maracanã, foi erguida numa das principais avenidas da zona norte da cidade. No entanto, a Igreja Universal do Reino de Deus não é a única a crescer em número de adeptos e de igrejas, sem falar nos políticos eleitos para as casas legislativas dos estados brasileiros e para o Congresso Nacional, seguida de perto por outras denominações pentecostais como a Sara Nossa Terra, Deus é Amor, Assembleia de Deus etc. (FERNANDES, 2007, p. 86).

Os últimos Censos Demográficos do IBGE confirmam que a expansão evangélica acelerou-se ainda mais no fim do século, porém, afirma que os evangélicos estão distribuídos de modo desigual pelas regiões brasileiras. O Nordeste do Brasil confirma esta hipótese, tendo apenas 10,4% de evangélicos e mostrando que é a região de maior reduto do catolicismo, tornando difícil a penetração de protestantes (Mariano, 2004, p. 121).

¹⁵ Cf. CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 1997, p.14.

Os perfis socioeconômico e demográfico de pentecostais e protestantes são bastante díspares, de acordo com Mariano a partir dos dados do último Censo. Ele afirma que:

Dados do último Censo revelam que a maioria dos pentecostais apresenta renda e escolaridade inferiores à média da população brasileira. Grande parte deles recebe até salários mínimos e ocupa empregos domésticos, em geral modestos e precários, numa proporção bastante acima da média nacional. Em contraste, os protestantes históricos apresentam renda e escolaridade elevadas, ambas bem superiores à média brasileira, estando distribuídos mais nos níveis escolares de segundo grau, graduação e pós-graduação e nas faixas de renda entre seis e vinte salários mínimos. Pentecostais e protestantes são majoritariamente urbanos e apresentam maior proporção de mulheres que de homens. Quanto à cor dos fiéis, os primeiros sobressaem pela presença de pretos e pardos superior à média da população, enquanto os últimos pela maior proporção de brancos. Os pentecostais abrigam mais crianças e adolescentes do que adultos, enquanto os protestantes mais adultos e idosos do que jovens, diferenças de perfil etário e de taxas de natalidade que, tal como ocorre nas comparações anteriores, refletem suas distinções de classe social (2004, p.122).

Em Pernambuco, notamos a partir do Censo Demográfico de 2000 (IBGE), uma acentuada queda do catolicismo, e uma ascensão dos evangélicos pentecostais e de outras filiações religiosas e até sem religiões, comprovadas a partir dos anos 1990.

De acordo com os dados do IBGE, os católicos do Recife declaradamente são 65% e no restante da Região Metropolitana do Recife são 59%. Estes caíram bastante entre os anos 1991 e 2000, onde a população declarante do Recife perdeu em torno de – 12 pontos percentuais e na RMR – 16 pontos, aumentando as porcentagens dos evangélicos e outros.

O declínio católico é mais perceptível em toda a região metropolitana, sendo mais visível na periferia do que no município da capital.

De acordo com Jacob, “os percentuais de evangélicos vão aumentando gradativamente em direção à periferia, chegando a representar um quarto dos habitantes em áreas afastadas no espaço metropolitano, como em Abreu e Lima¹⁶ e em Jaboatão.

Quando traçamos um *ranking*, percebemos segundo os Censos que em termos de números evangélicos, o estado nordestino com maior percentual é Pernambuco com 25,2%, seguido da Paraíba e do Maranhão, respectivamente com 20,4% e 19,9% da população.

Nessas estatísticas, o quadro socioeconômico da Região Metropolitana do Recife é explorado, proporcionando uma maior percepção panorâmica a fim de acrescentar outras informações sobre os possíveis públicos identificados no seio evangélico.

¹⁶ Cf. TEIXEIRA, Marcionila. A cidade dos evangélicos. **Diário de Pernambuco**. Recife, 30 de agosto de 2009. Vida Urbana C5.

Segundo Jacob (2006, p. 80), a pobreza em Recife não é percebida apenas pelo grandioso número de moradores de rua, mas pela acentuada presença de favelas incrustadas às moradias dos bairros mais favorecidos, ocasionando um contraste. Toda a Região Metropolitana do Recife, que inclui Jaboatão dos Guararapes¹⁷, apresenta as mesmas singularidades que encontramos na capital.

Até nas atividades econômicas é similar à região, e estas são incrementadas por indústria, comércio, serviços e o turismo. Prevalecendo o turismo mais acentuado entre Recife e Olinda.

As variáveis socioeconômicas que chamam atenção são as que correspondem aos níveis de rendimentos característicos dos principais grupos religiosos. Destacamos os evangélicos pentecostais, que tem a média de 72% da classe que recebe de 0 a 1 salário mínimo¹⁸.

1.4.1 Neopentecostalismo

Diversos autores designam vários nomes para os movimentos religiosos posteriores nos anos 1970. Mas, para efeito de nossos estudos, aplicamos o termo *neopentecostalismo* por ser validado nas leituras que acolhemos e, principalmente, por não interferir no objeto a que destinamos nossos interesses:

As formas de vida religiosa que hoje mais crescem no Brasil são, em primeiro lugar, as igrejas protestantes pentecostais. E, entre as pentecostais, as que mais crescem são aquelas que já se convencionou chamar de *neopentecostais*. Estas oferecem uma forma de religiosidade muito eficiente em termos práticos, pouco exigente em termos éticos doutrinariamente descomplicada. Os neopentecostais conservam do pentecostalismo clássico o estilo de culto fortemente emocional, voltado para o êxtase, com papel de destaque para a glossolalia, o exorcismo e o milagre, visados sempre como resultados palpáveis a ser experimentados de imediato (Gaarder et. al, 2006, p.307).

No artigo intitulado “O futuro não será protestante”, Ricardo Mariano tece o seguinte comentário que para nós vem a ser introdutório:

O Neopentecostalismo, como estratégia proselitista, pouco exige dos adeptos. A exceção mais evidente fica por conta dos incessantes pedidos de dízimo e ofertas. Em troca, promete tudo, solução para todos os problemas, o fim do sofrimento, a panacéia. Seu sucesso fundamenta-se extensamente no

¹⁷ No livro **Pernambucânia**: o que há nos nomes das nossas cidades, de Homero Fonseca, encontramos o significado do nome da cidade e um breve histórico, entre as páginas 151-152.

¹⁸ As informações referentes às caracterizações dos grupos religiosos, quanto ao nível de rendimento, grau de instrução, ao tipo de moradia, à cor da pele e outros indicadores, encontramos na obra de JACOB et al., **Religião e sociedade em capitais brasileiras**. Rio de Janeiro: Ed.PUC - Rio; São Paulo: Loyola; Brasília: CNBB, 2006, entre as páginas 77 e 86.

milagre, na magia, na experiência extática, no transe, no pietismo ou na manipulação da emoção transbordante e desbragada, todas elas práticas desprezadas e reprimidas pelas igrejas Católicas e protestantes históricas. Propicia, em suma, magia e catarse para as massas (1998).

Diferente dos antecessores, esses novos crentes, os neopentecostais, não se prendem ou limitam-se mais às imposições de vestuário e certos costumes. São extremamente mais simpaticantes às interpretações do dualismo espiritual e são altamente tementes a Deus, porém, com um modo menos radical de obedecê-lo:

Encabeçado pela Igreja Universal, o neopentecostalismo é a vertente pentecostal que mais cresce atualmente e a que ocupa maior espaço na televisão brasileira, seja como proprietária de emissoras de TV, seja como produtora e difusora de programas de televangelismo. Do ponto de vista comportamental, é a mais liberal. Haja vista que suprimiu características sectárias tradicionais do pentecostalismo e rompeu com boa parte do ascetismo contracultural tipificado no estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, volta e meia, estigmatizados. De modo que seus fiéis foram liberados para vestir roupas da moda, usar cosméticos e demais produtos de embelezamento, frequentar praias, piscinas, cinemas, teatros, torcer por times de futebol, praticar esportes variados, assistir a televisão e vídeos, tocar e ouvir diferentes ritmos musicais. Práticas que, nos últimos anos, também foram sendo paulatinamente permitidas por igrejas pentecostais das vertentes precedentes, com exceção da Deus é Amor, que manteve incólume a velha rigidez ascética. Em todas as vertentes permanece, porém, a interdição ao consumo de álcool, tabaco e drogas e ao sexo extraconjugal e homossexual.¹⁹

Para diferenciar as fases que antecedem os neopentecostais, a seguir demonstraremos como eles se caracterizam. A terceira fase é a do Neopentecostalismo, aqui não há simplesmente uma mudança na ênfase, mas inovações substanciais. É possível discernir o Neopentecostalismo através dos seguintes elementos (os elementos de diferenciação deste para o com o Pentecostalismo e com o Deuteropentecostalismo²⁰):

1. Presença da lógica da moderna administração capitalista no empreendimento religioso, sobretudo o marketing;
2. A “Guerra Santa”, com o combate sistemático das “Forças do Mal”, demônios, entidades das religiões de origem africana, maldições hereditárias, etc...

¹⁹ *Idem*, no artigo: Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. Estudos avançados. Vol.18 nº. 52, São Paulo Set. /Dez. 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300010&script=sci_arttext, acessado em 13/10/2008.

²⁰ Segunda onda pentecostal no Brasil, fortalecida com a chegada de dois missionários norte-americanos, Harold Williams e Raymond Botright, pertencentes à Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular (Internacional Church of The Foursquare Gospel). Foi o movimento precursor das curas divinas que perduram até os dias atuais nas várias igrejas que surgiram a partir desta. Cf. Mendonça e Velasques Filho (2002, p.52-53).

3. Ausência dos sinais externos de santidade, característicos dos pentecostais, como as vestes recatadas, o cabelo comprido (nas mulheres), a ausência de maquiagem, brincos, etc.;
4. A utilização de elementos mundanos, retomados em significado, para transmitir a mensagem cristã, tais como música dos mais variados estilos, *Reggae*, Samba e *Rock*, com direito a tatuagens, *piercings* e abuso de adornos de metal;
5. A Teologia da Prosperidade, que pressupõe que toda prosperidade pode ser alcançada com a fé em Deus. E é evidente que nesta lógica, a fé é afirmada com vultosas doações financeiras à Igreja; (SIEPIERSKI, 200, p.92 e MARIANO, 1999, p.32-48)²¹

De modo inusitado, os neopentecostais não restringem suas atuações evangelizadoras apenas aos espaços de seus templos. Conseguem, de modo intrigante, atuar estrategicamente nas diversas festividades, inclusive as profanas, como o carnaval com trios elétricos adequado à moda do momento e transitam nas mais variadas técnicas de marketing, propagando as palavras alusivas da fé estampada e escancarada em qualquer parte a olhos nus.

Focando mais suas pregações na perspectiva da prosperidade, os neopentecostais, veem o alcance material como um meio de vida mais verdadeiro para os crentes, porque Deus permite, mediante pedido. Mariano introduz a seguinte definição para neopentecostais:

A terceira onda demarca o corte histórico-institucional da formação de uma corrente pentecostal que será aqui designada de **neopentecostal**, termo praticamente já consagrado pelos pesquisadores brasileiros para classificar as novas igrejas pentecostais, em especial a Universal do Reino de Deus. O prefixo *neo* mostra-se apropriado para designá-la tanto por remeter à sua formação recente como ao caráter inovador do neopentecostalismo. Embora recente entre nós, o termo neopentecostal foi cunhado há vários anos nos EUA. Lá, na década de 70, ele designou as dissidências pentecostais das igrejas neopentecostais das igrejas protestantes, movimento que posteriormente foi nomeado de carismático. Como deixou há muito de ser empregado nas tipologias norte-americanas, não confunde nem atrapalha nossa tarefa de classificação (2005, p.33).²²

Poderíamos ter começado este tópico com alguma conceituação poética ou clássica para designar os neopentecostais. Optamos por abrir com o que os estudiosos (MARIANO, FRESTON, ORO, MENDONÇA e VELÁSQUEZ FILHO) lançam como características

²¹ LACERDA, Lucelmo; PAPALI, Maria Aparecida Chaves Ribeiro. **E os católicos se rendem à Universal do Reino de Deus** – aproximações dos carismáticos com neopentecostalismo. Revista Espaço Acadêmico, nº 71. Disponível em www.espacoacademico.com.br, acessado em 1/7/2008.

²² Adotadas por muitos dos pesquisadores da religião, a divisão das correntes pentecostais são chamadas de primeira, segunda e terceira onda. Seguimos, de acordo com o nosso referencial teórico, Ricardo Mariano e assim acolhemos. A primeira onda é o **pentecostalismo clássico**, seguido do **deuteropentecostalismo** e, por fim, a terceira onda, ou seja, o **neopentecostalismo**.

evidenciadas – as quais compactuamos –, por estarmos em alguns momentos presentes, ao lado de fiéis, para que pudéssemos situar a nossa temática diante do espaço geográfico real no distrito que acolhemos e assim confirmar a relação entre a mudança de denominação e a escolha da igreja estudada. Sobre os neopentecostais, Mariano ainda diz:

Seus cultos, evangelísticos ou não, praticamente batem só nesta tecla. Funcionam como prontos-socorros espirituais e como tais são procurados. Baseiam-se em promessas e rituais para a cura física e emocional, prosperidade material, libertação de demônios, resolução de problemas afetivos, familiares, de crise individual e de relacionamento interpessoal (*Ibidem*, p.9).

Consideradas neopentecostais, temos como maiores expoentes: Igreja Universal do Reino de Deus, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, Nova Vida²³, Internacional da Graça de Deus e Renascer em Cristo, ficando a primeira como alvo deste trabalho. A maior parte dessas denominações é instalada em locais amplos, onde já funcionaram galpões, casas de espetáculos e até cinemas. Se antes era alugado cada espaço, hoje, na maior parte são propriedades materiais de cada igreja:

Crescem a olhos vistos os números de templos e de denominações. Seus membros já não se escondem mais, seus templos estão por todas as partes, em lugares destacados, onde outrora eram antigos e amplos cinemas e casas de espetáculos ou então são simplesmente construídos em pouquíssimo tempo. Eles estão nas ruas, realizando passeatas e anunciando Jesus Cristo, em diversos locais públicos ou em ginásios e estádios lotados. Mesmo assim, se evitarmos ou tentarmos ignorar sua presença eles reaparecem em nossas casas em programas de rádios ou de Tv's. Estão no dia-a-dia do cenário brasileiro e em atividades não necessariamente religiosas, competindo com êxito neste mundo externo. Estão na cultura, na política, nas favelas, na mídia, no mundo *virtual* da *internet* com páginas pessoais e institucionais, nas empresas, nos presídios, nos bairros centrais, nos distantes e nos marginalizados (BONFATTI)²⁴.

Se o pentecostalismo tradicional procurou preservar a essência original de seu Evangelho, adaptando-se ao processo de secularização, condicionado nas perspectivas da sociedade urbano-industrial, diferente fez o neopentecostalismo, que não ficou condicionado

²³ Cf. (Mariano, 2005, p.39), "... esse processo de "neopentecostalização", que é inevitável, já vem ocorrendo em algumas denominações. Fenômeno indisfarçável nas Igrejas do Evangelho Quadrangular e Nova Vida, que genealogicamente, pertencem ao deuteropentecostalismo, mas que vêm, a passos largos, se aproximando da configuração típico-ideal da vertente neopentecostal. Mesmo no protestantismo histórico nota-se toda sorte de apropriação de doutrinas e práticas antes restritas quase que tão-somente no circuito neopentecostal".

²⁴ BONFATTI, Paulo. **Relevantes aspectos observados na Igreja Universal do Reino de Deus**. Disponível em www.rebedo.psc.br, acessado em 23/10/2008. A maioria dos dados desse artigo está baseada nas pesquisas realizadas pelo autor durante a elaboração da tese de mestrado defendida na UFJF, em 1998, intitulada "Xô Satanás! Uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus". Esta mesma obra foi transformada em livro pela editora Paulinas, em 2000, com o título *A Expressão Popular do Sagrado: Uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus*.

ao meio como os seus inspiradores, antes causou uma infiltração, e aderiu de forma relevante a outros valores, dando sua contribuição quando se tornou eclético e um pouco distanciado do pentecostalismo tradicional. Afirma Duarte:

De certo modo, o pentecostalismo tradicional procurou se adaptar as condições socioculturais, condicionadas pela urbanização, sem perder a essência do Evangelho. O neopentecostalismo, no entanto, procura reconciliar seu evangelho com as crenças diversas, num sistema unificado. Neste caso seria o neopentecostalismo resultante do sincretismo religioso. Melhor dizendo: ecletismo. O neopentecostalismo se caracteriza como resultado de infiltração e adoção de outras ideias religiosas. Isto é, ele é resultante de conflitos culturais-religiosos que o levou a escolher, em cada sistema religioso, aquilo que lhe parece mais adequado a sua verdade, tornando-se, contudo, um sistema sem originalidade e sem coesão. É sincretista ou ecletista porque, a fim de se adaptar a religiosidade popular, desperta essa tendência (1994, p.37).

Segundo Dantas (2007 p. 63-64):

As igrejas neopentecostais apresentam-se como igrejas liberais no que tange aos usos e costumes e passam a oferecer uma vivência religiosa muito eficiente em termos práticos. Esta forma de evangelizar contrasta radicalmente com a tradição religiosa latino-americana, pois desde a colonização, a evangelização ocorria sem respeitar as identidades culturais das pessoas, isto é, evangelizar significava ‘uniformizar o outro’ a partir de padrões culturais e religiosos da cultura européia ou do país-sede da igreja. As igrejas neopentecostais, ao contrário, adotaram uma evangelização aculturada, com uma liturgia mais próxima da complexa realidade cultural e social brasileira e direcionada diretamente à cultura popular, sendo muito bem recebida pelo povo. Ritmos como o baião, o samba, o bolero e recentemente o *rap* e o *rock* foram incorporados à liturgia religiosa neopentecostal, fazendo com que esse segmento religioso conquistasse um grande número de ex-devotos católicos, que esquecidos pelo imobilismo territorial da paróquia podiam participar e pregar sua crença sem ter vergonha da sua forma de ser e de viver. Para entender o crescimento quantitativo das igrejas neopentecostais, é importante salientar que elas procuram aproximar-se do contexto popular, dialogando com o povo na mesma linguagem utilizada nos subúrbios e na periferia, recuperando um tipo de religiosidade muito viva na cultura popular, valorizando e reforçando o fascínio que o sagrado exerce sobre o povo.

Com tamanha versatilidade e velocidade nas ações empreendedoras, as igrejas neopentecostais tornaram-se realmente um “supermercado da fé”²⁵. Há prateleiras para todos

²⁵ Utilizamos a expressão em alusão ao “supermercado espiritual” de Pierucci, para evidenciar como a relação dos fiéis (consumidores) e dos vários segmentos religiosos que disputam atenções das pessoas como um mercado do tipo supermercado, onde as prateleiras têm os produtos para cada necessidade. Presenciamos em Berg (2004, p.157) a idéia de mercado religioso e trazemos a passagem em que ele diz “torna-se cada vez mais difícil manter as tradições religiosas como verdades imutáveis (...) os conteúdos religiosos tornaram-se sujeitos a ‘moda’”.

os gostos e necessidades, ou seja, para cada situação-problema do “consumidor-fiel”. Para Lacerda e Papali ²⁶,

parece que o sucesso neopentecostal no mercado religioso atende uma demanda específica de sentido apreendida pelos neopentecostais e que forcem os demais produtores de bens simbólicos a ressemantizar seu próprio arcabouço doutrinal e também reforçá-lo com novos ingredientes, em maior consonância com essas novas demandas.

1.5 O trânsito religioso: motivos e mudanças de denominação

A busca por benefícios e sustentação da vida em algum apego religioso é uma constante na relação das pessoas que buscam nas igrejas a solução de seus problemas. Todavia, não encontrando respostas para seus dilemas, a busca incessante passa a ser uma constante, até que lá no fim do túnel, surja aquela religião que seria a salvadora: “O consumidor religioso escolhe uma e até mais de uma experiência mística, ou solução espiritual, ou serviço religioso dentre uma grande variedade de propostas provocantemente expostas no “supermercado espiritual”(Pierucci, 1997, p. 112).

Na medida em que se moderniza o mundo, torna-se inevitável o processo de secularização, haja vista que não se consegue mais reter alguém que não tenha uma consumação de fato de toda uma estrutura que a religião ofereça. Berger afirma que: “A característica de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações” (2004, p. 149).

O autor acima citado mostrou como as antigas estruturas de plausibilidade que garantiam o ancoradouro das visões de mundo em certezas subjetivas, acabam se enfraquecendo na medida em que vai se instaurando a moderna sociedade industrial (*op.cit*, p. 139-151). Para Berger, a ideia tradicional de que a modernização leva necessariamente ao declínio da religião, encontra resistências bem vivas no campo empírico contemporâneo. “A situação contemporânea da religião caracteriza-se, portanto, por uma progressiva burocratização das instituições religiosas” (*op.cit*, p. 151). Como características desta nova situação temos a perda da antiga segurança das estruturas religiosas que garantiam a

²⁶ LACERDA, Lucelmo; PAPALI, Maria Aparecida Chaves Ribeiro. **E os católicos se rendem à Universal do Reino de Deus** – aproximações dos carismáticos com neopentecostalismo. Revista Espaço Acadêmico, nº 71. Disponível em www.espacoacademico.com.br, acessado em 1/7/2008.

submissão de suas populações. As adesões seguem agora um ritmo voluntário, e não mais decorrente de uma imposição de autoridade.

O que caracteriza o trânsito religioso é, sem dúvida alguma, a busca das recompensas e soluções que sejam envoltas de rapidez nas promessas que o fiel traçou com Deus e seus representantes. Não atingindo o imediatismo das promessas, torna-se inevitável o processo de rotatividade até o fiel encontrar sua pertença.

Para os líderes religiosos surge um embate ou uma batalha no campo do discurso de cada um para não perder mais nenhum fiel. Incorporadas às suas práticas religiosas, rituais chamativos são estratégias atrativas e/ou atraentes para prender ou criar a permanência do comungante. Os meios de comunicação tornam-se aliados para quem pode arcar os investimentos.

O que se detecta nos estudos recentes são uma forte transitoriedade e mudança religiosa em nossa sociedade, diversificada, ao longo das últimas décadas e com relevante importância para os estudiosos em suas análises dos fenômenos nas questões que levam a tais mudanças. Destacamos esta oportuna fala de Almeida e Montero:

Trabalha-se com a hipótese de que as pessoas não mudam de religião de maneira aleatória. A movimentação ocorre em direções precisas, dependendo das instituições envolvidas. Algumas são preferencialmente “doadoras”, enquanto outras são mais “receptoras”; algumas trocam adeptos entre si, enquanto em outras são as crenças que circulam mais (2001, p.93).

No levantamento de dados gerais no *site* da prefeitura sobre o município do Jaboatão dos Guararapes, dividido em cinco distritos, é notável, no primeiro distrito, a qual pertence o bairro dos Prazeres, que se situa na Região Metropolitana do Recife, a crescente presença de templos neopentecostais em meio aos outros templos religiosos tradicionais e diversos. Com o levantamento de informações do último Censo (2000) e as estimativas do IBGE em 2004 e 2006, constatamos no primeiro distrito do referido município um percentual significativo de evangélicos, aspecto interessante de se observar, devido ao convívio de diversos segmentos sociais, numa área mais próspera do ponto de vista urbano-industrial, apesar da dicotomia existente entre as classes sociais em aspectos econômicos.

No último Censo (2000/2001) a população da cidade era de 581.556 habitantes e nas estimativas do IBGE era de 630.008 pessoas, logo o mesmo instituto em 01 de julho de 2006, pôs como estimada população em 651.355 habitantes. No distrito em questão que reúne os conjuntos: Muribeca, Marcos Freire, Porta Larga e Lagoa das Garças, ainda de acordo com os dados, estima-se uma população de 326.321 pessoas. Predomina no distrito 53% de Católicos e 26% de Evangélicos nas duas maiores correntes religiosas. Fernandes, para dar parecer

acerca dos acontecimentos sobre as religiões em sentidos diversos de suas mudanças de adeptos, afirma:

Em nossos dias, o florescer do pluralismo cultural e religioso trouxe para os primeiros lugares da reflexão teológica e pastoral a relação entre fé e cultura. Nos ambientes de religião hegemônica, o que ocorre é uma forte, para não dizer absoluta, identificação entre ambas. O limite entre ser cidadão e ser religioso é bastante tênue. Ao contrário, quanto mais se fortalece o pluralismo cultural e vão surgindo novas perspectivas para avaliar e enfrentar o dia-a-dia, cresce igualmente a consciência de que fé e cultura não se identificam sem mais. Existe entre ambas uma determinada relação, que cumpre identificar e avaliar (2007, p. 143).

Este estudo nos levará, portanto, a analisar o problema da mudança de denominação religiosa do distrito já mencionado focando aspectos de ordem religiosa, histórica e sociológica. Afirma Benedetti sobre a análise do trânsito religioso:

Deve deslocar seu foco: trata-se de encarar disposições subjetivas, mais do que a competição entre os grupos religiosos instituídos. Não é apenas a competição entre agências “dotadas” de sentido como enfatiza Berger (1995). Mesmo porque o sentido vem a reboque de um bem materializado, físico, objetivo: cura, prosperidade, bem-estar, satisfação emocional. E o próprio “universo de sentido” é efêmero e múltiplo. (2006, p.128).

Já a análise do trânsito religioso de Prandi (1996) segue a seguinte direção:

A religião não precisa mais ser gratuita, nem ser de todos. Como serviço que se consome ou não, porque não é mais nem compulsória nem única, obrigada a concorrer com um número cada vez maior de ofertas diferentes, a religião se privatiza e ao se privatizar atende apenas a uma parte da população, que por sua vez se enxerga diferentemente das outras partes por causa de suas próprias escolhas e não de suas características sociais [...]. Ela já não junta, mas separa. [...] Cria espaços separados que são ilhas de sentido. Agora são múltiplos e às vezes inconciliáveis os sentidos que as diversas religiões concomitantes e concorrentes emprestam à sociedade. A religião não é mais para sempre, e só dura enquanto durar a capacidade de troca que se pactua de ambos os lados, do serviço e do consumidor. Desencantos e desentendimentos são respondidos com mais uma nova escolha (PRANDI, 1996, p.76). (*Apud* BENEDETTI, op.cit, 129).

Com vários apelos e necessidades individuais notamos o mudar de religião, atualmente, algo mais comum tendo como panos de fundo, diversos símbolos que faz com que o indivíduo adote uma determinada identidade religiosa mediante lei de oferta e procura²⁷: A mobilidade

²⁷ Dentro da ideia de mercado religioso que compactuamos saber sobre a sua existência, os elementos da economia: oferta e demanda são nele aplicados assim: A oferta e a demanda por um bem não passam de intenções dos produtores e consumidores. A quantidade que vai ser efetivamente transacionada no mercado vai depender da conjugação destas duas intenções: a oferta e a procura. A única possibilidade de atender tanto às intenções dos consumidores como a dos produtores é quando coincidirem a quantidade demandada com a

religiosa, portanto, é majoritariamente circunscrita nesse universo, redesenhando-o incondicionalmente a partir da composição entre a oferta das denominações religiosas e a busca dos indivíduos (FERNANDES e PITTA, 2006, p. 121).

No que propõe Bourdieu acerca do campo religioso, ainda teríamos a monopolização “de bens de salvação por um corpo de especialistas religiosos, socialmente reconhecidos como detentores exclusivos desta competência específica” (1986, p. 39). Estes sinalizariam para a demanda de fiel-consumidores os bens necessários para salvação e outras necessidades.

A seguir, iremos analisar como se originou a IURD e sua expansão, os contornos bibliográficos do líder Macedo, as repercussões de algumas situações nada convencionais que envolveram nomes de líderes da Universal em meio ao cenário nacional, abordando ainda o televangelismo empreendedor e a “Guerra Santa”.

2. A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

2.1 Breve história expansionista de uma instituição bem sucedida

De origem humilde e suburbana passou a ser uma instituição religiosamente expressiva e internacional em pouco mais de três décadas. É o que resultou a igreja do bispo Edir Macedo.

Fundada em 9 de julho de 1977²⁸, por Edir Bezerra Macedo, juntamente com seu cunhado Romildo Ribeiro Soares (o R.R Soares da hoje Igreja Internacional da Graça de Deus) e Roberto Augusto Lopes, a IURD veio de influências e cisões anteriores. O comando da IURD, até 1980, cabia ao Romildo Soares, mas “sua liderança, logo começou a ser atropelada pelo estilo autoritário e centralizador de Macedo, bem como por seu carisma, dinamismo e pragmatismo” (Mariano, 2005, p.56). Com a saída de R.R Soares, Edir Macedo e Augusto Lopes, logo se ordenaram bispos, em 1981, através do episcopado adotado. Logo Macedo, sozinho, passou a liderar a IURD, transformando-a num fenômeno religioso mediante colhimento de adeptos. Mariano afirma que, “Macedo, além de ditador e carismático, demonstrou ser exímio empreendedor religioso e administrador de empresas”.²⁹

Nos últimos anos, a Universal, apesar de todos os percalços, conseguiu granjear maior legitimidade social e consolidar sua organização religiosa. Realizações que decorrem, em parte, da expansão de sua base demográfica e, em especial, de seu poder religioso, midiático, econômico e político. Se fosse possível resumir as principais razões de tamanho sucesso levando em conta tão-somente o lado da oferta e, com isso, desconsiderando o contexto social, cultural, religioso e político abrangente, *grosso modo*, poderia se afirmar que a extraordinária expansão numérica e institucional da Igreja Universal resulta do desempenho de sua liderança eclesiástica e administrativa à frente do governo denominacional, do trabalho religioso em período integral e da eficiência de seu clero, do ativismo militante dos obreiros, do poder de atração de sua mensagem, do investimento em redes de comunicação e da acentuada eficácia das técnicas e estratégias de proselitismo eletrônico, da oferta sistemática de serviços mágicos adaptados aos interesses materiais e ideais de estratos pobres da população, do sincretismo de crenças e práticas mágico-religiosas em continuidade com a religiosidade popular (MARIANO, 2004, p. 133-134).

²⁸ No dia 9 de julho de 1977, foi realizado o primeiro culto na Igreja da Bênção, que dois anos mais tarde mudaria definitivamente de nome para Igreja Universal do Reino de Deus. Apesar da diferença de placa, instituiu-se, internamente, esse dia como data oficial do nascimento da Universal (Tavolaro, 2007, p. 112).

²⁹ *Ibid.*, p.64.

Em pouco mais de 30 anos, a IURD, de um galpão de uma antiga funerária no Rio de Janeiro, expandiu-se para 172 países (4748 templos e 9660 pastores somente no Brasil),³⁰ e vem mostrando a força de uma estrutura erguida sob um proselitismo intermediado pelos meios de comunicação e que culminou com a compra de uma rede de televisão e de várias emissoras de rádio. Relata Tavolaro numa alusão ao começo da atuação de Edir Macedo à frente do que seria futuramente a Igreja Universal do Reino de Deus:

O exército de pastores liderado pelo bispo Edir Macedo começou a ser arregimentado em 1975, ano em que fundou A Cruzada do Caminho Eterno, entidade que também se chamaria Casa da Bênção antes de mudar de nome definitivamente para Igreja Universal do Reino de Deus. Foi um tempo de vacas magras (2007, p.109).

O surgimento simplório e a determinação de Edir Macedo fizeram a Igreja Universal do Reino de Deus tornar-se uma referência diante das igrejas tradicionais e de peso mais pelo seu determinismo do que por qualquer atributo:

Um dos principais responsáveis pela constituição desse verdadeiro império religioso, o fluminense Edir Bezerra Macedo, seu líder e fundador, tornou-se crente evangélico aos dezoito anos, ingressando na Igreja de Nova Vida por meio da influência de uma irmã. Antes era católico e freqüentava a Umbanda. Permaneceu na Nova Vida de 1963 até 1975, quando, contrariado com seu elitismo de classe média, deixou-a para fundar a Cruzada do Caminho Eterno. Dois anos depois, nova cisão: saiu para formar, junto com outros crentes, a Universal do Reino de Deus.³¹

Somado aos anos de labuta e dificuldades, numa época em que a Ditadura Militar dava as rédeas à vida social, Edir Macedo ergueu uma igreja que, alguns anos mais tarde, se destacaria com garra diante de uma estrutura nacional e internacional fenomenal. Com certeza, nenhuma igreja cresceu tanto em tão pouco tempo, nos referindo a própria Igreja Universal em sua primeira década de existência. Tavolaro nos relata os primeiros passos de Macedo a partir da igreja antecessora à IURD:

Naquela época, Edir Macedo saía de casa, todos os sábados, com um teclado simples, um microfone, uma caixa de som e uma Bíblia. Era o suficiente. Chegava ao final da tarde no Jardim do Méier, subúrbio carioca, subia os sete degraus do coreto no centro do bairro e começava a pregar. Discursava sob o

³⁰ Informações referentes e encontradas na biografia “chapa branca” *O Bispo – A História revelada de Edir Macedo*, de autoria dos jornalistas da sua emissora, Rede Record de Televisão, Douglas Tavolaro e Christina Lemos, até a data da publicação da primeira edição em setembro de 2007.

³¹ Artigo de Ricardo Mariano, “Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal”. Estudos avançados. Vol.18 n°. 52, São Paulo, Set./Dez. 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300010&script=sci_arttext, acessado em 13/10/2008

pequeno telhado pontiagudo, sustentado por doze ripas de madeira. Juntava sempre um pequeno grupo de pessoas, normalmente curiosos que passavam pelo local arborizado. Pouco a pouco, alguns voltavam nos sábados seguintes, atraídos pelas palavras de Macedo. O público nunca era dos maiores. E também não fazia ideia do significado daqueles momentos. Nascia uma das maiores igrejas evangélica do planeta. As reuniões da Cruzada do Caminho Eterno começaram a ficar lotadas. Além do coreto nas noites de sábado, passaram, então, a ser realizadas em um antigo cinema em frente: o Bruni Méier. Depois, num local maior: o cine Ridan, no bairro da Piedade, também na Zona Norte do Rio. O bispo fazia incursões em diversas regiões cariocas, como Cidade de Deus e Largo do Anil. Percorria as comunidades pobres para atrair frequentadores e promover batismos – para os evangélicos, a imersão na água é o símbolo público da conversão do devoto.³²

No início dos anos 1980, ainda recém-criada, a IURD tinha algumas dezenas de seus templos abertos em alguns pontos do Rio de Janeiro, de São Paulo e logo por todo o Brasil. Ainda no mesmo período, a IURD já se instalava em alguns países. Tornou-se evidente a força expansionista da igreja e hoje ainda há sinais de crescimento. De acordo com Tavolaro,

Os anos 1980 foram uma década positiva para a política expansionista de Edir Macedo. Em 1980 também foi aberto o primeiro templo no exterior, em Mount Vernon, em Nova York, nos Estados Unidos. Era o início do avanço internacional: Argentina, Portugal, Estados Unidos, México e África do Sul. O crescimento no Brasil foi rápido. Em oito anos, já havia 195 templos em catorze estados brasileiros e no Distrito Federal. Em média, 24 templos por ano, dois a cada mês. Um a cada quinze dias.³³

Com a compra da TV Record, podemos assinalar uma cobertura maior da IURD em todos os Estados brasileiros a partir dos anos 1990, saltando o número de fiéis de 269 mil para mais de 2.101.887, onde a conquista de adeptos majoritariamente estava entre os estratos mais pobres e menos escolarizados da população (Mariano, 2004, p.125).

2.1.1 Contornos biográficos de uma liderança religiosa

Segundo Charplin, o líder é “aquele que guia, dirige ou controla as ações dos outros (...) ou aquele que reúne traços de personalidade e outros atributos para a liderança”³⁴ (p.173). Na mais recente obra sobre o criador desta igreja: *O Bispo – a história revelada de Edir Macedo* é que resgatamos alguns dos principais elementos acerca dessa imensa estrutura que é a Igreja Universal do Reino de Deus e da vida edificada deste líder, questionado e

³² *Ibidem.*, 109-10

³³ *Ibidem.*, p.121.

³⁴ CHARPLIN, James. *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Edições Quixote, 1981.

criticado por muitos religiosos, mas uma figura ímpar para seus seguidores. Porém, antes de acrescentarmos qualquer detalhe sobre o líder religioso Edir Macedo, façamos um breve corte histórico em sua vida pessoal cheia de sutilezas e informes tão incomuns quanto a realidade de muitos dos crentes membros de seu império da fé. A partir de Mariano (2005), Freston (1996) e Tavolaro (2007), resgatamos informações sobre a figura primaz da IURD, em aspectos pessoais, proporcionando um elo à figura do líder de uma igreja que, atualmente, abarca inúmeros adeptos de várias realidades sociais. Segundo Mariano:

Edir Bezerra Macedo nasceu em fevereiro de 1945, na cidade fluminense de Rio das Flores, Rio de Janeiro, numa família pobre de migrantes. Seu pai, Henrique Francisco Bezerra, alagoano, possuía uma pequena “venda de secos e molhados”. Sua mãe, Eugênia Macedo Bezerra, mineira, dona de casa, teve 33 filhos, dos quais dez morreram e 16 foram abortados por terem, segundo Macedo, nascido “fora de época” (2005, p.54).

Por sua vez, enfatiza Freston que,

Edir Macedo é o quarto de sete filhos de um comerciante em Rio das Flores-RJ. A família mudou-se para o Rio de Janeiro e, com 17 anos, Edir empregou-se na Loterj do Estado. Lá, subiu de contínuo para um posto administrativo. Começou um curso universitário, mas não chegou a se formar (1996, p. 132).

O bispo Macedo, então,

tornou-se crente evangélico aos dezoito anos, ingressando na Igreja de Nova Vida por meio da influência de uma irmã. Antes era católico e freqüentava a Umbanda. Permaneceu na Nova Vida de 1963 até 1975, quando, contrariado com seu elitismo de classe média, deixou-a para fundar a Cruzada do Caminho Eterno. Dois anos depois, nova cisão: saiu para formar, junto com outros crentes, a Universal do Reino de Deus (MARIANO, 2004, p.125).

Ainda cedo, ao participar das denominações evangélicas que antecederam a fundação da sua própria igreja, a vida religiosa de Edir Macedo foi galgada com certas dificuldades e nem sempre com muitas e boas atribuições e, de acordo com Freston,

Em 1977, aos 33 anos, Edir deixou o emprego para se dedicar ao trabalho religioso. De origem católica, entrara na Igreja da Nova Vida na adolescência após breve passagem pela umbanda. A Nova Vida foi berço de três grupos da terceira onda (IURD, IIGD e Cristo Vive) cujos fundadores (Macedo, Soares e Miguel Ângelo respectivamente) foram membros lá. Não é por acaso. A Nova Vida foi pioneira de um carisma de classe média, um tanto à frente do seu tempo no Brasil. Por isso, e pelo estilo de liderança do fundador estrangeiro, não cresceu muito entre a classe média propriamente, mas atraiu pessoas de classe média baixa que aproveitaram o treinamento para elaborarem receitas inovadoras para o pentecostalismo de massas (1996, p. 132).

Com tamanha jornada e vasta experiência a frente desta grandiosa igreja, Edir Macedo adquiriu o respeito e a admiração de seus seguidores, isso, porém, não impediu a rejeição por outras denominações e suas lideranças. Mas aqui não trataremos de desavenças e situações vexatórias, porque entre as várias que o bispo Macedo passou, nenhuma apagou o efeito que sua imagem construída em três décadas não desestruturou sua igreja, pelo contrário, influenciou positivamente. Uma observação pertinente para os tipos de lideranças que os neopentecostais têm, encontramos em Duarte (1994 p.83-84):

Os grupos neopentecostais em todo o Brasil identificam seus líderes como pessoas especiais escolhidas por Deus, que receberam poderes especiais para uma missão de trazer uma solução social, espiritual, econômica e política para o povo, principalmente o povo sofrido. O contexto cultural é de suma importância porque os fundadores Missionários, pastores, agentes especializados são frutos desse contexto cultural. São pessoas incultas, não passaram por uma faculdade teológica. São frutos dessa cultura religiosa do seu meio. Apesar de o líder carismático se tornar o produto da comunidade, ele carrega os traços do autoritarismo e de protetor dos fiéis, como se lembra d'Épinay, ele é o “anjo protetor”, o “chefe”, porque recebe de Deus esta autoridade. Para Rolim, o poder religioso é exercido “pelos agentes especializados, interessados na continuidade de sua posição”, que se destaca dos excluídos da produção religiosa, dos leigos. Para ele, a divisão social do trabalho implica separação, contudo, nesta separação estão os interesses dos líderes voltados para os interesses dos leigos, apenas como base de sua sustentação, de poder e de dominação.

Figurando como um líder de primeira grandeza, na sua igreja, o bispo Edir Macedo tornou-se uma pedra fundamental quando o assunto era concentrar multidões. Este sim foi seu maior contato com seus fiéis. Movendo milhares de pessoas em cada evento de curas e outras práticas envolvendo sua autoridade tática e perspicácia. Freston (1996, p.146) descreve o atuante líder Macedo:

Hoje, Edir Macedo é líder incontestado da Igreja Universal do Reino e de todas as suas atividades. Mas não está nos mesmos moldes dos grandes líderes da segunda onda de pentecostalismo, Manoel de Mello e David Miranda. A incapacidade administrativa de Mello e o familismo de Miranda limitaram a expansão e impacto de suas igrejas. Macedo, porém, além de líder religioso, é empresário e administrador (com certa formação universitária, algo que o distancia de Mello e Miranda). Tem (advogados, policiais, juizes, empresários, homens do mundo das comunicações), mas ele próprio mantém as rédeas nas mãos graças ao seu monopólio teológico e ideológico. Outro contraste com Mello e Miranda é o estilo menos personalista (na televisão, por exemplo, Macedo se dilui). Embora possuindo fortes elementos de autoridade carismática (amplos poderes de inovação), a continuação da IURD não parece uma entidade hoje respeitável, o Exército da Salvação, cujo fundador carismático e autocrático, William Booth, inicialmente

registrava todas as propriedades do movimento em seu próprio nome e transmitiu a liderança para seu filho.

Com o prestígio de quem juntava multidões, o bispo primaz da Universal do Reino de Deus fez escola dentro de sua própria igreja. Muitos pastores e bispos poderiam assim dizer, seguiram o exemplo do líder-maior³⁵.

É muito comum ouvirmos dos fiéis argumentos fidedignos para livrar suas lideranças de qualquer perseguição e quando nos reportamos às lideranças da Igreja Universal do Reino de Deus, os membros logo nos relatam que tudo consiste nas “armadilhas do Diabo” para derrubá-los por serem “homens de Deus” e, nas mais simples das hipóteses, que tudo tem a ver com perseguições políticas, judiciárias e religiosas³⁶. O status de líder faz com que a

³⁵ De acordo com Freston (1996 p. 144-146): “A organização da Igreja Universal facilita o controle centralizado e a inovação metodológica constante. Em *Economia e Sociedade*, Weber mostra como a religião pode se descolar da demanda social através da formação de uma classe sacerdotal detentora do poder de definir a mensagem. A IURD procura minimizar a dependência das demandas leigas de várias maneiras. Primeiro, através da diversificação da origem dos ingressos. Em segundo lugar, por meio de um esquema eclesial que não cria fortes laços horizontais entre membros. Não se permite a participação congregacional a nível decisório, evitando que o tradicionalismo se imponha. Em terceiro lugar, através de mudanças frequentes dos pastores, evitando a formação de bases independentes de poder. As transferências são facilitadas pela padronização: “quem viu uma igreja Universal, viu todas”, dizem. E, em quarto lugar, pela economia dos gastos por meio da utilização de muitos pastores baratos porque jovens, solteiros ou recém-casados sem filhos, muitas vezes com baixas expectativas de sustento porque recém-saídos das drogas ou outra forma de vida desorganizada. Para eles, o pastorado oferece várias vantagens: uma disciplina e supervisão capazes de reforçar a recuperação; um contexto para compartilhar o deslumbramento da vida reconstituída; e um sentido de importância. Não menos importante é garantia de sobrevivência, mesmo modesta. Alguns pastores ex-viciados estariam para a IURD um pouco como os “filhos da igreja” estavam para o catolicismo da República Velha: “donativos em espécie moldados pela corporação como mão-de-obra especializada” (Miceli 1988: 97, 103, 107,108). A IURD também conta com a mão-de-obra gratuita dos muitos *obreiros* e *obreiras*. Vestindo um uniforme que lembra o de comissários(as) de bordo, recepcionaram as pessoas, expulsam os demônios, cuidam das crianças e limpam o templo.

Quanto ao sistema de remuneração de seus pastores, a igreja faz mistério. Temos a impressão de que o sistema de remuneração não é uniforme e que a distribuição das receitas é bastante desigual, criando uma “aristocracia” e um “clero menor”. Nada de novo aí na história das religiões. Mas, ao contrário das situações parecidas (o judaísmo neotestamentário, a Igreja Católica em muitas épocas), a IURD opera num contexto pluralista e tem que levar em conta as alternativas de emprego ou de autonomia no campo religioso. Por enquanto, a expansão rápida, oferecendo amplas oportunidades de promoção na hierarquia (de pastores regionais e estaduais para assistentes diretos de Macedo), ajuda a manter o sistema.

³⁶ Encontramos em diversos momentos da história atual brasileira, denúncias e críticas sobre a Igreja Universal e seus líderes e mecanismos de atuação dos mesmos. Aqui mencionaremos alguns dos episódios mais interessantes: O *boom* do interesse da imprensa pela Universal ocorreu imediatamente após a compra da Rede Record, em 1990. Foi a partir daí que a igreja e seus líderes tiveram a imagem massivamente bombardeada pela mídia, tornando-se símbolo de charlatanice. É natural que desde então sua liderança recorresse à estratégia de colocar-se na posição de vítima. Mas o fato é que, em seu caso, o discurso persecutório antecedia em alguns anos o pico de interesse da mídia, da Justiça e da polícia sobre ela e seu líder. Exemplo: o jornal *O Despertar da Fé* de março de 1985 já fazia referência a perseguições contra a igreja. Nele, Macedo num rompante moralista e conservador, por um lado pedia “mais censura” a revistas, filmes e novelas, por outro lado, dizia esperar que “o governo da Nova República possa também olhar com mais carinho e atenção para o grande público evangélico do Brasil e que não lhe seja cerceado o direito de liberdade no exercício da fé cristã, em especial a pentecostal, assegurada pela atual Constituição”. É verdade que em dezembro de 1984, quatro meses antes da publicação do referido jornal, três templos da Universal em Feira de Santana, BA, haviam sido fechados durante uma semana por determinação da Justiça, em razão da denúncia de um ex-pastor, que a acusava de estelionato, charlatanismo, curandeirismo, extorsão e exploração da credibilidade pública. (Cf. MARIANO, 2005, p.80-81 *et seq*). Outros

pessoa que ocupa tal função seja um porta-voz de Deus, independente de ser um bancário, pintor, jornalista. Basta compreender os anseios, aspirações e o pensamento dos fiéis. Nem importa de fato sua formação teológica e tão menos intelectual. Uma exigência comum é que o líder seja carismático, saiba utilizar a linguagem popular e tenha certo conhecimento quanto as Escrituras. Não se cobra mais nenhuma outra característica porque o restante das virtudes vem do Espírito Santo. Mas de acordo com Silva e Holanda (2008, p. 381):

A despeito das exigências do mercado religioso, o caráter vocacional e sacerdotal parecem ser fortes componentes na estruturação do sentido no trabalho desses líderes. Sob a influência dessa noção e ética, a vocação para o trabalho pastoral tem não apenas um caráter humano, mas se mistura a uma missão divina a que se deve submeter, o que traz outro sentido ao trabalho, aspecto essencial quando se enfoca a questão da espiritualidade no mesmo.

episódios sucederam-se ao longo da década de 1990, como a prisão de Edir Macedo em 1992, mas nenhum conseguiu ter maior repercussão nacional do que o episódio do “chute na santa” e meses antes a exibição de uma minissérie da Rede Globo tendenciosa, de acordo com muitas pessoas, no que se referia à semelhança da IURD”. Segundo Mariano, “em pleno feriado de Nossa Senhora, dia 12 de outubro de 1995, enquanto milhares de romeiros católicos acorriam a basílica de Aparecida, no interior de São Paulo, para pagar promessas, rogar bênçãos e cultuar a padroeira do Brasil, Sérgio Von Helde, na época bispo da Universal, responsável pela igreja no Estado de São Paulo, em dois programas matutinos da Rede Record, tocava com os pés e os punhos a (toques que foram alardeados e interpretados como potentes chutes e socos) a imagem da santa, ironizava sua disfuncionalidade, arrastava-a e a rotulava, em tom de escárnio, de “boneco feio, horrível e desgraçado”. No mesmo dia, no pátio da basílica de Aparecida, um grupo de pentecostais, num ato assaz provocativo e arriscado, realizava manifestação (logo dissolvida por romeiros católicos) usando a imagem de Nossa Senhora para simular, de modo grotesco, circense e espalhafatoso, milagres de cura de deficientes físicos” (2005, p.83). Mas não poderíamos pular o episódio da prisão de Macedo e todos os fatos que cercaram tal feito (Cf. FRESTON, 1996, p.154-156 *et seq*). Uma das notícias mais recentes envolve um ajuizamento do Ministério Público Federal em São Paulo, devido a programação de TV por incitar “a demonização” de religiões afro: “O MPF-SP (Ministério Público Federal em São Paulo) ajuizou uma ação civil pública contra a Rede Record e a TV Gazeta pedindo indenização no valor de, respectivamente, R\$ 13.600.000,00 e R\$ 2.424.300,00, pela suposta discriminação das religiões de origem afro-brasileira na programação das emissoras. De acordo com a Procuradoria, programas religiosos exibidos nas redes de TV utilizam há anos expressões que discriminam religiões como umbanda e candomblé, tais como “encosto”, demônios, “espíritos imundos”, “feitiçaria”, além da famigerada “macumba”. Para a procuradora regional dos Direitos do Cidadão Adriana da Silva Fernandes, autora da ação, as emissoras não estão imunes de responsabilidade sobre programas feitos por produtoras independentes. “A Record e a Gazeta são responsáveis pelas ofensas às religiões de matriz africana desferidas reiteradamente pelos programas religiosos veiculados em sua grade de programação”, ressaltou Adriana Fernandes. Em liminar, o MPF pede que as emissoras interrompam a exibição de programas que façam esse tipo de referência aos cultos de origem afro, e sugere multa diária de R\$ 10 mil em caso de descumprimento da possível decisão da Justiça. Em nota, a TV Gazeta, informou que ainda não foi notificada sobre a ação de MPF e que, portanto, não poderia comentar o assunto. A emissora ratificou, no entanto, “sua posição plural, democrática e não discriminatória, que é claramente refletida em sua programação, aberta à participação de todos os segmentos da sociedade.” A reportagem de **Última Instância** procurou a Rede Record, mas até o momento não houve resposta. A procuradora destaca que os referidos programas ferem direitos fundamentais, como a liberdade de crença e o “respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família”. “O abuso praticado pelas três contraria a dignidade da pessoa humana, (...) bem como os próprios objetivos de construção de uma sociedade livre, justa e solidária, com a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”, ressalta Adriana da Silva.

Segundo o MPF, em abril de 2008, o Ministério das Comunicações aplicou multa de R\$ 1.012,32 às duas emissoras por ofensas às religiões afro, mas na visão da procuradora, a sanção não foi suficiente para acabar com as discriminações praticadas.” Por isso pediu indenização equivalente a 1% do faturamento das empresas, que poderá ser revertido para o Fundo de Defesa dos Direitos Difusos. (MAIA,2009). Disponível em: <http://ultimainstancia.uol.com.br/noticia/62439.shtml>, acessado em 06/03/2009.

2.1.2 A expansão espacial e o televangelismo empreendedor da Universal do Reino de Deus

De acordo com Oro, a Igreja Adventista foi pioneira no Brasil para o uso da mídia na pregação religiosa. No ano de 1940, o Sistema Adventista de Comunicação levou ao ar o programa de rádio *A Voz da Profecia*. Da linha pentecostal, quem investiu primeiro foi a Assembléia de Deus, seguida por Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil Para Cristo e Deus é Amor (1993 p.304-334).

Um atrativo grandioso foi o rádio no Brasil, situação que proporcionou algumas denominações evangélicas internacionais instalarem seus programas aqui. O berçário das correntes neopentecostais tem nesta fase seu surgimento, quando, no final dos anos de 1950, o missionário canadense Robert McAlister comandou o programa popular *A voz da Nova Vida*, que originou, em 1960, a Igreja Nova Vida. A inspiração da IURD e de tantas outras igrejas para o uso da mídia vem dessas referências, com um formato enlatado dos EUA que depois adquire um *ethos* brasileiro.

De acordo com Dantas,

Desde os tempos do Antigo Testamento milhares de homens visionários apareceram com o intuito de captar os anseios das massas e guiá-las sob a bênção do Divino. Nos dias de hoje, com o advento dos meios de comunicação de massa, os ‘profetas’ não necessitam mais ir para as praças para pregar para seus fiéis, pois estes tornaram protagonistas da aldeia global ao utilizar a mídia para falar em nome do Divino e orientar o povo conforme os seus desígnios (2007, p.65).

O poder da mídia é altamente aliado ao progresso do neopentecostalismo que temos na IURD e noutras igrejas de mesma origem. Porém, dados da Revista *Época*³⁷, mostram que a cada dez pessoas que entram na Igreja Universal, oito são recrutadas ou chamadas pela programação televisiva e neste intermédio, prega-se o maior discurso que é um chamamento, onde a igreja é apontada como o lugar que mudará a vida do fiel que ingressar. Todo um aparato convidativo é exposto e vai além das legendas que mostram a IURD mais próxima e o itinerário dos cultos.

Ousada e acima de tudo flexível quanto as suas práticas religiosas e a realidade do mundo, a Igreja Universal do Reino de Deus seguramente cresce a cada dia no Brasil e em outros países sem nenhum “toque de caixa”, ou seja, sem nenhuma economia. Prova maior

³⁷ Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,ESP331-1654,00.html>.

são as estruturas de suas instalações que chegam a apagar o seu início humilde em meio a uma massa populacional carente e assustada a espera de mais um produto no mercado religioso. Berger sustenta que “toda a sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento” (2004, p.15). Patriota afirma que:

No tempo presente a religião parece aumentar sua presença imagética em todos os lugares do planeta. Por toda parte as mídias ressaltam ainda mais as suas cores. E se, em dado momento, a religião vinha perdendo seu espaço e influência na sociedade real, ao empenhar-se na utilização dos suportes midiáticos, consegue ampliar, consideravelmente, a sua visibilidade. São satélites, antenas, cabos e redes de computadores que se prestam a transmitir infindáveis horas de abundantes conteúdos religiosos. Nesse espaço, duas esferas que eram claramente distintas - realidade e fantasia -, se confundem, graças, sobretudo aos novos meios de comunicação, que fazem com que a distância entre ficção e realidade seja, aos poucos, abolida (2008, p.70).

Na medida em que expande, a IURD se consolida nos locais que se instala. Nunca se viu uma igreja tornar-se um fenômeno a ponto de ser localizada em várias continentes. Em 1998, a mesma torna-se fixa em pelo menos 50 países³⁸. Por mais que venhamos tratar das estratégias da Igreja Universal do Reino de Deus em meio às tecnologias na propagação da fé, crescimento acelerado e seus interesses diversos é viável taxarmos de *igreja eletrônica*³⁹, mesmo no que se diferencia do que se estruturou nos Estados Unidos, inclusive quanto ao exercício eclesiástico.

Para somar ao tamanho sucesso expansionista da IURD, não podemos esquecer-nos de mencionar os mecanismos de seu funcionamento, a partir de seu governo verticalizado e centralizado:

Como fator de expansão denominacional, o governo verticalizado e centralizado da Universal, com efeito, é tão ou mais importante que a decantada competência religiosa gerencial e empresarial de sua liderança eclesiástica. Nesse sentido, cumpre destacar que o governo episcopal tal como exercido pela igreja reforça a unidade e a coesão denominacional, dinamiza o processo decisório, agiliza a transmissão das ordens superiores e a realização dos trabalhos administrativos, organizacionais e de evangelismo, permite centralizar a administração dos recursos coletados e fazer investimentos caros e estratégicos, como a abertura de novas congregações e frentes de evangelização, a construção de templos de grande porte, a compra de emissoras de rádio e TV, a criação de gravadoras, de editoras e de outros empreendimentos. Apesar de eficiente, o governo vertical e centralizado coíbe inteiramente a autonomia de pastores e adeptos. Tanto que os mais de quinze mil pastores titulares e auxiliares responsáveis pelos mais de quatro mil templos no Brasil são remanejados freqüentemente de local de trabalho e não

³⁸ Cf. MARIANO, 2005, p. 65.

³⁹ Cf. FRESTON, 1996, p. 132.

gerenciam os recursos que arrecadam, enquanto os fiéis não escolhem seus líderes locais nem participam da deliberação sobre a aplicação dos dízimos e ofertas. Para ser pastor na Universal, "os requisitos são a conversão, a dedicação e o desejo de fazer a obra de Deus. Em alguns Estados há um curso especial e intensivo com duração de seis meses, no qual o obreiro é orientado nos princípios básicos do cristianismo e da IURD", afirma o ex-pastor José Vasconcelos Cabral. Exigências simples e nada elitistas - conversão, dedicação e desejo - facilitam a formação de novos pastores e aceleram o ingresso dos candidatos ao trabalho pastoral. Segundo Cabral, o aprendizado para exercer o pastorado ocorre mediante "a atuação prática e direta nas igrejas". De forma que, para o aspirante a pastor, basta aprender a reproduzir corretamente o que os pastores titulares fazem no púlpito. Para avançar na hierarquia eclesial, precisam demonstrar elevada capacidade de coletar dízimos e ofertas, habilidade tida como sinal de bênção divina.⁴⁰

A Igreja Universal detem canais de televisão, mas com certeza prioriza mais as empresas de rádio por chegar até uma parcela mais fácil de atingir seus propósitos e compactuar de um mercado de fé menos excludente.

As lideranças pentecostais, em geral, preferem o rádio à TV. São pelo menos três as razões dessa predileção: o menor preço de locação ou de compra das emissoras, seu baixo custo de manutenção e sua elevada audiência entre os estratos mais pobres da população. Além de demandar maior custo financeiro, o televangelismo, segundo Fonseca (1997), resulta em benefício proselista inferior ao proporcionado pelo radioevangelismo. Daí que são poucas as igrejas que optaram por concentrar a maior parte de seus investimentos em propaganda religiosa na TV. Embora seja a denominação brasileira que mais investiu na aquisição de emissoras de televisão, a Universal prioriza a evangelização pelo rádio. Nos programas radiofônicos, transmite prioritariamente testemunhos e promessas de bênçãos e, em segundo plano, exhibe músicas de cantores e bandas evangélicos contratados por sua gravadora e mensagens pastorais, incluindo a *Mensagem Amiga*, do bispo Macedo. Na TV, prioriza igualmente a exibição de testemunhos de fiéis e a oferta de soluções mágico-religiosas para sanar os problemas dos telespectadores. Além de cumprirem o papel de desbancar as religiões concorrentes, apontadas frequentemente como ineficientes, demoníacas e responsáveis pelos infortúnios vivenciados pelos conversos antes de seu encontro com Cristo, os testemunhos de bênçãos recebidas funcionam como comprovação prática inegável da realização das promessas de bênçãos e milagres divinos propagandeados pela igreja. De modo que eles constituem a principal vitrine da denominação para demonstrar aos ouvintes e telespectadores o real poder da Universal de derrotar o Diabo e os males causados por ele e, por meio disso, de pôr fim aos problemas materiais e espirituais que afligem os seres humanos. Diferentemente das igrejas cujos programas enfatizam a difusão do ensino doutrinário, ou transmitem preponderantemente sermões ou preleções teológicas, a Universal destaca o poder transformador de Deus na vida dos homens, exibindo testemunhos propagandísticos de curas, milagres, intervenções e bênçãos divinas de toda espécie. Além disso, seu evangelismo eletrônico procura funcionar como linha de transmissão das atividades realizadas nos cultos públicos,

⁴⁰ Cf. MARIANO, 2004.

convidando insistentemente os ouvintes a comparecerem nos cultos, eventos e campanhas da igreja. Com isso, visa atrair os ouvintes e telespectadores para os templos, locais em que poderão efetivamente ser persuadidos de que precisam ser libertos dos poderes demoníacos, de que necessitam ter um encontro com Cristo, de que devem obedecer a Deus e, por fim, permanecer na igreja como condição necessária para assegurar a salvação.⁴¹

Segundo Mariano:

Desde o princípio, Macedo adotou a evangelização eletrônica como carro-chefe de sua estratégia proselitista. E por meio da popularidade adquirida como apresentador de um programa religioso na Rádio Metropolitana, conseguiu suplantar R. R. Soares na liderança da igreja. Em 1980, implementou o governo eclesiástico episcopal, no qual assumiu o posto de bispo primaz e o cargo vitalício de secretário-geral do presbitério, cargo do qual renunciaria em 1990 para evitar que eventuais sanções penais contra si atingissem a igreja (2004, p. 125).

Mas não podemos esquecer-nos de mencionar que muito de seu crescimento e sucesso deve-se a convocação de seus membros para doar jóias, dízimos e ofertas, poupança, propriedades juntamente com seus pastores para que a Igreja Universal executasse aquisições e negócios milionários como compra da então falida Rede Record de Rádio e Televisão⁴², no fim dos anos 1980. O resultado desta operação fez uma empresa de tal porte surgir, crescer e colaborar para o expansionismo incessante da IURD, afinal nem poderia se eximir porque seu proprietário é detentor desta que, de certa forma, seria uma ferramenta útil à ascensão de qualquer ideia emergente para alcançar as fronteiras de nossos territórios com propósito da evangelização, ou seja, sendo mais direto com difusão.

O uso proselitista que a Universal faz da TV, embora seja diário e de maior duração comparado às igrejas concorrentes, é limitado. Conforme decisão de Macedo, apenas os horários do início e do final da programação da Rede Record, cujo principal cliente é a Igreja Universal, são reservados para a transmissão de programas evangelísticos. E mesmo nesses horários, a Record, em janeiro de 1998, retirou do ar três programas religiosos [...].⁴³

Dáí explicar uma força mais que aliada para o processo de difusão da mesma com uma marca da mídia a serviço da fé. No exterior, a IURD têm muitas emissoras de rádio e TV para ajudar em suas propagações evangelísticas. Em termos gerais, além de aliados, os meios de comunicação tornam-se partes essenciais dos propósitos evangelísticos em meio ao cenário religioso contemporâneo, disputadíssimo por sinal. Mas também, estes meios de comunicação

⁴¹ *Idem*, 2004.

⁴² *Cf.* Mariano, 2005, p.66.

⁴³ *Idem*, 2005, p.67.

aliados às igrejas muitas vezes são outros instrumentos que divergem do propósito celestial para o comercial ⁴⁴.

Os cultos midiáticos tornaram-se recursos de propagação religiosa com forte inspiração novelística, com aparições de testemunhos e histórias emocionantes relacionadas à vida deteriorada dos muitos fiéis em forma de dramatização. O enredo soa novelesco, diante dos embates das forças contrárias que assolam e causam os problemas das pessoas. Cada caso é retratado de maneira atrativa e de uma simplicidade objetiva. O entretenimento surge. É mais bem apreciado aquele que consegue atingir com a mensagem mais simples e próxima da realidade de cada um, inclusive nos anseios consumistas: felicidade, prosperidade e saúde. Menciona Patriota (2008, p.72) que:

Recursos comuns aos espetáculos são usados para tornar a mensagem religiosa mais atrativa e, conseqüentemente, mais superficial, ilustradas com histórias de vida e testemunhos emocionais permeados de elementos cinematográficos e novelescos que objetivam a construção de novas perspectivas para a antiga mensagem: é a hora do entretenimento.

O uso dos recursos televangelistas pode ser comum entre algumas denominações religiosas atuais, mas nenhum é aplicado de modo mais acirrado quanto na IURD, independente desta ter uma rede de televisão como mecanismo prático. Todas as outras ramificações religiosas que detém espaço na mídia têm os mesmos propósitos que são atrair e efetivar os consumidores em fiéis.

Levando em conta o fato de que assistimos diariamente a uma imensa quantidade de programas religiosos televisivos chegamos à conclusão de que, praticamente todas as ramificações religiosas buscam um espaço na televisão. O que não podemos negar, contudo, é que no contexto religioso contemporâneo os apelos aos sentidos, essencialmente à visão, têm suscitado entretenimento, desejos e ansiedades no consumidor religioso. O que nos parece, à primeira vista, é que o conceito de “missão” religiosa está sendo deixado de lado para o alcance de melhores resultados em termos numéricos, para o “enchimento” de igrejas e abertura de novos templos. Poderíamos, inclusive, considerar a transformação dessa mesma mensagem religiosa em

⁴⁴ Patriota (2008, p.71-72) afirma que “esse novo processo de organização da atividade religiosa torna o discurso religioso uma mercadoria cuidadosamente embalada e oferecida por meio dos espetáculos televisivos. Todavia, o que parece ocorrer é que a importância do discurso propagado torna-se irrelevante ao ser experimentado no cotidiano, porque o encanto desse discurso fácil de ser consumido está, principalmente, enquanto se mostra como elemento espetacular, mas, uma vez deslocado de sob os holofotes espetaculares, ele é ofuscado pela realidade *sem graça*. Esse desencanto deve ser compensado imediatamente com um novo encantamento: a criação exaustiva de novos produtos e discursos religiosos - afinal, a mercadoria precisa dar lugar à mercadoria. E na sociedade atual, conforme Debord (1967) afirma em sua tese de número 37, o mundo revelado pelo espetáculo é o do império da mercadoria. Por esse motivo, de acordo com Ramos (2005), não se trata de uma conjuntura limitada e localizada, mas de algo global e globalizante. Já que, como postula Debord (tese 42), o espetáculo é a ocupação total da vida social pela mercadoria. Dessa, forma, conclui Ramos 2005:172), todos acabam por ser tratados como convertidos em consumidores, inclusive os fiéis e religiosos”.

uma mercadoria específica que deverá ser “vendida” basicamente em dois mercados distintos: o dos fiéis e o dos consumidores. O que se vê hoje, com clareza, são acirradas disputas denominacionais no cenário religioso. (PATRIOTA, 2008, p. 70-71).

Informa-nos Oliveira (2006, p. 87) que:

Não são poucas às vezes em que pastores e bispos da IURD, tanto nos programas radiofônicos quanto nos programas televisivos, expressam aos fiéis a necessidade da participação num culto e, em muitos casos, de um ritual particular. Há de um modo geral, um reconhecimento da importância de assistir aos programas de TV ou ouvir pelo rádio as pregações. É comum ouvir os pregadores desta Igreja destacar que seus programas são fontes de bênçãos. Contudo, não deixam de ressaltar que além de pagar o dízimo, o fiel precisa ir a um templo, fazer um ritual, rezar na assembléia juntamente com as outras pessoas e se comprometer a ser assíduo a uma ou outra prática ritual.

2.2 A eterna “Guerra Santa”: A dimensão espetacular e pedagógica da expansão institucional.

Converter-se em cristãos, para os neopentecostais, é travar uma guerra contra as forças das trevas que provocam todos os males e deixa toda a sociedade repleta de enfermidades que vão desde doenças aos sintomas de pobreza. Lutar contra o mal faz do crente um vencedor a ponto de ter sinais evidentes da vitória do corpo (relacionando as doenças) e não se limitando ao sentido da alma como único instrumento de toque aos interesses divinos. Vencer o Diabo é garantir prosperidade nas finanças, saúde física e felicidade mesmo neste mundo terreno. Os neopentecostais, em geral, associam cada infortúnio na vida das pessoas às forças do Mal advindas principalmente nas figuras divinizadas das religiões adversárias⁴⁵.

A IURD foi a denominação que mais se enquadrou como um exército guardião e ferrenho combatente das forças malignas, assim como designam principalmente os deuses e guias das religiões afro-brasileiras. Bonfatti é enfático ao comentar a realidade da dimensão do mal na igreja Universal:

Diante desta dimensão extremamente racional e longínqua da realidade de nosso povo, a IURD se aproxima da nossa cultura, mais uma vez ligando-se a matriz religiosa brasileira de uma forma sincrética, trazendo o mal e o demônio para o cotidiano de seus rituais e concepções. Ela rompe radicalmente com estes artifícios teológicos e filosóficos que lidam com o mal. Aliás, tudo que é racional ou intelectual não é muito bem aceito por esta igreja, já que a única dimensão verdadeira é a bíblica e a única verdade é Jesus Cristo. Sim, o mal é uma realidade viva e atuante na vida das pessoas

⁴⁵ São vistas como religiões adversárias àquelas de procedências afro-brasileiras como Candomblé e Umbanda, por exemplo.

através de seu criador, o demônio. O que justifica mais uma vez a necessidade da IURD como única combatente possível contra este grande inimigo da obra de Deus. Ela não só o reconhece como também o exorciza, convertendo e curando as pessoas. A figura do demônio está tão presente nesta igreja que sem ele a IURD não poderia ser o que é.⁴⁶

Então, a partir dos anos 1980 é que esta postura de combate aos cultos afro-brasileiros, principalmente aos umbandistas, desencadeou o que se apressou em colocar como “guerra santa”. Tal postura de ataque sistematizada e agressiva somente a Igreja Universal encarregou-se de combater, as demais denominações da linhagem pentecostal não ousaram tanto no radicalismo. Na visão de Berger, “o homem enfrenta o sagrado como uma realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca a sua vida numa ordem, dotada de significado” (2004, p. 39).

No cenário atual, pode-se entender a neopentecostal Igreja Universal, fundada em 1977, como resultante da interação, tanto simbólica quanto numericamente, dos universos evangélicos e umbandista. A Igreja Universal construiu uma religiosidade que condenou – e ao mesmo tempo validou – os conteúdos de outras religiões, contudo, paradoxalmente, incorporou as formas de apresentação e certos mecanismos de funcionamento de uma prática encontrada particularmente na umbanda. Ela ficou mais parecida com a religiosidade inimiga ao elaborar um sincretismo às avessas, que associou as entidades da umbanda e orixás do candomblé ao pólo negativo do cristianismo: o diabo. Se originalmente os universos foram formados em contextos diferentes, a interação (produto do trânsito de pessoas e ideias) gerou uma religiosidade que mistura exus com glossolalia, exorcismo com transe; de tal maneira que se estabeleceu uma continuidade pela qual as entidades conseguiram transitar e esses universos puderam, pelo transe, se comunicar. Os pares: negação / inversão e assimilação/continuidade são os mecanismos fundamentais pelos quais se processaram essa antropofagia religiosa. Graças a esses binômios, a Universal pôde manter o proselitismo de fiéis e, ao mesmo tempo, ser sincrética com outras crenças, que, juntamente com os infortúnios vividos pela população brasileira, formam o alimento constitutivo do seu simbolismo religioso (Almeida, 1996).⁴⁷

Uma batalha espiritual é deflagrada e nela vem pedido de curas e libertações. Esses são alguns dos entraves da “Guerra Santa” quanto às forças do mal. Para cada problema que atrapalha a vida de seus fiéis, os pastores e obreiros da IURD encontram um culpado ou até mais de um. Diversos cultos são designados para cada caso e especialidade, para resolver tudo basta ter fé e, após algumas sessões, tudo parece ter chegado ao fim. As súplicas e lamentos

⁴⁶ BONFATTI, Paulo. **Relevantes aspectos observados na Igreja Universal do Reino de Deus**. Disponível em www.rebedo.psc.br, acessado em 23/10/2008.

⁴⁷ ALMEIDA, Ronaldo de. ; MONTERO, Paula. **Trânsito religioso no Brasil** (artigo) p.99, 2001.

logo são substituídos por sons altos de emoções máximas por cada cura e libertações através de muita “Glória a Deus”, “Aleluia” etc. Mariano comenta que,

Com sua pedagogia guerreira, a Universal procura manter e acentuar a dependência de soluções sacrais dos fiéis e, ao mesmo tempo, engajá-los, cada vez mais em maior número e com mais ímpeto, numa luta incessante contra os espíritos das trevas. Para Macedo, os cristãos não devem ficar na defensiva, mas sim na ofensiva contra o Diabo, revertendo as consequências de seus atos, conquistando território e pessoas para Jesus. Movidos pelo ressentimento do povo eleito perseguido pelo Diabo, encorajados pela liderança e embalados pela ira santa, pastores e fiéis ultrapassaram o espaço interno dos templos, provocaram conflitos e agrediram adeptos das religiões adversárias, desencadeando a malfadada “guerra santa”. Convictos de que combatem as fortalezas do inimigo para fortalecer o exército divino e gozar das bênçãos decorrentes desse posicionamento (2005 p. 121-22).

Mas a “Guerra Santa” em cada igreja continua e parece não ter fim devido à demanda que chega a cada dia, posterior às notícias de resoluções de casos anteriores. A crítica pode até surgir, mas as funcionalidades dos serviços mágicos que podem os fiéis angariar parecem ser inesgotáveis. Por mais que haja luta declarada contra as religiões afro-brasileiras, outros segmentos de origens estrangeiras têm seus seguidores como alvos, mas há uma tolerância no sentido de alertá-los e tirá-los dos caminhos nada virtuosos que os mesmos seguem, de acordo com os combatentes neopentecostais.⁴⁸

Os entraves inquisitoriais promulgados pelos neopentecostais contra as forças do mal, assim como são classificados os umbandistas, os praticantes do candomblé e adeptos do kardecismo não são restritos apenas a eles. Notamos este tipo de combate com os pentecostais tradicionais e até nos carismáticos católicos. Mas é fato que este empenho para aniquilar as forças extremas ao Bem seja a característica mais marcante da Igreja Universal, mesmo existindo um pensamento similar na Igreja Internacional da Graça de Deus e Casa da Bênção. Menciona Vagner Gonçalves da Silva que:

O ataque às religiões afro-brasileiras é, sem dúvida, uma marca do neopentecostalismo, porém já estava presente nas fases anteriores do movimento pentecostal, como elemento da teologia da cura divina. Sendo uma das partes constitutivas do ritual da bênção aos doentes, a cura servia para mostrar a vitória de Deus sobre o Demônio, geralmente identificado com a umbanda e o candomblé (ROLIM, 1990, p.59)⁴⁹.

⁴⁸ A “pedagogia” da guerra santa trás como benefício à IURD, de forma sincrética, o apoderar-se das formas celtas e dos símbolos do outro que se demoniza. O ritual de “desobstrução” é apropriação subjetiva e material do outro que se designa como força maligna.

⁴⁹ Cf. Transes em trânsito – continuidades e rupturas entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata. (org). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.

Todavia, nenhuma igreja consegue ser mais hostil e agressiva na incessante batalha espiritual quanto a Igreja Universal, que chega ser parecido com o processo da Inquisição na Idade Média, levado a cabo pela Igreja Católica Romana, mas adaptado aos dias atuais, substituindo as armas da época com as palavras e discursos na mídia e nos templos. Se de um lado a “Guerra Santa” soa como uma batalha dualista entre o Bem e Mal no campo espiritual, com todos os ganchos salvacionistas e libertários, por outro lado ela vem transparecer numa luta expansionista e aniquiladora, mas sem perder o viés fidedigno da batalha que a originou. Não fica uma guerra pela libertação e cooptação de fiéis, mas pelo fechamento e destruição dos terreiros e centros, daí mencionarmos uma guerra de cunho material tão quanto espiritual:

A “batalha espiritual” pode ser definida como uma meta-narrativa construída através da bricolagem de elementos clássicos da narrativa bíblica, como o maniqueísmo e a existência do diabo e das suas hordas, e modos de explicação de infortúnios tidos como “arcaicos”, como a feitiçaria, a possessão e a transferência do mal através do contato. Unidos em uma espécie de “drama bélico”, esses elementos textuais teriam a finalidade de encenar metonimicamente a subjetividade e o cotidiano dos fiéis neopentecostais como um perene campo de batalhas entre as forças “do bem” e “do mal” (Reinhardt, 2007 p. 30-31).

Mas o curioso é o modo como a IURD se porta diante de suas práticas religiosas e repudia as religiões afro-brasileiras e o espiritismo. Edir Macedo na sua obra “*Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*” faz a seguinte descrição das religiões afro-brasileiras e o espiritismo:

No candomblé oxum, iemanjá e ogum entre outros demônios, são verdadeiros deuses a quem o adepto oferece trabalhos de sangue para agradar, quando alguma coisa não está indo bem ou quando deseja receber algo especial. Na umbanda, os deuses são os orixás, considerados poderosos demais para serem chamados a uma incorporação. Os adeptos preferem chamar os espíritos desencarnados ou espíritos menores, chamados caboclos, pretos velhos, crianças. Na quimbanda, os deuses são exus, adorados e servidos no intuito de alcançar alguma vantagem sobre um inimigo ou alguma coisa imoral, como conquistar a mulher ou marido de alguém ou obter favores por meios ilícitos etc. No Kardecismo e nas demais ramificações espíritas ou espiritualistas, os demônios se apresentam como espíritos evoluídos ou ainda em evolução, que precisam de doutrina (2004, p.14-15).

De acordo com Azevedo Júnior:

Entre os neopentecostais encontramos não apenas o dualismo. ‘Deus X Diabo’. Acreditam também que o universo está dividido em dois reinos o reino espiritual e o reino material. O reino espiritual é habitado por seres espirituais: Deus, o Diabo, anjos e demônios, em luta constante. O reino

material é este nosso mundo, habitado pelos homens e pelo restante da criação divina. É o campo de batalha da guerra espiritual. E pelo seu domínio é que se trava a guerra. E mais: o reino espiritual é mais real que o material, dizem eles. O que ocorre neste mundo em que vivemos é reflexo dos acontecimentos da ordem espiritual (1994, p.10)⁵⁰.

Na medida em que são travadas as batalhas, as forças de uma das partes tende a diminuir. É imprescindível cada combate, e as forças da verdade e bondade tem a predestinação à vitória, pois o Bem sempre vence o Mal - o resultado seria o Diabo vencido e envergonhado⁵¹. O repudiado tratamento que a Igreja Universal do Reino de Deus dá às religiões afro-descendentes e o espiritismo é merecedor de um questionamento, pelo menos.

A situação de mercado religioso em que opera a IURD significa não apenas a concorrência, mas o colapso de estruturas monolíticas de plausibilidade. Sem a plausibilidade da igreja medieval, a IURD não pode vender indulgências para comutar tantos anos de purgatório. Suas promessas precisam ser mais imediatas e intramundanas (FREESTON, 1996, p. 152).

Muitas das práticas que são realizadas nas religiões de Umbanda bem como no Candomblé a Igreja Universal adota, ou melhor, pratica. Nos cultos, por exemplo, de terça-feira, em todos os templos são realizadas “*sessões do descarrego*”. Nestes encontros, os fiéis são convidados a ficar em pé com as mãos na cabeça e os olhos fechados enquanto o pastor que está na frente do altar ordena aos espíritos que se manifestem. Os obreiros são os únicos que permanecem atentos, de olhos bem abertos e transitando a procura dos demônios.

Ao invocar os demônios para que se apresentem sob a forma de caboclos, preto-velhos etc., os pastores ‘acatam’ todo o panteão afro-brasileiro... [Mostram que tais coisas – grifo nosso] existem, mas que ele tem poder sobre elas... [Há] uma inversão de valores. As entidades existem, mas não são... Protetoras... A eficácia da proposta... Não está na criação de um novo modelo de relação com o sobrenatural, mas justamente na repetição de um modelo com o sobrenatural, mas justamente na repetição de um modelo já existente (Soares 1990:87-89).⁵²

⁵⁰ Cf. MARIANO, Ricardo. **Neopentecostalismo**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2005. p.113.

⁵¹ Cf. (Scherer, 2005, p. 95-96) A questão da origem do bem e do mal deve ser vista em ligação com as considerações sobre a origem do sofrimento. Segundo Paulo, a razão para a existência do mal no mundo se encontra no próprio homem, que quer o bem, mas não o pratica, dando lugar ao mal em sua própria vida (Romanos 7,19). É considerado como mal tudo quanto leva ao afastamento de Deus. Em ligação com as narrativas da Bíblia hebraica, em que o povo de Israel pratica o mal quando se opõe a Deus e aos seus mandamentos, também no Novo Testamento chama-se mal tudo quanto impede a ação do amor de Deus. A vida humana é boa quando as pessoas desenvolvem uma consciência daquilo que os afasta de Deus, e quando contribuem para tornar possível uma boa convivência, no sentido de Deus. Mal é todo comportamento humano no que se opõe à esperança criada por Jesus em um novo futuro no amor e na justiça.

⁵² *Ibid.*, p.140.

Um movimento qualquer que pareça estranho feito pelo fiel, os obreiros sabem que é a chegada dos “encostos”, da possessão maligna.

Embora a IURD faça exorcismo sem exigir a conversão, à maneira de uma igreja territorial oferecendo serviços a todos os interessados, eles são vistos como fins em si mesmos. Visa-se, em última análise, a conversão, ou seja, a reorganização da vida.⁵³

Como em algumas práticas do candomblé e da umbanda, os espíritos são chamados a se manifestar, o pastor começa a oração gritando para que estes espíritos se manifestem, os mais comuns são pomba-gira, Exu-Caveira e Tranca Rua, sendo que cada um tem a tarefa de causar algum tipo de malefício na vida das pessoas, de uma simples dor de cabeça, crise na família e até a falência de empresas.

Nos cultos de libertação, o panteão dos deuses, os espíritos e guias das religiões mediúnicas são invocados para, depois de manifestados e amarrados, fatalmente ceder às coações exorcistas e confessar a culpa pelos males com que afligem os possessos. Após admitirem sua culpa, são humilhados, achincalhados e, por fim, expulsos dos corpos, como demonstração do poder de Cristo sobre o Diabo (MARIANO, 2005 p.130).

Mas talvez, em posse da Igreja Universal, a mesma sinta-se no direito de aplicar o antídoto da cura aos malefícios utilizando-se do próprio veneno que é a ‘força do mal’, mas que ao passar por uma filtragem própria em forma de unção, torna-se legitimado.

Concordamos com Campos, ao afirmar que impulsionados pelo sentido concorrente que desperta em cada grupo religioso antagônico, torna-se normal maldizer os objetos que cada um dos segmentos utiliza com simbolismo de santificação e consagração. O que poderia acarretá-los como elementos de comunicação com Deus, todavia, tornam-se carregados de negatividade, estando com a concorrência e enquadrados como algo que levará ao lucro ou até os demônios (CAMPOS, 1997, p.79).

Não é normal e tão menos estranha tanta repugnância da IURD em relação às práticas das religiões afro-brasileira e mediúnica. Por que tamanho preconceito quanto à prática de cada uma das religiões “inimigas”, se a própria Universal utiliza-se das mesmas ferramentas para integrar sua clientela? Tudo paira numa controvérsia. Uma prática tão comum adotada pela Igreja Universal do Reino de Deus é o uso de objetos como alianças, arruda, água, fitas e rosas unguadas, objetos estes que são comuns tanto nas religiões afros como também no espiritismo.

⁵³ *Ibid.*, p.141.

Quanto à questão do sincretismo, é verdade que a IURD rompe com a pobreza simbólica do protestantismo brasileiro. Mas há limites; embora a igreja faça uso farto de símbolos, não há uso algum de imagens na adoração. O pentecostalismo anterior já democratizara a *palavra* por meio das línguas e profecias, mas hesitou em recuperar os outros sentidos. A IURD, porém, quebra a dependência protestante da palavra, fazendo amplo uso da visão, do tato e dos gestos. Em uma só página da *Folha Universal*, lemos a respeito dos seguintes símbolos: o Pão da Fartura, a Maçã do Amor, a Rosa Consagrada, o Nardo Ungido, a Sarça dos Milagres, o Sabão em Pó Ungido e uma mesa de frutas simbolizando a prosperidade. Sem falar na Reunião da Paz (“os participantes comparecerão vestindo uma blusa branca e carregando uma rosa branca”) e na Vigília do Clamor de Jonas (“os participantes se concentrarão dentro da representação simbólica de uma baleia”). A justificativa do uso de tais recursos é parecida com a da Igreja Católica. Segundo um pastor, as pessoas precisam deles como incentivo à fé, mas o que resolve é a fé (FREESTON, 2006, p. 138).

Segundo o clero da IURD, os objetos simbólicos usados em outras religiões estão carregados de maus fluídos de forças negativas. No entanto, os da igreja estão ungidos e irão servir de ‘amuletos’ e escudos para quem usar. De acordo com Vagner Gonçalves Silva “entre o neopentecostalismo, sobretudo do tipo praticado pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), e as religiões afro-brasileiras, há, portanto, muito mais semelhança do que distâncias” (2006 p.209). Os exemplos poderiam ser muitos para facilitar nossa interpretação ao que ocorre neste processo de “Guerra Santa”, puro para ser reintroduzido, porém, desta vez nos próprios fiéis.

Em muitas de nossas reuniões efetivamente vemos um quadro assombroso: uma verdadeira amostra do inferno. Se alguém chegar à igreja no momento em que as pessoas estão sendo libertas poderá até pensar que está num centro de macumba, e parece mesmo. Temos a impressão muitas vezes que aquelas pessoas ficaram loucas. Entretanto após alguns momentos quando fazemos a “limpeza” em suas vidas, quando os demônios são expelidos e levam com eles todo o mal, aí vem a bonança e a paz (MACEDO, 2002, p.121).

A “Guerra Santa” a qual a IURD se compromete ferrenhamente contra os espíritos é uma confirmação plena de que o mundo é um campo de batalha entre Deus e os demônios: “Transformar os deuses das outras religiões adversárias em demônios constitui antigüíssima prática na história do cristianismo, que principiou por demonizar os deuses da Grécia e de Roma” (CAMPOS, 1997, p.145). Com esta aceitação de que o mundo em que vivem os homens é um ambiente de tormento provocado para interferir na rotina da vida deles, deixando muitos endemoninhados, todo o processo para trazer a paz e a prosperidade é travado diariamente nos templos de modos diversos.

Ao tratar desta “Guerra Santa” nos limitamos apenas a traçar um perfil de perseguição aos valores de outras religiões, principalmente as afro-brasileiras, por parte dos neopentecostais aqui representados pela IURD, mas, salientamos que todos os movimentos que antecedem a terceira onda e inclusive a própria Igreja católica têm um histórico de perseguição também. Devemos salientar ainda que, quando não são perseguidos ostensivamente, os costumes das religiões africanas são substituídos por versões cristãs. E para ocorrer isto, o processo de “guerrilha” não fica mais limitado aos templos. Vem na transformação dos símbolos das religiões africanas contida na música, na arte e até na culinária em adaptações cristãs. A expansão da “Guerra Santa” sai das dimensões arquitetônicas dos templos e sacode as ondas dos rádios, da televisão, da imprensa e dos ambientes públicos em diversas ocasiões.

A fusão entre as igrejas e os meios de comunicação de massa, concretiza no presente, uma nova etapa no processo de expansão da fé de cada denominação religiosa e no caso da Igreja Universal mostra-se como grandioso instrumento. Segundo Freston (2006, p.143):

A Igreja Universal tem uma estratégia ousada de expansão diversificada. Está construindo uma relação com a sociedade brasileira que grupo protestante algum já teve (seja por causa do estrangeirismo, mentalidade sectária, ou simples falta de expressão numérica). Às vezes essa relação é atribuída a faro empresarial, mas não é só isso. A Universal tem uma visão de penetração da sociedade, um conceito arrojado de *missão religiosa*. Todo império econômico (e força política) é funcional para a missão religiosa: as televisões (a Record e retransmissoras, e uma participação minoritária na TV Rio), as emissoras de rádio (mais de uma dúzia), o jornal diário (*Hoje em Dia*, de Belo Horizonte) e a gráfica para divulgar a mensagem religiosa; uma construtora para erguer os templos; uma fábrica de móveis para mobiliá-los; e um pequeno banco para facilitar as transações financeiras, inclusive para o exterior. Na amplitude de suas atividades, a IURD começa a parecer com a Igreja Católica ou com mais uma igreja protestantismo nacional na Europa.

Não há como negar que a televisão é uma forte aliada ao processo extensivo da batalha travada como “Guerra Santa” e neste quesito a IURD detém uma das principais redes de TV do país, a Record. Mas não abusa da programação ao longo do dia pela sua causa, onde tem poucos programas da igreja, porém, são fortes e distribuídos na grade da programação de modo discreto no fim da noite e no domingo pela manhã, por exemplo. E a programação específica da Igreja Universal não poupa no quesito atrair fiéis e desmistificar o meio de comunicação como uma extensão do templo. Todavia deixa entender que no *casting* artístico há profissionais integrados à religião da própria casa, ou seja, emissora. Alguns artistas da emissora da Igreja Universal são declaradamente *iurdianos*. Por mais que a IURD esteja à

frente dessa guerra, ela não está sozinha. Muitas igrejas pentecostais travam suas guerras e batalhas contra as religiões africanas e kardecista. Ricardo Mariano diz que “a Universal não está sozinha nessa guerra. O radicalismo de suas ações, baseado no que Edir Macedo designa de pregação plena, é o que a difere das demais igrejas, geralmente mais discretas e menos hostis” (2005 p.125).

Os meios utilizados e as palavras para deflagrar esta “guerra” já custaram muito alto no preço aos diversos integrantes da IURD, pois as esferas públicas sempre estiveram antenadas aos reais propósitos dos opositores ao sincretismo e à tolerância marcante de nossa sociedade. As muitas turbulências, muitas vezes provocadas de modo ignorante e hostil, levaram as autoridades cabíveis a sentenciar a Igreja Universal por vários crimes contra as entidades religiosas afro-brasileiras e de outras denominações, sem contar nos diversos tipos de processos que a mesma já fora citada. Esta guerra santa tão defendida pela Igreja Universal do Reino de Deus é de uma dimensão grandiosa a ponto de gerar entraves nos tribunais de justiça em todo território nacional em meio aos inquéritos por preconceitos, perseguições e outros crimes. Segundo Silva (2006):

As consequências da batalha espiritual declarada pelo neopentecostalismo, do tipo praticado principalmente pela IURD, contra as religiões afro-brasileiras certamente arranham o imaginário que se faz do Brasil como país da tolerância religiosa ou das “misturas” (de cores, corpos, sabores, jeitos, línguas, credos etc.). Como bem sugere o título do artigo de Mariza Soares: “Guerra santa no país do sincretismo”, parece que há um certo descompasso entre uma guerra declarada por convicções religiosas numa sociedade em que a ideologia do “sincretismo” e do “encontro” vem deitando nas raízes seculares (In: TEIXEIRA e MENEZES, 2006, p. 223-224).

Os soldados do *exército iurdiano* são atuantes nos templos diante desta guerra contra o outro exército de demônios que catalisam os problemas e geram tormentas na vida das pessoas. A arma do exército da igreja é a oração forte contra as forças do mal.

Quando o possesso é levado ao púlpito, já com o demônio submetido à autoridade divina e amarrado para que não machuque nem prejudique mais seu "cavalo", a estrutura do ritual exorcista que se estabelece com os deuses e espíritos inimigos geralmente apresentam enredo fixo. Primeiro, o pastor entrevista o demônio para identificar seu "nome", invariavelmente uma entidade dos cultos afro-brasileiros. Segundo, pergunta como ele se apossou daquela pessoa. Terceiro, procura descobrir os males e sofrimentos que ele está provocando na vida (familiar, financeira...) da vítima. No quarto e derradeiro passo, o ritual perde o caráter de *talk show* com o demônio. Depois de humilhá-lo, o pastor o expulsa em nome e para a glória de Cristo (Ibid, 2005, p.131).

A “Guerra Santa” é travada diariamente em vários locais onde a Igreja Universal existe através do momento em que os demônios causadores dos males são invocados pelos seus nomes diante de uma multidão, retirados no panteão das entidades afro-brasileiras, criando um espetáculo dramatizado da eterna luta do bem contra o mal.

O processo de “Guerra Santa” é uma batalha contra todas as tribulações que o ser humano sofre neste mundo, ao qual ainda há como se reorganizar. É todo um processo gradual e sistemático para sanar as deficiências espirituais, físicas e materiais. A incessante guerra é contra os demônios causadores das doenças, os males dos vícios, das intrigas, desempregos e desejos sexuais adversos. E para a mesma ser cessada deverá existir um pacto e sacrifício entre o homem e Deus.

Buscando sanar tantos problemas mundanos e alicerçar os ideais libertários, as igrejas neopentecostais tentam deliberadamente não parar, não cessar com sua luta, dar esperança, fazer com que o fiel seja um militante em potencial e conduzi-lo aos caminhos da libertação sem sucumbir. É mostrado ao fiel que o Diabo é astuto e não desiste fácil, mas que todos têm que lutar diante do livre-arbítrio, em mais uma batalha que passa a ser diária e de proporções inesperadas.

Todos têm que lutar para não cair nas garras e artimanhas do Diabo e suas hastes, mas para isso terá que estar em plenitude do Espírito. O processo da guerra travada entre as forças do bem e do mal não é ainda apocalíptico, porém é incessante e traz às suas vítimas todos os tipos de sofrimentos e aflições. As pessoas endemoninhadas são vistas como catalisadoras de todos os malefícios, daí ser importante na multidão todo o ritual de exorcismo para livrá-las da possessão, à vista de um público de referência quando se têm os mesmos problemas. Diante da situação de exorcismo, a catarse coletiva ou individual na Igreja Universal ocorre criando uma postura reestruturante daquela sociedade que demonstra o caos diante da dominação das forças malignas.

Dependendo do caso, a partir de todo esse processo de reestruturação individual e familiar, optar pela fé na Igreja Universal significa romper de vez com o Diabo. Mas lembrando que toda a prática de exorcismo não implica na conversão de ninguém.

O que a guerra provoca é o esfacelamento das forças que insistem em desafiar o poder das forças do bem que emanam na fé e que persistem em habitar o corpo. O qual é a porta de entrada para todos os processos que o ser humano vivencia, de acordo com o que alegam na prática e na teologia da IURD. Vem, então, as críticas às outras religiões cristãs que se apegam à alma e esquecem-se da limpeza interior quando se fala em expulsão e possessão, pois salientam que o corpo é a morada tanto do Espírito de Deus quanto dos demônios.

No neopentecostalismo, como no cristianismo em geral, o corpo é pensado como a morada do Eu e de Deus que o criou como um “santuário”. A constante tentativa do demônio de se apoderar deste corpo visa destruir esta que é a principal obra do Criador: o homem na sua dupla condição: corpo e alma. Fortalecer o Eu junto ao Espírito de Deus é a única forma de vencer esse inimigo, daí a possessão do Espírito Santo ser aceita legitimamente, pois pousa no corpo da criatura o Espírito do Criador (SILVA, In: Teixeira e Menezes, 2006, p. 219)

Mas independente dos meios utilizados para a propagação da IURD, nas últimas décadas, independente dos meios de comunicação e as diversas tecnologias, o uso maior foi do chavão “*Tá amarrado*”, representando o sintoma e uma simbologia da guerra espiritual. É muito comum, nos cultos neopentecostais, o pastor, o fiel e o obreiro deflagrarem a sentença “*Tá amarrado*” ou “*Tá amarrado em nome de Jesus*” como palavras mágicas e solucionadoras de todos os entraves que possibilitam as mais terríveis tribulações. De acordo com Mariano (2005, p.145):

Sintoma da guerra espiritual, a expressão imperativa “*tá amarrado*”, dirigida ao Diabo para bloquear ou impedir sua ação, tornou-se corriqueira nos cultos neopentecostais. Diante de qualquer embaraço, constrangimento ou dificuldade, pastores e fiéis soltam logo um “*tá amarrado*”, geralmente com seu complemento “em nome de Jesus”, que funciona como verdadeiro amuleto verbal. Imbuídos de poder talismânico ou protetor, existem até adesivos com a expressão “*Tá amarrado em nome de Jesus*” acompanhada da gravura de uma corda em forma de nós.

No balanço geral, para o fiel iurdiano faz parte de um exército do bem, extremamente poderoso e prontamente preparado para enfrentar o exército do mal, devidamente representado nos infortúnios da vida em formas de feitiçaria, doenças, desemprego, violência, desigualdade social etc. A luta é incessante e busca a melhoria mais no plano terreno que no espiritual, porém, de modo a somar numa prosperidade material e avivar a fé no lado espiritual mediante as conquistas terrenas. O que se busca posteriormente ao embate desta triunfal guerra é orientar e ajudar cada pessoa na superação de suas aflições diárias, criar expectativas e acima de tudo esperança. Buscar atingir nas falácias e discursos a ferida desencadeadora de todos os problemas que afligem cada pessoa e tentar fomentar nesta intervenção uma cicatrização dos problemas com o remédio chamado autoconfiança: Crentes de que só obterão prosperidade material, cura ou saúde e sucesso como libertos do Diabo e engajados na causa do Senhor dos Exércitos, esses religiosos não têm alternativa senão

permanecer atentos e fortes na linha de frente da guerra contra o Diabo.⁵⁴ Todavia, não esqueçamos que, até então, os ritos e conteúdos religiosos de outros grupos tidos por inimigos eram também o mal e a partir das tomadas, foram reestruturados nos moldes salvacionistas e libertários da fé neopentecostal.

Também poderíamos ter um novo embate quanto a real providência divina e ver o quanto o fiel tem que se resguardar mais do que de costume do inimigo. Dar lugar às coisas tidas como de Deus é uma das situações almeçadas pelos fiéis através dos sacrifícios individuais, já que a própria salvação é individual. Os sacrifícios que os fiéis submetem-se estão subjacentes à própria prática religiosa em que cada ato de provação é somado num cálculo que procedem nas seguintes máximas: dar e receber. Os fiéis se doam e em troca recebem as dádivas de acordo com o tamanho dos seus sacrifícios. Com relação a isto, Silva comenta que:

O “espírito de guerra” sugere a representação de Deus moldada pela instituição, que requer, da parte de quem n’Nele, crê, um lançar-se aos desafios paulatinamente propostos. A escolha fundamental, ante a força dessa imagem, é derrotar o inimigo que impede a circularidade do dom, pois “dar” é a arma estratégica para libertar quem está tomado pela dúvida e desconfiança e, ao mesmo tempo, liberar em Deus os frutos de sua posse, que são abundantes. Dar, ato primeiro, deixa, como dívida nas mãos de quem recebe, a possibilidade concreta de transpor certa distância, de pôr fim ao estranho e passar a compor um vínculo que vai sendo mantido pela forte presença de quem, através do dom, também dá de si mesmo. Isso acontece com a oferta de um sacrifício ou de uma simples oração. Dar é entregar-se à força do círculo. Em experiência religiosa em que a representação de Deus sugere “disposição” e “luta”, não se pode continuar vivendo sob a força de uma inércia que impeça a transposição do abismo imposto pela distância, impossibilitando ver que o fundamento de nossa existência reside em dar para que o outro dê. Trata-se, portanto, não só de uma questão antropológica, mas também sociológica, porque um dos pressupostos para nossa existência é a relação. Isso até porque “dar para que o outro dê” é uma das linhas que costumam o vínculo social, ao mesmo tempo em que, quando este se rompe, é por aquela cerzida (2008, p. 181)⁵⁵.

O travar de uma luta contra o mal se faz um bem necessário. Estar disposto e mais ainda apto a adquirir os inúmeros elementos simbólicos no arsenal contra esta “Guerra Santa”, que vem em forma de amuletos e de orações fervorosas são instrumentos indispensáveis para os fiéis que estejam dispostos a dar no sentido de doar-se para se beneficiar das graças de Deus. Campos fortalece nossas colocações:

⁵⁴ Cf. MARIANO, 2005, p.146.

⁵⁵ Artigo do professor Dr. Drance Elias da Silva intitulado **Neopentecostalismo, dinheiro, dádiva e representação social do divino**. In: Interações: Cultura e Comunidade. Vol.3 n.3.

Por isso, optar pela fé na IURD envolve um rompimento com satanáas, causador de todos os infortúnios que afetam os seres humanos, desde o desemprego, doença (pois os demônios se alojam no corpo das pessoas), má sorte, desavenças familiares e até a homossexualidade. A possessão pode ser causada por práticas religiosas anteriores das pessoas, mas há também outras que vêm dos antepassados, que são os “demônios hereditários”, cujo exorcismo implica em uma “quebra de maldições”. (1998, p. 13)⁵⁶.

Então, aos fiéis da IURD cabe a mais forte das armaduras contra as investidas do mal, pois estes são os legítimos combatentes por natureza para desarmar e aniquilar o diabo. Cada lutador que se arme de fé e exerça sua força sobre a eterna guerra entre bem e o mal.

A seguir, no último capítulo, trataremos dos elementos de atração e conversão, bem como os perfis dos seguidores da IURD, as principais ideias e motivações para que os mesmos aderissem à igreja no distrito em questão.

⁵⁶ Trabalho apresentado na mesa redonda MR 10 “Os caminhos da religião na passagem do milênio”, nas VIII Jornadas Sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, Centro Maria Antonia, USP. 22 a 26 de setembro de 1998. <http://www.fflch.usp.br/sociologia/posgraduacao/jornadas/papers/>

3. A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E O FASCÍNIO DOS ADEPTOS: OS INSTRUMENTOS DE ATRAÇÃO E CONVERSÃO NA REALIDADE DO DISTRITO DOS PRAZERES

3.1 - Perfis de seguidores da IURD no distrito dos Prazeres

Estabelecemos ao iniciarmos as entrevistas, um contato necessário com fieis, para conhecer o ambiente ao qual iríamos trilhar. Desde o nosso primeiro passo tínhamos o intuito de entrevistar um número expressivo de membros efetivos da IURD, para que pudéssemos compreender primeiro como funcionava a instituição, situação abordada de modo geral no capítulo dois dessa dissertação. Segundo, saber qual o perfil dos seguidores e o que de fato os levaram a fazer parte desta igreja. A partir dessas percepções almejadas, resumimos e optamos por entrevistar pessoas das comunidades circunvizinhas no bairro/distrito em questão.

Todas as entrevistas foram feitas nas casas dos entrevistados mediante gravação. O momento de cada entrevista variou muito na duração e normalmente ficávamos na informalidade depois de concluída. Em seguida, um entrevistado indicava o outro e assim atingimos nossos objetivos, mas no começo de tudo, tivemos alguns atrasos e resistências que a seguir serão esclarecidos.

Iniciamos nossas entrevistas em fins de abril de 2008, seguimos no mês de maio com as devidas indicações de um fiel para outro. Ocorria tudo bem, porém, no fim daquele corrente mês duas notícias espalharam-se como larva vulcânica – quente e avassaladora – diante da comunidade local. Primeiramente numa das igrejas mais frequentadas e, por conseguinte, a mais próxima de nossas atividades comentava-se que havia um “repórter” abordando fiéis apenas da IURD no bairro. A ordem era evitar conceder entrevista.

Não sabiam os fiéis que era a nossa atividade de entrevista, requisito essencial da pesquisa de campo. A ordem era para ninguém ceder entrevista ao tal “repórter” devido à ação suspeita de apenas querer abordar membros da Igreja Universal do Reino de Deus.

De posse do projeto da dissertação, do termo de consentimento de entrevista e o roteiro, optamos por nos apresentar ao pastor regional.

Foi necessário agendarmos uma reunião com o pastor responsável chamado Charles – de quem não buscamos o sobrenome e tão menos pensamos em perguntar, apenas fizemos de tudo naquela situação para conseguirmos mostrar o porquê de estarmos ali e o que queríamos para prosseguir com o nosso trabalho.

Após a reunião numa tarde de domingo, o pastor, ciente de nossas intenções, nos convidou para averiguar nas sessões o quantitativo de membros naquela igreja nos Guararapes e assim vermos, nas palavras dele que “as pessoas estavam ali para buscar Deus e receber graças e que vinham por espontânea vontade, sem hipnose” e deixou-nos com total liberdade para entrevistarmos aqueles crentes desde que não fosse dentro do templo ou nos outros cinco, os quais ele presidia como liderança pastoral.

O pior viria depois, eis a segunda notícia: quando estávamos em meados de maio, praticamente concluindo as entrevistas, ocorreu a prisão na área próxima a Prazeres de um pastor suspeito de um crime no Estado da Bahia anos antes⁵⁷. Com a repercussão na mídia naquela semana, alguns crentes nos procuraram e exigiram a destruição das entrevistas. A reação deles era simplesmente de obediência ao silêncio que reinou durante muitas semanas dentro da igreja sobre a prisão que havia sido noticiada.

Se fôssemos membro desta igreja diríamos que havia uma maldição pairando sobre nossas cabeças e que as tentações do Mal queriam nos destruir. Estes eram nossos sentimentos diante da incessante insistência de alguns para voltar atrás por causa de entrevistas concedidas e a dúvida quanto a real utilização. Frustrações passadas, mais uma vez, devido à interferência do atencioso pastor, consciente de nosso trabalho.

Não teríamos conseguido ir adiante se não fossem alguns esclarecimentos das pessoas que disponibilizaram um pouco de suas vivências nesta igreja para nos prestar entrevistas, tornando essenciais para que compreendêssemos o porquê desta busca e o relativo crescimento religioso neste distrito já mencionado.

Constatamos que todas as pessoas com as quais conversamos, mesmo informalmente, são homens e mulheres – jovens e mais adultos – simples, batalhadores e com muitas histórias para contar. Então, é a partir destes relatos que ao longo do capítulo, iremos esclarecer o que fez cada um de nossos colaboradores escolherem a IURD como opção religiosa.

⁵⁷ A notícia que saiu como uma bomba atômica e por pouco não fez nossa árdua tarefa de entrevistar fiéis ser destruída foi nota nos principais jornais e na internet. Saiu na Folha Online do dia 25/05/2008 às 17h06 com o título: **Preso em Recife pastor da Universal acusado de assassinar adolescente**, da **Folha Online**. “Policiais do serviço de inteligência da Polícia Civil de Pernambuco prenderam na última sexta-feira o pastor Fernando Aparecido da Silva, 31. Ele tinha prisão decretada pela Justiça pelo assassinato do adolescente Lucas Terra, 14, em 21 de março de 2001, em Salvador. Silva, que pertence à Igreja Universal do Reino de Deus, foi preso nas imediações da Igreja Universal de Prazeres, em Jaboatão dos Guararapes (Grande Recife), com a ajuda da polícia baiana. O pastor estava foragido desde a morte de Terra. Ele é acusado de, ao lado de mais dois pastores – Silvio Galisa e Joel Miranda –, de assassinar por meio de estrangulamento e em seguida carbonizar o corpo do adolescente. Galisa e Miranda estão presos em Salvador e Rio de Janeiro, respectivamente. Já Silva foi levado para Salvador na noite de ontem, onde permanecerá preso”. (Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fohla/cotidiano/ult95u405258.shtml>. Acessado: em 04/04/2009).

Utilizaremos os entrevistados e suas falas para ilustrar as temáticas e situações pertinentes em nossos enfoques que serão abordados nesta parte de nossos estudos.

Entre as pessoas que entrevistamos, o número de mulheres foi superior ao dos homens. Dos 10 entrevistados, encontramos sete mulheres e três homens⁵⁸. Registramos cinco pessoas casadas [entre eles dois casais], uma viúva, três solteiros e um noivo.

Estes crentes da IURD estavam inseridos socioeconomicamente nas seguintes ocupações: uma estudante, uma auxiliar de montagem eletrônica, três nos setores de vendas, duas donas-de-casa, uma costureira, um operador de mercadorias e um estofador.

O que estes fiéis têm em comum entre eles? Serem altamente presentes em maior parte dos cultos e valorizarem os *pontos de contato* que são disponibilizados para seus anseios.

Macedo⁵⁹ sobre os pontos de contato, explica que:

São elementos usados para despertar a fé das pessoas, de modo que elas tenham acesso a uma resposta de Deus para seus anseios. Muitas pessoas têm dificuldade para colocar sua fé em prática, por isso precisa de pontos de contato, que podem ser óleo de unção, a água, a rosa e outros elementos. Esses objetos não têm poderes em si mesmos, mas despertam o coração e as mentes das pessoas para a realidade de que o Senhor está presente para abençoá-las. Quando as pessoas amadurecem espiritualmente, tendem a não depender tanto dos pontos de contato como início de sua caminhada cristã. Entendem que o poder está no Senhor Jesus Cristo e na ação do seu Espírito Santo (2001 p.101-102).

Diante desses crentes são postados os discursos fortes dos pastores acerca dos grandes dilemas pessoais e familiares de cada um com focalização na cura, exorcismo e prosperidade, não necessariamente nesta ordem, mas co-relacionadas à condição de busca e relatos dos mesmos em cada sessão que estes aparecem. E ai diz Penã-Alfaro que “A Universal desenvolveu sobre estes temas estratégias comunicativas que encontram grande receptividade entre a população ávida para obter estes benefícios escassos na vida das pessoas” (2006, p.96).

Situações incomuns são tão frequentes nos templos *iurdianos* e cada dia mais pessoas são levadas a procurar um templo para apresentar suas experiências e vivências, comovendo as pessoas presentes e criando uma fidelidade para com o público novo e antigo. Está feito o espetáculo, ou melhor, as sessões ideais para cada anseio.

⁵⁸ Partindo dos termos de livre consentimento e esclarecimento, identificaremos os entrevistados com um primeiro nome apenas por opção nossa, estando autorizados a utilizar das informações concedidas e dados que os mesmos disponibilizaram. Todavia, utilizaremos os primeiros nomes para deixar menos exposição dos mesmos, tornando-os pessoas comuns diante do espaço que estão inseridos.

⁵⁹ MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. Vol.2. Rio de Janeiro: Universal, 2001.

Cada procura está interligada na sessão que atenda a necessidade mais imediata de cada crente. Sabendo que poderá saciar quantas vezes for de outras procuras a fim de ter uma vida abençoada e vitoriosa, como crêem. E Peña-Alfaro corrobora com a questão salientando que:

Os benefícios do Reino são os frutos, os resultados alcançados pelos participantes, que são a consequência lógica do Reino que dá seus frutos aos que plantam nele. Os frutos são ideias substanciais, substantivas, materiais e imateriais. Um aspecto importante da propaganda iurdiana é a ampla divulgação centrada nesses resultados; tenta demonstrar que a IURD funciona e dá frutos (2007, p. 104).

A subjetividade de cada sessão é apenas de alimentar os propósitos de alcance de resultados positivos diante das adversidades que cercam os congregados, através de curas do corpo e da alma, causa material ganha e outras necessidades através dos meios que a igreja oferece, num primeiro momento de encantamento e apego aos instrumentos utilizados aos quais é depositada a fé.

Diz-nos Fernandes:

O aspecto da pertença, isto é, da adesão livre e comprometida a uma comunidade que partilha da mesma experiência, dos mesmos ideais e das mesmas estratégias, conduz à questão sobre o tipo de relacionamento que se estabelece entre as pessoas e com Deus. Ao que parece, esta relação tem sido predominantemente uma relação de troca, concretizada no que se tem chamado de *Teologia da Prosperidade* (2007, p. 148).

E deveras, talvez, em sequência, apresentar a título de barganha as ofertas, sacrifícios e até dízimos que soam como agradecimentos e em casos mais comuns surgem como uma relação de ‘compra’ dos relicários que se aplicam em cheio às causas lançadas, situação que aparenta um ato de fisgar mais membros e assim efetivá-los, ficando a igreja como intermediária dos resultados alcançados. A quitação não vem a partir da bênção alcançada, já que o crente termina criando um crédito para outras compras e soluções para novos anseios.

Tal sentimento é o que nos restou depois de visitarmos muitos dos templos da IURD. E posteriormente com a colhida de informações de algumas das entrevistas que davam conotações sobre tais práticas como resultado apenas de fé cada um. Sobre a fé, diz a Bíblia, no livro de Hebreus, no capítulo 11 e versículos 1-3:

Ora, a fé é certeza de coisas que se esperam a convicção de fatos que não se vêem. Pois, pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho. Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem (2005, p. 1086).

Alguns dos fiéis alinharam a expressão fé, quando perguntamos sobre o que mais agradava na religião que participavam. Diz em entrevista, a obreira Antonia:

O que me agrada é que lá [Igreja Universal] é como uma escola para mim, né? E ela ensina como a pessoa agir, entendeu? Agir a fé e falar muito da vida espiritual. Lá me sinto bem. É uma igreja ótima para mim. Muito (Costureira e dona de casa, idade não revelada).

Já a obreira Deise enfatiza:

Quando eu fui para a Igreja Universal estava com minha vida arrasada, então, foi lá que vi uma porta aberta, entendeu, para vida espiritual, pra minha alma? Porque, no entanto, a minha alma estava doente e lá nós encontramos o que?... A presença de Deus. Através da palavra de Deus, então, naquela fé toda, naquela oração, ali fui me sentindo bem como até hoje. Foi ali que entreguei minha vida para o Senhor Jesus, e lá, graças a Deus tem um dos meus sonhos realizados através da minha fé, do Senhor Jesus, através da Igreja Universal. (Dona de casa, 26 anos).

O obreiro José explicita sua fé, dizendo que “... na hora que você vê que quer aquilo, você cumpre seu voto com Deus e Deus lhe dá aquilo que você quer. E, às vezes, Lhe dá mais do que aquilo que você queria” (operador de mercadoria, 27 anos).

Severina, outra fiel diz: “Não há problema que não possa ser livrado. E aí temos muitas orações e os problemas são apresentados” (dona de casa, 58 anos).

A serva da IURD, Sandra, expressa sua fé ao dizer quando perguntamos sobre o que mais agrada na religião que ela participa são: “As orações pelos problemas de cada um. Tem sempre uma hora na igreja para cada tipo de problema. É acreditar e Deus tudo faz” (auxiliar de montagem eletrônica, 31 anos).

A fiel Shirley, uma das mais jovens entrevistadas, sobre a mesma pergunta diz: “As mensagens de esperanças que nos são passadas. Às vezes, são tão fortes as orações e as graças que são apresentadas pelos irmãos que é difícil pensar em faltar um culto” (estudante, 18 anos).

O intrigante é que a pergunta que havíamos lançado não pensamos em momento algum obtivesse, na maior parte das entrevistas, o cunho de fé.

Embasados nos testemunhos dos entrevistados mencionamos Lúcia de Fátima Gomes da Silva, que em sua dissertação aborda algumas referências sobre o encontro do homem com suas crenças:

Formam-se, assim, as crenças individuais, de grupos, de povos, de gerações. O homem encontra, ao nascer, um sistema de crenças; habitua-se a elas. Há momentos em que se tornam problemáticas e vem a dúvida, o conflito. Enquanto crê, não precisa pensar; a fé é fundamental na sua vida, pois, antes de ser capaz do conhecimento científico, o homem vive do conhecimento da fé nos pais e em Deus ou em deuses.

A fé está sempre presente na experiência humana. Não está fora do homem, mas na raiz de sua ação. É a abertura primigênia que possibilita o humano.

Ele exerce-a mais como confiança, como esperança e auto-asseguramento da própria existência (2008, p.75).

São os testemunhos desses indivíduos que chamam atenção, no templo quando são convocados para compartilhar suas vitórias com outros e é isso que fazem os fiéis acreditarem que aquela igreja é um lugar especial.

Ao invés de buscarem o caminho do céu, fato comum nas demais igrejas ou religiões protestantes, o que vale ao ambiente da Universal é o “aqui e agora” envolto numa aura de imediatismo e soluções essenciais. “Com isso, outras pessoas são induzidas a buscarem na igreja as mesmas bênçãos. As conquistas dessas bênçãos têm como alvo gozar a vida que Deus deu” (Nunes, 2007, p.57).

Rubem Alves sentencia afirmando que,

Para o espírito modernista o *objeto da fé não é uma cosmovisão*. O objeto da fé não é o conhecimento de um objeto. A fé não propõe uma visão do mundo. Se assim não fosse, o homem moderno não poderia crer. Pode-se obrigar um astrônomo (ou mesmo um menino de curso primário) a aceitar um universo constituído de planos superpostos? A cosmovisão mitológica – o universo indicativo de discurso –, longe de ser o objeto da fé, é um empecilho à fé. É necessário, portanto, demitizar o texto, para que o leitor se aproprie da sua essência, aquilo que realmente é o objeto da fé.

Agora, a segunda tarefa. Qual é o objeto da fé? Como já dissemos não se trata de uma cosmovisão. A fé não declara como se estrutura o mundo. Ela não é um substituto para a ciência. A mensagem do Evangelho se dirige à subjetividade. Ela pretende alterar a *maneira de ser do homem* no seu mundo. A fé tem a ver com a estrutura do espírito (2005, p.306).

Todavia, a questão da fé está mais numa aposta com o plano celestial para as soluções dos diversos problemas que o indivíduo, na perspectiva de quem percorre uma longa caminhada, busca ser atendido, alcançando o maior dos prêmios: a vitória, ou seja, uma bênção.

“Fé é acreditar sem qualquer desconfiança,
Ainda que na frente nenhuma luz exista,
Deixando a dúvida e a falta de esperança,
Para aqueles que andam apenas por vista.
Confiar nas promessas de Deus, isso é fé.
Quando parece que Deus já nos esqueceu,
É não duvidar nem vacilar como São Tomé,
Nem buscar sinais e lamentar o que não sucedeu.
Fé é acreditar em Deus e nunca esquecer.
A esperança dum futuro que um dia virá,
Fé a coragem de acreditar sem esmorecer,
Que tudo o que esperamos um dia acontecerá”.

Daniel Berg

Mencionar o texto de Daniel Berg não tem um intuito poético, mas sim o papel de deixar transparecer e complementar o que sentíamos quando nos deparávamos com cada menção dos evangélicos da IURD, quando, com alegria nos falavam do que os motivavam na igreja em questão.

Segundo Marcionila Teixeira: “A explicação para tanta fé pode estar no início da própria humanidade. Isso porque, desde tempos remotos o homem sempre teve a natureza religiosa, buscando se relacionar com o que não podia explicar, ou seja, com as divindades” (2009, Vida Urbana, C3).

Não importamo-nos com o pouco diferencial do público que outrora se tornava notório devido à localidade onde o templo estava fixado. Da área mais requintada a menos abastada, notávamos pessoas que manifestavam uma euforia ao relatar o que a igreja propiciava ou simplesmente esperavam ver nela quando lá estivessem.

Sentíamos uma expressão intensa diferente no falar e gesticular de cada um dos fiéis que entrevistamos e mais ainda, pudemos perceber, quando fizemos visitas em uma das igrejas por mais de duas vezes.

Verificar pessoalmente dentre os gritos e aplausos mais exaltados e nos mais contidos daquelas pessoas foi uma experiência e tanto. Cada sessão surgia como uma dádiva diante da clientela de fiéis.

Leite Filho reforça dizendo:

Ainda que inteiramente envolvidos pelo sagrado, no culto pentecostal, no louvor a Deus, se escondem os desejos de libertação. Quanto mais pobres, mais espontâneos e liberados são os gritos e os gestos nos cultos; quanto mais aburguesados, mais comedidos são as exclamações, vozes e gestos. O religioso significa, simbolicamente, uma válvula de escape para os sentimentos de opressão e angústia das classes pobres (1994 p. 63-64).

Situações que nos acostumamos acompanhar, durante muitos dias pela TV, para ver como era cada sessão, nos tantos programas que são exibidos na grade da emissora pertencente ao bispo Macedo não ficavam a desejar nas igrejas que visitamos ou até mesmo na informalidade das informações que colhemos com a comunidade militante daquele segmento religioso, diversificada e que não se intimidou para nos relatar suas experiências, depois de mostrarmos nosso interesse para tentar entender tamanha devoção e importância da mesma na vida de cada um.

Destacaremos diversos depoimentos e buscaremos relatar os vários momentos presenciados, todos envoltos de histórias engrandecidas com resultados alcançados ou que, ainda, os crentes da IURD buscavam acontecer em suas vidas.

Mas a título de menção, justificamos que nos relatos e nos atos que presenciamos da parte de cada crente há uma satisfação visível nas palavras e nas “provas” de uma ou mais graça alcançada, assim como também chamam de vitória ou até mesmo bênção.

Aparentemente, várias são as medidas fortes do despertar da fé que a Igreja Universal proporciona ao crente que nela congrega e isso é explicitado no testemunho que ouvimos em muitas das reuniões, sessões e entrevistas.

Mas também, encontramos na intervenção de alguns pastores com passagens bíblicas para abordar a fé como nas citadas a seguir: “Agora que fomos aceitos por Deus pela nossa fé nele, temos paz com ele por meio do nosso Senhor Jesus Cristo” (Romanos 5.1).

Ouvimos também esta passagem de 2 Coríntios 5.20-21:

Portanto, estamos aqui falando em nome de Cristo, como se o próprio Deus estivesse pedindo por meio de nós. Em nome de Cristo nós pedimos a vocês que deixem que Deus os transforme de inimigos em amigos dele. Em Cristo não havia pecado. Mas Deus colocou em Cristo a culpa de nossos pecados para que nós, em união com ele, vivamos de acordo com a vontade de Deus.

Ainda ouvimos outra passagem de Efésios (2.8) em cultos e locais diferentes: “Pois pela graça de Deus vocês são salvos por meio da fé. Isso não vem de vocês, mas é um presente dado por Deus”.

O mais interessante de cada colocação era intercalação com dizeres de oferendas e provar a fé com ofertas, fato comum em cada templo visitado. Quanto a isso, nos alerta Peña-Alfaro (2006, p.102):

O lugar do dinheiro na Universal se define a partir de três elementos textuais: as metáforas “*o sangue da igreja são as ofertas de sacrifício*” e de “*aliança com Deus*”, através da qual o fiel torna-se sócio ou parceiro de Deus e, portanto herdeiro das promessas e bênçãos. O outro elemento é o recurso à intertextualidade, o apelo ao texto bíblico onde os dízimos são declarados obrigatórios por Deus. A partir destes elementos se constrói o discurso sobre a cobrança obrigatória dos fiéis e toda a justificação sobre o dinheiro entregue.

Toda a argumentação sobre a cobrança de dízimos é construída sobre a idéia de que, com o pagamento, Deus é obrigado a cumprir o que Ele mesmo prometeu, e somente com esta condição se obtém uma vida de abundância tal como Ele a deseja.

3.2 - A Prosperidade

Tensões das transformações mundiais com a implantação da nova ordem mundial nos fins dos anos 1970 e a estruturação da sociedade pós-moderna vieram acarretar as mudanças religiosas, em que o papel puramente teológico e seus enunciados apocalípticos cederam

espaço aos interesses meramente materiais e na busca incessante de dias melhores. Comenta Rêgo acerca da chegada da Teologia da Prosperidade ao Brasil:

O forte sectarismo (desvalorização do mundo) apocalíptico passou a sofrer tensões quando a modernização do país foi acelerada pelo “milagre econômico” da década de 1970, no caso do Brasil. Diante da mobilidade social de parte dos pentecostais, das promessas da sociedade de consumo, dos serviços de crédito ao consumidor, as tensões entre os interesses ideais e materiais dos pentecostais estavam evidentes. A solução do problema dependia das concepções teológicas (2007, p.88).

As sessões da IURD são espetaculares e de dimensões gigantescas para atingir maior número possível de congregados, dentro de um cenário atrativo para os ajustes de muitos dos males humanos, construído para cada dia através de sessões direcionadas e uma das campeãs envolve a relação com os bens materiais. De acordo com Mariano:

Chamamos de Teologia da Prosperidade o que nos EUA, local de sua origem, além desse nome, é rotulado por seus críticos de *Health and Wealth Gospel*, *Faith Movement*, *Faith Prosperity Doctrines*, *Positive Confession* entre outros. Reunindo crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé, essa doutrina surgiu na década de 40. Mas só se constitui como movimento doutrinário no decorrer dos anos 70, quando encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA, pelos quais adquiriu visibilidade e se difundiu outras correntes cristãs (2005, p. 151).

Peña-Alfaro reafirma: “A Teologia da Prosperidade, portanto, não foi criada pela Universal, é anterior a esta, pois ingressou no Brasil por meio dos neopentecostais” (2006, p. 100). Segundo Oliveira (2006, p.61),

No que se refere à doutrina e a teologia da IURD, o que se apresenta de forma mais visível é a teologia da guerra santa ou guerra espiritual, manifestada no exorcismo e na luta contra o demônio. Não se pode esquecer também da teologia da prosperidade é sua boa relação com os bens materiais.

Influenciada pela teologia da prosperidade, a Igreja Universal do Reino de Deus professa que as doenças vêm de agentes espirituais malignos, e não de ordem física e sendo assim, devem ser combatidas com antídotos espirituais. O mesmo pensar vem acender a presença das bênçãos no aspecto material, situação que ocorre para aquele que tem fé em conseguir algo material do mesmo jeito que quer uma cura física ou espiritual.

Os pontos mais relevantes para os fiéis da Igreja Universal, quando nos remetemos aos cultos são os rituais contidos nas ideias de prosperidade, para maior parte deles que buscam incessantemente essas providências. “A doutrina da prosperidade e confissão positiva são termos alternativos para afirmar que a fé como confissão traz à realidade o que declaramos

com a boca”. (ROMEIRO, 1993, p.6). Ou seja, a força de pedir com bastante fé, sinal de que o fiel detem poder, é entendido como confissão positiva⁶⁰.

Imaginar testemunhos de progressos diversos poderia soar como pura ficção, mas é algo corriqueiro na maioria dos templos visitados e nos relatos dos que prestaram depoimentos. Não é muito diferente e tão menos impactante do que presenciamos na TV.

Não se pode negar que a Igreja Universal tem tematizado em seus cultos muitos dos problemas sociais que afetam o cotidiano de milhares de brasileiros, como desemprego, violência, sistema de saúde precário, crise de sentido de vida etc. Também me parece um fato que a Igreja do Bispo Macedo tem se ocupado em oferecer as soluções simbólicas que pensa lhe caber neste cenário. A categoria Diabo tem sido utilizada como uma descrição sobrenatural de um mal que assombra de forma turbulenta a vida cotidiana de grande quantidade de pessoas. A questão é que, quando apenas se responsabiliza um ser sobrenatural maligno por tudo de ruim que acontece, há muito pouco espaço para as pessoas se assumirem como responsáveis que podem debelar este mal através de ações pessoais ou coletivas (OLIVA, 2005, p.283-284).

A obreira Ariane, 20 anos, vendedora, diz o porquê da escolha da IURD:

Vi que uns amigos falavam bem das vitórias, de orações pela família e trabalho. No começo eu não acreditava muito, mas vi pessoas contando sobre as bênçãos alcançadas e então fiquei de vez. [...] Eu mudei por ver na Universal como as pessoas tem coisas boas para contar quando conseguem. É muito bom acreditar com fé e o Senhor nos dá. Tantos problemas as pessoas têm e lá [IURD] a gente ver as coisas mudarem.

Os perfis de fiéis que se encaixam perfeitamente no que espera qualquer membro diante da aliança e confiança em Deus firmada na Igreja Universal é o mote para perpetuar um pacto indissolúvel que constatamos em nossos entrevistados. E, de acordo com Silva (2008, p.180),

Esse despertar espiritual da fé se faz para a “luta”, disposição que manifesta o espírito de guerra. Deus o mobiliza, poderosamente, por dentro de sua própria experiência, fazendo-o aquilatar a certeza da vitória. Aceita-se vitória como prosperidade financeira considerada um direito divino; as bênçãos se apresentam como moeda divina. Assim, Deus mobiliza a todos para serem atendidos no que Ele retém, mas que os libera mediante o aceite do desafio – trazer as ofertas em sacrifício. Essas não são ornamentos da nova fé, que agora se expressa, porém condição essencial para ela, pois a experiência de Deus no Neopentecostalismo, para fazer sentido exige que a fé demonstre disposição para dar, e deve o crente tomar isso para si como uma guerra. Sentir a presença de Deus como atuante na vida pressupõe, da parte do crente, “uma vontade de participar” daquilo que o próprio Deus fez estabelecer por meio do pastor, o qual, no modelo discursivo institucional, é o seu porta-voz.

⁶⁰ Esse termo refere-se à crença de que os fiéis detém poder – adquirido pelo sacrifício de Cristo e interpretando a Escritura como promessa de Deus – de trazer à existência o que o fiel declara, decreta e determina com a palavra, quando o fiel expressa com bastante fé; trata-se de atos ilocutórios visando obter os benefícios desejados. Esta teologia defende que Deus mesmo criou o mundo pela palavra e que Deus concedeu ao homem o mesmo dom, e pela palavra o homem tem o poder de mudar a realidade (PEÑA-ALFARO, 2006, p.100).

Ao perguntarmos o que fez escolher esta religião, a fiel Sandra é taxativa: “Decidi mudar para a Universal por acreditar que Deus também está nela nos livrando de coisas do mal e fazendo a gente conseguir coisas para mudar a nossa vida” (auxiliar de montagem eletrônica, 31 anos).

O fiel Helton diz: “Gostei de como a igreja vê os problemas e nos ajuda a vencer cada um. [...] Vi que na Igreja Universal é muito bom sentir que os pastores oram pelos nossos problemas e ali encontramos nossas graças alcançadas. Somos ungidos e nos livramos de tudo o que é do mal” (vendedor e motorista, 24 anos). Afirma Patriota:

As bênçãos divinas tornaram-se disponíveis através da prosperidade financeira, da saúde física e do sucesso nos empreendimentos terrenos. Os novos crentes já não se importam tanto com a mudança de vida, moralmente falando. A preocupação básica agora é com prosperidade, saúde e felicidade neste mundo (2003, p.28).

Podemos perceber que há força no diálogo e muita convicção da parte dos crentes da Igreja Universal nos atos que os levam à crença de conquistas diversas no âmbito pessoal.

Não é sempre que as promessas de prosperidade surgem no cunho financeiro, em virtude do meio em que os crentes se inserem. Os pressupostos da prosperidade são sempre postos à vista, a partir do condicionamento social dos fiéis e suas aspirações. Mas há uma menção forte para conseguir o que se almeja, uma vez que Deus tudo pode. Então, notamos em geral as conquistas das prosperidades por alguém que galgou novo posto, foi promovido, conseguiu um emprego, obteve lucro em determinada transação, realizou algum negócio (Mariano, 2005, p. 163).

O atributo que se vê nesta relação da busca da prosperidade, estreita-se quando se fincam ideias relativas aos bens materiais. Nada em outra denominação evangélica pentecostal, poderia desvincular o real sentido do dízimo, como ocorre com o fiel da IURD. “As bênçãos prometidas, desejadas e reivindicadas são sempre atreladas à oferta” (MARIANO, 2007, p.168).

Comenta Silva:

O dízimo não significa simplesmente a “décima parte”; é dinheiro e, como tal, torna-se “mediador”, “vínculo” de conquista de determinada perspectiva espiritual. Existe uma “divindade” no coração do dízimo, porque não há só um nome; há uma experiência de relação que, de objeto separado, consagrado, “faz-se ferramenta de Deus”. A Teologia da Prosperidade neopentecostal o ergue acima das necessidades imediatas, porque, como mediação/sacrifício, há que provocar e fazer provirem do seio de Deus bênçãos sem medida. (2007, p.13-14)

Se em outra denominação protestante do tipo pentecostal, o simbolismo do dízimo é estritamente vinculado a uma contribuição obrigatória de 10% daquilo dos 100% do que Deus nos deu, em contrapartida, na Igreja Universal, é o vínculo de fidelidade com Deus tendo a igreja como mediadora desta repartição. Torna-se fácil ao fiel que oferta pedir tudo o que almeja porque cria uma aliança.

Para Mariano (2005, p.161-162):

Deus não pode deixar de cumprir suas promessas bíblicas. O Criador não tem escolha senão cumprir o prometido. Presa às promessas que fez, a onipotência divina fica comprometida. Nesta sociedade, a parte que cabe aos homens consiste em pagar o dízimo, ter fé em Deus e em sua Palavra e confessar ou profetizar as bênçãos divinas em sua vida. Enquanto a parte de Deus reside no pronto cumprimento de suas promessas (reprender o “devorador” e conceder bênçãos em abundância), das quais Ele, desde que satisfeitas as condições contratuais, em hipótese alguma pode se furtar. Nessa relação contratual em que Deus tem obrigações a cumprir, o fiel, se tem deveres para com Ele, igualmente tem direitos. Na medida em que tem consciência de seus direitos, o fiel pode exigir de Deus o cumprimento deles. E é exatamente isso que ocorre. Com isso, além de ter sua soberania drasticamente diminuída, Deus torna-se vítima de frequentes manipulações por parte de seus sócios, até porque não pode se ver livre delas, a menos que “quebre sua Palavra”, algo inimaginável na ótica destes crentes.

Então a relação “dar para receber”, torna-se indissolúvel e completamente efetivado diante da forte crença nas Palavras de Deus em forma de promessas que não hão de falhar. E refutando as críticas, pastores dizem que não obrigam fiéis a doarem, mas é feito sim ações que comprovem a fé, daí manifestada com doações de dinheiro por este ser um símbolo forte da sociedade.

O problema é que este potencial até agora tem estado apenas latente. A IURD tem funcionado muito mais como um paliativo ou um “alucinógeno” diante dos problemas sociais e das crises de sentido de vida, do que como um fenômeno que encoraja as pessoas a enfrentar este mundo e ordená-lo a partir de conceitos e práticas sagrados. Se a igreja vier a explorar com responsabilidade este potencial que possui, poderá exercer um papel socialmente relevante e positivo, caso contrário poderá prestar um temível desserviço às pessoas (OLIVA, 2005, p.283).

O discurso econômico é bem-vindo dentro do âmbito religioso quando o mesmo é enfatizado num contexto de oferecimento de prosperidade através da interpretação das Escrituras, em que riqueza, felicidade e saúde seriam promessas de Deus para aqueles que acreditam. Nesta premissa Deus é rico e todos os seus filhos também serão (Peña-Alfaro, 2006, p.100).

Seguramente a crítica contra os pastores é refutada pelos mesmos, quando a imprensa e outros segmentos evangélicos e católicos colocam em pauta a relação da IURD na venda de

bênçãos, uma menção ao “supermercado da fé”. Alinhada à ideia de voluntária, segundo os pastores, tais oferendas são postas como formas do crente provar sua fé. Então, Mariano relata-nos que diante da Teologia da Prosperidade, atos que provam a fé do crente vêm das ações exercidas, no caso, com pagamentos de dízimos e ofertas (2005, p.168). E ainda de acordo com Silva:

Concluimos, portanto, que, para os fieis neopentecostais, o dinheiro, quando consagrado e ofertado, tem a sua paternidade em Deus, pois, como dízimo, é parte lançada à sua morada. Porém o futuro não se personifica no dinheiro, e sim no modo de relação que o crente estabelece entre ele, Deus e a Igreja. Esse modo de relação lhe garante o futuro social. Daí o sentido de prosperidade (SILVA, 2007, p. 13).

Ser desafiado é uma situação das mais comuns no âmbito neopentecostal. Entre os vários desafios, existem as tentações e perseguições dos inimigos que tanto são pregadas pelos pastores, porém, o desafio maior está na hora do crente demonstrar de modo mais radical a sua fé. O crente é levado aos mais diversos meios de provação ou sacrifícios para conquistar sua bênção. Todavia, é repassado pelos pastores que, estar apto para tais desafios implica também exigir de Deus o qual será complacente para todo aquele que arrisca e credita sem insegurança no poder de resposta. E mais uma vez citamos Mariano que diz:

O crente que almeja receber grandes bênçãos precisa ser radical na demonstração de fé. Deve fazer coisas que do ponto de vista do “homem natural” e do cálculo racional seriam loucura. Precisa dispor de muita coragem. Deve assumir riscos, doando à igreja algo valioso como salário, poupança, herança, jóias, carro, casa, com a certeza de que reaverá, centuplicado, o que ofertou. Não pode guardar qualquer resquício de dúvida quanto ao retorno de sua fé, já que, advertem os pastores, “a dúvida é do Diabo”. Muito estimulada, tal demonstração de fé é denominada de “provar” ou “desafiar” a Deus. Ela tem a mesma lógica das outras ofertas, com a diferença de que Deus é “desafiado”, ou fica “obrigado” a conceder bênçãos ainda mais generosas de acordo com o grau de sacrifício feito pelo fiel e do risco por ele assumido ao ofertar determinada quantia. Distinto da promessa no catolicismo popular, que condiciona o pagamento ao atendimento da súplica, o desafio antecede o recebimento da bênção. O fiel paga primeiro. Coloca-se na posição de credor de Deus, coagindo-o a retribuir na mesma medida. Com o sacrifício financeiro, acredita ter assegurado a intervenção divina sobre determinado infortúnio. Evidentemente, garantem os pregadores, Deus se compraz muitíssimo com os fiéis que ousam desafiá-lo em tão audazes e arriscadas exibições de fé. Na ótica daquele que deposita plena fé na pregação desses pastores, não há risco algum em fazer tais desafios, por maiores que sejam, pela simples razão de que Deus não pode deixar de honrar suas promessas. Até porque os desafios não são repassados aos fiéis como se fossem atitudes de risco, mas sim como investimentos seguros e de incomparável rentabilidade (2005, p.169-170).

3.3 - As ‘curas’ espirituais e o fim dos problemas afetivos, familiares e financeiros.

A fé é algo que está em alta na Região Metropolitana do Recife, como foi divulgada em manchete de capa do conceituado jornal pernambucano Diário de Pernambuco a partir de uma pesquisa divulgada pelo departamento de biomedicina de uma instituição de ensino superior local. Apesar do contexto da pesquisa ser a relação fé em Deus ou na medicina para cura de uma doença grave, esta pesquisa inédita mostrou uma grande parcela dos entrevistados apostando na fé em Deus.

Nela, a pergunta feita aos recifenses era: “Você acredita mais na fé em Deus ou na medicina para a cura de uma doença grave?”.

A resposta foi que “48,7% das pessoas acreditam mais na fé em Deus para alcançar a saúde contra 6,7% que crêem mais nos médicos. Outros 44,4% citaram que confiam na fé em Deus e na medicina ao mesmo tempo para se curarem” (2009, Vida Urbana, C3).

Sobre tais aspectos de buscar a Universal, com certeza este item saúde é um dos carros-chefe de suas sessões.

“Um dos temas mais importantes e significativos do discurso *iurdiano* é sem dúvida o tema da saúde, pois os apelos à cura e ao milagre são os grandes motivos pelo quais as pessoas procuram a Universal” (Peña-Alfaro, 2006, p.97).

Muitos dos discursos que presenciamos falam de decepções e tristezas. Doenças da alma que assolam a humanidade em diversas etapas ao longo da existência humana e que nesta igreja recebem um enfoque maligno⁶¹.

Quase todos os entrevistados e muitos dos depoimentos que ouvimos em sessões da IURD também envolviam questões relativas a problemas afetivos nas famílias, às vezes mais que questões financeiras e a busca de uma igreja que acolhesse uma clientela desprovida de algum outro benefício.

O fiel Mauro nos diz como estaria se não estivesse na IURD:

Para ser bem sincero: eu acho que nem estaria aqui para contar este testemunho. [...] Senhor Jesus, lá me acolheu. Eu era uma pessoa depressiva, não convivia muito bem com ninguém. Lá eu encontrei viver, lá eu aprendi amar, lá eu aprendi andar, lá eu aprendi usar uma fé sobrenatural. (Estofador, casado, 21 anos).

⁶¹ A Universal faz da cura do sofrimento um diferencial em relação à maioria dos outros grupos religiosos. O trabalho religioso de cura, de modo geral, é oferecido especificamente como ingrediente nas mensagens de alguns grupos pentecostais e da quase maioria dos neopentecostais – que por definição buscam a cura divina –, mas isso corre de forma particular na Universal, que afirma pela fé em Jesus se curam todas as doenças e define a doença como tendo origem nas forças demoníacas. (PEÑA-ALFARO, 2006, p.97).

Já o obreiro José é mais enfático ao relatar sua vida antes e depois da Igreja Universal:

Ah, hoje eu estaria morto, não estaria nem vivo mais. Antes de ir pra igreja mesmo, sentia vontade de me matar. Coloquei a arma na minha cabeça duas vezes, aí nesse tempo eu estava na Aeronáutica... Coloquei a arma na cabeça, aí quando eu ia disparar um tiro, aí veio um flash de luz na minha frente, aí parei... Aí quando foi na outra semana veio àquela vontade de atirar de novo na cabeça porque eu pensava que me matando acho que acabava com tudo: os problemas, preocupação, tudo aquilo acabava. Aí quando eu fui atirar veio o flash de luz de novo, aí minha vontade era me jogar na frente do caminhão, porque, para mim só a morte é que interessava. Hoje não. Hoje, tenho vontade de viver. Sou casado, tenho uma família, tenho a minha casa, tenho o meu emprego, o meu trabalho... Tenho uma renda também boa. A gente viaja, sai... A gente não tem mais briga, não tem contenda... Não tem mais vontade de morrer não, só de viver agora, só de agradecer a Deus e chamar outras pessoas também para fazerem parte, pra ver que ainda tem jeito, tem uma esperança... O sol nasce pra todo mundo, se Ele fez isso na nossa vida, Pode fazer na vida de qualquer um (Operador de mercadorias, casado, 27 anos).

A obreira Deise nos disse qual o benefício imediato que a Igreja Universal lhe trouxe:

É pra alma... Porque eu tinha depressão, eu era uma pessoa muito perturbada... E ali naquele impacto quando a gente chega na igreja sua alma se liberta. Você vai fazendo as correntes, o que o pastor vai falando, você vai vivendo. Eu tinha outros pensamentos da igreja Universal, mas como é que eu chupar uma laranja sem saber se ela é doce ou azeda, né? Só provando pra saber como é na realidade. Então, quando eu fui, realmente aquela tese que eu tinha sumiu. Não é nada disso. Eu sou da Obra, eu sou obreira e a gente vê que lá dentro que não é assim como o pessoal fala...

Diz ela ainda que, se não fosse a religião, “estava morta, morta mesmo. Porque Jesus mostrou aquela porta aberta, entendeu? Eu creio assim, eu digo muitas vezes que não estaria viva se não fosse a Igreja Universal”(dona de casa, casada, 26 anos).

Torna-se edificante para estes participantes da IURD relatar todos os problemas pessoais para a igreja, é gratificante, posteriormente, mostrar a superação.

No primeiro momento cabe à figura do pastor ouvir seus relatos de como se apresentavam suas vidas, normalmente recheadas de problemas familiares, afetivos e de ordem financeira. No segundo momento é mostrado o resultado e seu real alcance. Os frutos colhidos.

Os participantes são levados a expor seus problemas, para somente assim, ser travada a batalha contra as forças maléficas geradoras de tantos sofrimentos e perseguições. Depois, com os resultados, é que os fiéis de fato são postos diante dos demais para dar seus depoimentos, mostrando o quanto o papel da igreja foi importante para direcionar a fé de cada um a fim de obter tais resultados. Abaixo temos uma lista de resultados alcançados na

Universal narrados por meio de expressões usadas pelos frequentadores e tomados como exemplos:

- “*Os benefícios*” (ganhos materiais).
- “*Os frutos*” (os resultados).
- “*Vida financeira transformada*” (de ruim para melhor).
- “*Conquistei a Edna*” (uma esposa).
- “*Subir*” [na vida] (prosperar).
- “*Vida financeira próspera*” (melhorar economicamente).
- “*Um carro zero km, um apartamento quitado, pagamento das dívidas*”.
- “*O carro dos meus sonhos*”.
- “*Vida abundante*”.
- “*A situação melhorou*”.
- “*Colheita*” (o que se plantou dá frutos). (PEÑA-ALFARO, 2007, p104).

Esses resultados à vista tornam-se um importante *slogan* para convite de pessoas que apresentam os mesmos problemas ou similares dos comungantes da Universal e que, ainda não conhecem o poder que há nela. É uma importante ferramenta muito atrativa para conseguir outros crentes, renovando sempre a clientela que sempre constatará os benefícios que são divulgados.

A obreira Ariane (vendedora, 20 anos) nos diz que se não fosse a Universal: “Eu não teria tanta coisa para sorrir. Sou uma pessoa feliz com família e trabalho”.

A senhora Severina emenda (dona de casa, 58 anos): “Já teria morrido. Porque eu vivia muito angustiada, doente, triste... A igreja mudou minha vida”.

Comentou também a jovem dona de casa Aline: “Eu acho que já teria morrido, porque antes era muito problemática. O que a religião anterior não conseguia assim me ajudar, aqui na Universal foi onde me acolheu. Mesmo que uma mãe pra mim” (idade não divulgada, mas aparentando menos de 20 anos).

Também nos disse a costureira Antonia: “Ah, péssima porque se não fosse essa igreja que não foi eu que escolhi, foi o próprio Deus que me levou, eu já estaria morta, com certeza” (idade não revelada).

O *slogan* “Pare de sofrer!” existente na Universal que é um convite oficial sempre às pessoas, bem que poderia ser emendando com *slogan* dos tipos “Venha para ver!” ou “Cria para ver!”, por exemplos, para comprovação daqueles que, curiosos, são levados a experimentar o poder da fé que tanto ela, a Igreja Universal, tenta despertar.

Tais situações são levadas aos fiéis, pelos pastores em incentivos, através de símbolos que tocam a emoção como retratos de familiares, carteira de trabalho e previdência social, ou seja, a popular carteira profissional e qualquer outro objeto que precise ser abençoado e garanta a felicidade de quem a busca.

3.4 - As correntes de oração: onde os problemas são ‘amarrados’

No capítulo anterior de nossa dissertação, num dos tópicos tratamos da questão da “Guerra Santa” [A eterna “Guerra Santa”: A dimensão espetacular e pedagógica da expansão institucional], inevitável não tratar novamente deste tópico, porém, focalizando o Mal, o diabo, o demônio como causador único e imediato de todas as mazelas do indivíduo.

Mas quem é o demônio? Onde podemos identificá-lo? Com quem ele se parece? Aqui está o ponto mais conflitante da IURD. Em quase todos os cultos desta igreja, o demônio é personificado nas religiões afro-brasileiras. Os cultos espíritas e kardecistas também não ficam impunes. A IURD travou, ao seu modo de dizer, uma guerra contra as forças do mal. Os demônios, presentes principalmente nas denominações religiosas que citamos, são a razão da desgraça no mundo e por isso precisam ser exterminados (OLIVEIRA, 2006, p.69).

As perguntas na citação acima da dissertação do referido autor, são indagações feitas por muitos de nós para tentar entender tantos males atribuídos e identificados em cada culto da Igreja Universal, e apontados como causadores e fontes inesgotáveis das tribulações e perseguições que cercam os crentes desta religião e de outras também com os mesmos vieses.

Por mais que na etimologia cristã, o conceito diabo, demônio e satanás sejam tratados com formas específicas, na Igreja Universal, a eles são atribuídos os malefícios do homem de modo contínuo e único. Conforme citação de Oliveira:

O conceito diabo, demônio e satanás está sendo usado como sinônimos de forma indiscriminada isto porque, na IURD, estes nomes são tomados com o mesmo sentido. Todos eles representam as forças do mal que pode agir no homem. Embora saibamos que etimologicamente e nas raízes cristãs estes entes, se assim podemos chamá-los, possuem significados diferentes e até mesmo representam realidades diferentes. No tempo de Jesus, por exemplo, o demônio era identificado, na maioria das vezes, com as doenças psicossomáticas. A palavra satanás está ligada, na raiz hebraica, ao termo adversário, enquanto diabo é tudo aquilo que divide. (2006, p.69).

Existem elementos diversos para fazer com que cada sessão da IURD seja um sucesso para atender toda uma clientela sedenta por resultados a qualquer preço no sentido lato da coisa.

Sobre as correntes da IURD, a especificidade de cada dia contempla um público cativo aos diversos interesses que são propagados. O chamamento para os fiéis são constantes, a ponto de cada culto constatarmos templos lotados.

Para o indivíduo, as correntes são passos para a transformação da vida e que não são vistas como mágica; as correntes correspondem a um processo de limpeza do passado e são

tratadas pelo exorcismo que firmam a adesão eclesiástica de cada membro (FREESTON, 1996, p.139).

Muitos dos elementos vêm de outras raízes religiosas como afro e até do catolicismo popular tradicional. Os apetrechos são variados e aplicados em situações muitas vezes distintas. Dentre os apetrechos sagrados, alguns dispõem de um referencial muitas vezes do catolicismo popular, tais como: exorcismo, fogueira santa, testemunhos, água benta, correntes diversas de orações, óleo santo, sal, fitas amarradas no braço, cruces etc.

Os objetos de apetrechos apimentam os cultos e a vida dos fiéis. São vistos como munições para uma guerra que começa nas diversas correntes de orações e são colocados à disposição, para quem precisar levar para seus lares atribulados de tantos problemas e externar os rituais que são embasados na igreja.

O modo como a IURD distribui seus cultos beneficia a clientela que pode frequentar de modo eficaz sem correr risco de perder algum rito que traga soluções para seus problemas.

Não importa se o dia é útil ou fim de semana, todo dia há alguma sessão na Igreja Universal, para atender toda uma clientela sedenta por uma intervenção divina no plano terreno de cada um.

Os cultos na IURD são temáticos e comuns entre os templos. Cada dia da semana é destinado a um tipo de corrente específica, focalizada em públicos diferenciados. Na segunda-feira ocorre a corrente da prosperidade; terça-feira acontece a corrente da saúde, que muitos também chamam de sessão da cura e também há a corrente do descarrego; quarta-feira é dia de doutrina bíblica, uma “espécie de catequese” que às vezes é intitulada de seminário da fé; quinta-feira o culto e as orações são destinados à Família” (Oliveira, 2006, p. 92-93); sexta-feira destinada à libertação dos demônios; o sábado é voltado aos diversos problemas financeiros; o dia de domingo é destinado ao louvor e a adoração a Deus. Em alguns domingos tornam-se comuns cultos da santa ceia.

Às segundas-feiras ocorre o culto dedicado à prosperidade, em pelo menos três sessões ao longo do dia como notamos nos templos em que visitamos e nos quadros de aviso das mesmas. É sem dúvida uma sessão repleta de fiéis e a liturgia empregada varia muito diante da clientela, seja na apelação de ofertas e até mesmo no sentido das palavras utilizadas.

O que ocorre nesses cultos é um misto de conselhos administrativos com conotações de auto-estima de modo que não possa existir uma quebra de corrente por parte dos fiéis, similar às novenas católicas, que implicaria num recomeço em caso de ser quebrada. Muito do que é sugerido pela igreja é específico, mas o fiel pode fazer de modo particular para conseguir algo que seja em favor de si próprio (Oliveira, 2006, p.96).

Nas terças-feiras ocorre a corrente do descarrego e a reunião da cura, um dos dias mais almejados e que notamos muita procura de pessoas mais idosas na busca da cura de males do corpo e onde mais presenciamos atos de exorcismos nos púlpitos. Vale ressaltar que em alguns dias, vimos nas ruas fiéis com blusas brancas temáticas com o seguinte dizer: “Terça-feira do Descarrego” em cor prateada no letreiro.

Uma forte emoção é sentida na clientela quando qualquer pastor é conduzido nas sessões das terças-feiras para fazer a libertação. Todos ficam atentos aos movimentos e à medida que será tomada. Mariano afirma que:

Quando o possesso é levado ao púlpito, já com o demônio submetido à autoridade divina e amarrado para que não machuque nem prejudique mais seu “cavalo”, a estrutura do ritual exorcista que se estabelece com os deuses e espíritos inimigos geralmente apresenta um enredo fixo. Primeiro, o pastor entrevista o demônio para identificar seu “nome”, invariavelmente uma entidade dos cultos afro-brasileiros. Segundo, pergunta como ele se apossou daquela pessoa. Terceiro, procura descobrir os males e sofrimentos que ele está provocando na vida (familiar, financeira...) da vítima. No quarto e derradeiro passo, o ritual perde o seu caráter de *talk show* com o demônio. Depois de humilhá-lo, o pastor expulsa-o em nome e para a glória Cristo (2005, p.131).

Um chamariz na sessão de descarrego é a unção do óleo santo. Este é usado assim como outros símbolos em outras sessões. Valorizado ao extremo, o óleo santificado é responsável por proporcionar ao fiel de forma ritualística o atributo de benfeitoria, situação que na maioria das vezes vem formalizado num produto para adquirir-se, ou seja, é levado a título de barganha.

Quarta-feira é um dia similar a uma catequese, dia dedicado ao Filho de Deus e que muitas vezes é chamado de seminário de fé. Ouvíamos dos fiéis e pastores como o dia de buscar o Espírito Santo. Nesse dia, o público-fiel posiciona-se de modo atento às palavras e menções bíblicas, abordadas exaustivamente. O pastor e os obreiros estão sempre inteirados do público divergente presente e, utiliza-se de uma linguagem mais próxima da clientela, que recebe aos ouvidos cada palavra como a mais pura lição para vivenciar o milagre, a perpetuação da fé e a certeza que todos devem selar compromisso com Deus a fim de ter curas de males e sucesso pessoal.

Em vários momentos dessas correntes de oração, ao utilizar a Bíblia, os pastores buscam na literatura sagrada relatar passagens de curas, milagres e ascensão humanas depois de provarem e desafiarem a Deus.

Na quinta-feira, encontramos um dia dedicado para os crentes *iurdianos* relatarem os problemas de família, ungir objetos pertencentes aos entes. Todas as sessões são repletas com situações que abrangem questões familiares diversas.

Óleo ungido e até sal para purificar o lar, jejuns de nove dias, orações de joelhos antes do nascer do sol são alguns dos rituais dedicados à corrente da família, a fim de sanar os problemas familiares que envolvem filhos, pais com problemas conjugais e outros parentes, incluindo situações com afetividade, traições e desemprego.

Nesse dia é comum observar objetos da casa e de familiares sendo apresentado para serem ungidos e consagrados. Situações são faladas diante da plateia e no púlpito, similar ao que normalmente vemos na televisão⁶², para que o pastor aplique o antídoto, vindo *a priori* numa corrente de oração sugestiva ou na utilização de alguns dos objetos mágicos vistos e consumidos já em outros cultos conhecidos.

Sexta-feira é quase uma reprise da terça-feira. Todavia, são conhecidas as reuniões do dia como *corrente* da Libertação.

O sábado é um dia de cultos voltados aos problemas financeiros, mas também propício para a Terapia do Amor. Diversos relatos, bilhetes e pedidos para resoluções dos problemas afetivos.

Já o domingo é um dia que pela manhã cada templo lota mais que qualquer outro momento do dia, talvez por ser um dia que nem todos os fiéis trabalham e fiquem apenas dedicados à igreja. Este dia é todo dedicado ao louvor e adoração. É o dia que se busca o Espírito Santo mais uma vez. Incrível é que as primeiras sessões começam juntamente com os primeiros sinais do Sol que irradia no início da manhã. A predominância de vestuário branco é um destaque a mais.

Numa dessas manhãs de domingo víamos todos os presentes com sacolas de pão para consagrar. Alguns domingos são cultos de “Santa Ceia”. Porém, de todos os fatos que presenciamos, o mais curioso ocorreu num dos domingos, onde presenciamos uma cerimônia que fortalecia a relação fiel/Igreja com uma espécie de casamento com certificado e doação de oferta da fiel/noiva nas mãos do pastor durante a simbólica união ou enlace matrimonial, porém o noivo era Jesus. Nunca mais ouvimos falar e tão menos vimos tal tipo de cerimônia repetir-se.

⁶² Na edição 258, de 28 de abril de 2003, a Revista Época destaca em suas páginas, matérias conduzidas pelos repórteres Alexandre Mansur e Luciana Vicária, a atuação da IURD diante do espetáculo televisivo das correntes de libertação, dos apetrechos e outras situações intrigantes ligadas à temática. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,ESP331-1654,00.html>. Acessado em: 08.09.2009.

A Igreja Universal parece que é alvo fácil para as forças do mal, escolhendo seus adeptos e clientela. Vejamos o que diz Mariano (2004, p.133):

As “sessões espirituais de descarrego”, criadas no limiar do novo milênio, constituem um de seus mais recentes e populares experimentos sincréticos. Como se pode perceber, não se trata propriamente de culto a Deus, mas de “sessão” dedicada à imprecação de encostos ou demônios que insistem em “encostar-se” nos adeptos e na clientela da Universal.

Segundo Ricci, os exorcismos⁶³ podem surgir de modos diversos, durante as orações ou louvores por alguém está possesso. Todavia, o mais comum é que os exorcismos ocorram durante a oração por imposição das mãos. No geral os demônios se manifestam de modo violento, daí ser necessário apoio de obreiros para segurar o possesso e assim o pastor ou presbítero diga em voz alta: “Saia em nome de Jesus” (2006, p.105).

E ainda Ricci descreve como a igreja posiciona-se, de acordo com o público-alvo no direcionamento de cada culto:

Os obreiros e obreiras, durante os cultos, ficam atentos a pessoas que potencialmente podem ser consideradas possesas: 1) todos os não crentes; 2) os pais e mães de santo; 3) os clientes ou iniciados nos cultos afro-brasileiros; 4) os espíritas ou médiuns de qualquer orientação religiosa; 5) as pessoas que apresentem os seguintes sintomas ou comportamentos: a) dores de cabeça constantes; b) insônia; c) desejo de morrer; d) homossexualismo; e) vícios; f) pânico; g) depressão. (2006, p.79).

Edir Macedo (2004, p.134), referindo-se a importante atuação presencial da clientela da igreja nos cultos libertários, é enfático:

A participação nas reuniões de libertação é muito importante para aquele que, sinceramente, deseja ter uma nova vida, afastada da influência dos demônios. Há demônios que não se manifestam em uma ou outra reunião; há aqueles que apanham as pessoas quando estas saem da igreja ou mesmo em seus lares [...] Saiba que o diabo nunca se dará por satisfeito ao perder uma batalha. Ele procurará se reabilitar, e essa uma das principais razões pelas quais aquele que deseja uma libertação completa não pode deixar de participar de reuniões desse tipo.

3.5 O poder do discurso em consonância com a realidade local

Os líderes dos templos *uridianos* em qualquer sessão apresentam soluções para os mais diversos dilemas que assolam a vida de cada fiel solicitante de resolução nos problemas. Os pastores são tomados por palavras fortes e com explicações para todo tipo de infortúnio que

⁶³ A título de exemplos de situações de exorcismo, verificar a Revista Época na matéria intitulada: “O exorcismo é a atração da noite. Na edição 258, de 28 de abril de 2003, a Revista Época. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,ESP331-1654,00.html>. Acessado em: 08.09.2009.

cerca a vida de um crente. “Os fiéis criam uma dependência de seus líderes e precisam de suas orientações e passam a viver segundo sua aprovação” (NUNES, 2007, p.52).

O discurso dos pregadores pentecostais, mais do que o de outro segmento religioso, é fortemente carregado de sentido ideológico, na medida em que sabem identificar os problemas e as angústias das pessoas, mas propõem, sistematicamente, uma explicação transcendental para sua origem, em especial uma demonização dos problemas sociais. E os demônios são muitas vezes nominados, identificados, com as entidades das religiões afro-brasileiras, os orixás, exus, pombagiras. Resulta disso que, para eles, as “verdadeiras causas” da doença, miséria, pobreza, desemprego, mortalidade infantil, desacertos amorosos, angústia, etc, são buscadas na ação de satanás (dos orixás e dos pais-de-santo) (ORO, 1996, p. 52-53).

Acrescenta Campos:

A administração central da Igreja oferece, contudo, apenas a matriz com um enredo principal, cabendo aos responsáveis regionais dar cores locais às dramatizações e espetáculos. É dentro desse espaço que o pastor local exerce a sua liberdade e criatividade, incorporando à liturgia elementos da religiosidade popular local. Dessa forma, o neopentecostalismo faz brotar de um tronco matricial, onde se misturam tradições “pagãs”, católicas, afro-brasileiras, judaicas e protestantes, uma forma aparentemente original, mas não tanto, como veremos, de se cultuar a Deus. Daí a influência de antigos cultos da natureza, a atração pelos topos sagrados, lugares altos, cachoeiras e praias, bem como a tendência em se usarem símbolos universais, como água, ar, terra e fogo, ao lado de ritos herdados dos períodos de nomadismo ou da antiga civilização agrária, inesgotáveis fontes de símbolos e mitos (1997, p. 72).

Ricardo Mariano por sua vez diz: “Na Universal, vale quase tudo para “despertar a fé das pessoas”, ou para convencê-las de que a igreja prega um Evangelho de poder, que, além de verdadeiro, “funciona” na prática.” (2004, p.133).

Nas igrejas e nas dimensões locais do bairro e circunvizinhança que frequentamos, notamos, incessantemente nas palavras dos obreiros e dos pastores principalmente, a importância de frequentar continuamente cada reunião, culto ou sessão. E durante cada um desses atos há sempre uma menção, bem como também dar audiência a programação televisiva da igreja, como complemento às bênçãos que “irmãos” de outros Estados e regiões conseguem.

No capítulo anterior já abordamos algumas características dos líderes carismáticos que cercam o meio neopentecostal e em especial na IURD. Aqui não retomamos a temática, mas tocamos no como é importante a figura do pastor e sua responsabilidade de acompanhamento do fiel a ponto de criar um vínculo relativamente próximo.

O jeito de tratar a clientela e o modo como se porta diante de cada símbolo para atender a necessidade imediata de cada crente, faz da pessoa do pastor uma autoridade e num outro extremo alguém de laço mais estreito.

Praticamente, nos pastores ocorre uma sintonia linear no discurso, forçando uma mesma lógica para cada culto e levando a linguagem ao modelo compreensível para o público de fiéis. Todas as situações expostas tendem a ser representadas e, principalmente, combatidas em discursos atrativos e focadas no bem-estar físico e no material.

Em praticamente todos os cultos, o discurso dos pastores seguia a mesma lógica: o óleo santo traria a cura para doenças físicas, espirituais, afetivas, financeiras etc. Como notamos o trabalho simbólico não acontece de forma abrupta. Ele é devidamente preparado com um discurso próprio e com finalidade específica (Oliveira, 2006, p. 98).

Ficar atrelado entre o discurso das soluções dos males que tanto assola o fiel que busca as sessões e entrar na vida de cada um deles é algo extremamente visível e comum de presenciarmos em muitos dos templos. O diferencial é que na medida em que surge uma tamanha espécie de intimidade, assim podemos dizer que dificilmente o fiel dará um “não” como resposta aos pedidos do pastor para a provação de fé e a ação da prosperidade na vida de cada um. Este tipo de ação ocorre através do discurso econômico.

O dinheiro é colocado no centro do discurso teológico, a exemplo do que os católicos veem na doação a prática da caridade, a IURD tem uma visão mais pragmática da temática e leva o fiel a viver fervorosamente a experiência da fé tendo que demonstrá-la. E a melhor forma de fazer isso é entregar dinheiro aos representantes de Deus – no caso, os bispos da Universal – para que ele seja misticamente multiplicado. Mostra-se que a doação é um investimento e quanto mais o fiel doar à igreja, mais receberá de Deus no futuro (Lopes e Portela, 2009, p.91).

O desafio de dar para receber é o mote utilizado no discurso econômico⁶⁴, com mais ênfase do que qualquer outro mecanismo de convencimento, no qual a clientela sedenta por soluções imediatas procuram se entregar, proporcionando uma ansiedade direcionada com a necessidade de adquirir conquistas e graças alcançar. Conforme Silva,

Na vida do fiel membro de uma das expressões neopentecostais, claramente se estabelece a meta de alcançar a prosperidade; seus depoimentos, a cada dia, nos cultos, têm que dar tal testemunho, exemplificando que sua vida, ali,

⁶⁴ De acordo com Peña-Alfaro, determina como “discurso econômico” ao discurso do âmbito religioso que utiliza os conteúdos religiosos para enfatizar aspectos financeiros e oferece aos fiéis promessas de vida econômica próspera dentro de uma interpretação das escrituras onde a saúde, a felicidade e a riqueza seriam promessas de Deus para aqueles que acreditam nele. Parte-se da premissa de que Deus é rico e seus filhos também o são, ou serão (2006, p. 100).

progride, ainda, não está “amarrada”. A vida na igreja está sob uma aliança de fidelidade a Deus e seus desígnios, uma vez por ela mediados riqueza e paz serão constituídos e testemunhados pela fé que ali se vivencia. Uma vez selada a adesão religiosa, essa realidade alternativa à vida anterior será mantida, apenas, sob a base da oferta, como contrapartida da prosperidade advinda de Deus há muito tempo prometida, e sob a determinante condição de fidelidade. Dentre tantas formas de expressão da referida fidelidade, a fidelidade ao dízimo é condição primeira que logo deve ficar mantida, sob pena de não ser abençoada. Mas, pensemos bem, fidelidade ao dízimo é, antes de tudo, fidelidade a Deus (2007 p. 12-13).

O fiel é conduzido a *decretar, determinar e exigir*, expressando afirmação e ação diante de Deus e superando a limitação que existia antes ao *pedir, suplicar e esperar*. Este é o ideal que prega a doutrina da prosperidade e que fica sacramentado diante do dízimo e ofertas com parte integrante desta aliança com Deus.

Na prática este já tem um crédito, cabe ao fiel reclamá-lo, e para isto a linguagem expressa esta nova atitude, os verbos usados são: **decretar, exigir, determinar**; onde a postura com do fiel é afirmativa e ativa. Aqui os pastores enfatizam que o fiel deve pronunciar e determinar com fé suas demandas e necessidades e Deus atenderá. Portanto, temos uma mudança significativa na ordem do discurso religioso enquanto prática sociodiscursiva (PEÑA-ALFARO, 2006, p 101).

Independente de nossas observações quanto ao poder do discurso⁶⁵ e a real propagação deste é notório salientar que a eficácia é perceptível ordenadamente em amplos grupos sociais e revalidadas todas as vezes que é emitido e interpretado, pois quem dele faz uso sabe utilizar cada ação de palavra de acordo com a clientela específica. Notamos claramente isso na postura e imposição da voz e gesticular do pastor da periferia – público mais carente -, nas áreas mais nobres e com templos mais modestos – o pastor, com uma ala mais beneficiada sob ótica econômica, discursa prosperidade e objetiva mais suas diretrizes.

Mas ambos falam das mesmas necessidades dos fiéis e como este tem que se portar para agradar a Deus e ter uma vida melhor no plano terreno, situação oportuna e sempre presente em cada reunião.

Tudo que é fruto da aliança com Deus é enaltecido por pastores e demais obreiros para que cada fiel tenha noção de como é importante honrar a Deus e daí ficar intimamente acessível aos retornos divinos.

Fazer aliança com Deus é um conceito que Deus opera com novos significados sobre a riqueza, colocada à nossa disposição através do conceito de aliança. Com este conceito opera-se a conexão com a ideia de “paraíso

⁶⁵ A Análise Crítica do Discurso postula o uso social da linguagem em interações, nas quais se estabelecem relações de poder e de dominação por grupos econômicos ou ideológicos, que utilizam a linguagem como formas de controle social, por meio de várias formas práticas discursivas. Entre essas formas encontramos a retórica e a persuasão (PENÁ-ALFARO, 2007, p.104).

perdido” que pode ser recuperado se aceitarmos esta aliança com Cristo, com a qual podemos ser “parceiros” ou “sócios”.

Com isto, realiza-se o traslado de um campo semântico religioso para outro econômico, pois a parceria e sociedade com Deus significam negócios com Deus. Esta ideia de aliança representa um compromisso com deveres e direitos bem delimitados: “As bases da nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; e o que é dele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria e tudo de bom) passa a nos pertencer (MACEDO, 2002, p59). (PEÑA-ALFARO, 2006, p.105)

Retórica e persuasão⁶⁶ não faltam aos pastores e eles conseguem atrair atenções de pessoas ávidas por soluções a qualquer preço e que estão aptas para negociar e ter o privilégio de ser atendido.

São muito importantes e essenciais os pastores, pois são sucumbidos, ou melhor, alçados com uma espécie de apadrinhamento na relação de interação que há entre o crente *iurdiano* e os seus líderes.

⁶⁶ O tema da persuasão e da retórica religiosa que visa a convencer o público das vantagens que a instituição oferece com seus “milagres e curas”, e para isso, usa, entre outros meios retóricos, a metáfora como figura que estabelece comparações facilmente compreensíveis e assimiláveis pelo público consumidor. (PEÑA-ALFARO, 2007, p105).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos numa realidade social de tamanha desigualdade e desconforto que somente o apego religioso traz às pessoas uma gana maior para vencer todos os obstáculos. Se não ocorre em todos os segmentos religiosos esta predisposição, que é uma junção da igreja para interceder com Deus a fim de que seus crentes fiéis consigam atingir suas metas aqui, neste plano terreno, e dos fiéis para recorrer deste mesmo Deus, usufruindo de todo um arsenal de combate e cenário construído pela sua igreja para conduzir aos tão sonhados anseios materiais e também espirituais. Mas é certo que isto ocorra no meio neopentecostal, corrente que agrega todos os indivíduos que esperam no aqui e agora a solução de seus problemas terrenos.

Os governantes, representantes sociais legais, que seriam a ponte para solucionar tamanhos problemas de desigualdade, dividem a ponte com líderes religiosos que impulsionam fiéis na crença de que tudo pode ser resolvido na base das orações, entregas pessoais a Deus e ofertas para soluções de todos os problemas.

Por outro lado, outras tramas cercam a vida de quem procura esta corrente religiosa: são situações que pairam nas doenças, incompreensões das fraquezas e fases humanas. A igreja também entende e resolve tais situações, nas concepções dos fiéis.

Há, ainda, o embate e combate às forças do Mal que insistem em perseguir e destruir os fiéis e os infiéis. Porém, ao perseguir os fiéis, as criaturas malignas são mais fáceis de serem derrotadas, porque há mecanismos fortes em forma de orações e correntes que não somente amarram como, também, destroem qualquer força de proveniência negativa.

Daí a IURD criar seus mecanismos atrativos, para não dizermos atrações, através de cada sessão e bem como persistir na presença constante daquela clientela, que cada vez mais se torna dependente e vivencia os resultados alcançados de tantos fiéis, esperando muitas vezes ter as suas realizações efetivadas.

A igreja condiciona a libertação à frequência. Há alguns atos de sacrifícios: dê seu tudo que Deus te retribuirá, ou até condiciona o fracasso do empreendimento acerca da fé, onde tira de si a responsabilidade e coloca a cargo dos fiéis.

Destruindo quem interfere – o Diabo – nas realizações, conquistas e merecimento de cada um daqueles que buscam em sacrifícios as condições de beneméritos, a Igreja Universal do Reino de Deus cativa aqueles que a frequentam e numa época como a que vivenciamos, torna-se uma alternativa para colocar em prática a busca por prosperidades e curas sem muitos

esforços, mas com sacrifícios que são mais desafiadores, às vezes, mais que muitos dos problemas apresentados. Todavia, os fiéis são condicionados em diversos desafios e creem que fazendo cada um deles, serão recompensados em curto prazo e até mesmo imediatamente. Todos terminam por obedecer e assim Deus é posto na condição de recebedor de cada sacrifício que é simbolizado nas ofertas, nas compras de vários objetos simbólicos e dízimos.

É evidente que as igrejas neopentecostais conseguem atrair mais pessoas das camadas populares, carentes de assistência e pouca expectativa de melhoria diante das adversidades que a sociedade impõe, contudo hoje também há pessoas de classes favorecidas. Todavia, até estas, buscam dar-se bem na vida. Se já tem alguma coisa a título de *status* conquistada anteriormente, termina não importando muito, o que vale é o que se alcança a partir da conversão e a tendência é querer sempre mais.

As transformações nas instituições como num todo estão numa ebulição constante. E diante das mudanças temporais, há uma necessidade inserida de modo contextualizado para igrejas, focando uma “disputa” mais que acentuada por mais fiéis. O propósito foge do que cada igreja tradicional pentecostal apregoa nas palavras e leituras das Sagradas Escrituras, mas desafiar Deus para que honre os seus fiéis é a colocação que terminamos por averiguar numa igreja do tipo Universal do Reino de Deus.

De modo quase presumível e acentuado, notamos as razões de um crescente empenho da Igreja Universal para solidificar-se nas localidades que ali se fixam, através de um desempenho de seu clero e a propagação de resultados diante de seus militantes num processo de captar mais uma clientela.

Os benefícios são alcançados e os frutos são colhidos de acordo com a fé de cada um. O papel da igreja é de interceder apenas. Cabe ao fiel descobrir que ele tem posse da fé e certeza que irá conseguir tudo que precisa, deseja e é seu direito, mediante formalidade com Deus, colocando a igreja como referência, a verdadeira localidade onde Deus está ou que ali coloca pessoas que farão os milagres e que dirão palavras que consolem em Seu nome.

A busca por benefícios e sustentação da vida em algum apego religioso é uma constante na relação das pessoas que buscam nas igrejas Universal do Reino de Deus e outras similares a solução de seus problemas. Todavia, não encontrando respostas para seus dilemas, a busca incessante passa a ser uma constante, até que lá no fim do túnel, surja aquela religião que seria a salvadora. Eis o tipo de comentário que notamos em muitos dos cultos da Igreja Universal do Reino de Deus, quando muitos vão agradecer suas conquistas pessoais e que também constatamos nas nossas conversas em depoimentos.

As respostas para quem começou pela IURD não foram diferentes quanto ao aspecto valorativo sobre esta em sua vida. Muitos que começaram sua vida religiosa por lá, testificam a presença na igreja para atingir seus objetivos tanto quanto os que são novatos. E são esses antigos e de primeira e única pertença que também fazem com que os novos adeptos finquem raízes na igreja, porque são sempre levados a depor em muitas sessões o que é a vida de cada um, antes e durante a participação na igreja.

Nossa busca é neste universo que emerge atraindo cada vez mais pessoas que, sedentas por prosperidades e satisfações pessoais diversas, recorrem às denominações neopentecostais, diferentemente dos grupos aos quais participaram anteriormente.

Os interesses que são almeçados nestas mudanças religiosas não partem somente dos novos convertidos, mas sim de ambos, ou seja, dos novos adeptos e das instituições que passam a recebê-los, entrando em concomitância e dividindo seus papéis, tornando-os crentes da eficácia e providências desejadas. Para Deus será apresentado o problema e Ele será o responsável por dar a solução cabível, o fiel antes é desafiado a doar para ter dobrado ou triplicado tudo de bom em sua vida, bem como para ser curado ou até mesmo testificar a relação que há de ter um Deus que faz cura e nunca desampara. Quem pagaria para ter, ver e sentir isso? A clientela de fiéis sedentos por um Deus de providência faz e é condicionada quantas vezes for necessária para mostrar que creem. E assim serão curados, abençoados e podem pedir quantas vezes quiserem porque Deus fará, mas que nunca esqueçam que a obrigação com a Igreja e com Deus vem antes dos resultados.

O que podemos enaltecer é que mesmo muitos não tendo noção, utilizam do discurso religioso de modo mobilizador a ponto de atingir, com ou sem a mídia em consonância com a realidade social de cada região onde está fincada a igreja, por meio de intenso uso do próprio material humano que são as vivências de cada fiel – este mesmo fará a divulgação e, possivelmente, trará mais outro fiel.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTERO, Paula. **Trânsito religioso no Brasil**. (artigo). São Paulo, 2001.

ALONSO, Aurelio. América Latina y el Caribe. Territorios religiosos y desafíos para el diálogo. En publicación: **América Latina y el Caribe**. Territorios religiosos y desafíos para el diálogo. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. 2008. Acceso al texto completo: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/alonso>.

ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Loyola, 2005.

ANDRADE, Durval Ângelo. Política, religião e transformação social. **Religião e transformação social no Brasil hoje/Sociedade de Teologia e Ciências da Religião - SOTER**. São Paulo: Paulinas, 2007.

ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BERGER, P. L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BENEDETTI, Luiz Roberto. Religião: trânsito ou diferenciação? In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata. (org). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. 2ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

BONFATTI, Paulo. **Relevantes aspectos observados na Igreja Universal do Reino de Deus**. Disponível em www.rebedo.psc.br, acessado em 23/10/2008.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. Entre a História e as Ciências da Religião: questões teórico-metodológicas sobre o trabalho com depoimentos orais. **Revista de Teologia e Ciências da Religião**. Ano IV, n. 4, set. Recife: FASA, 2005.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e Mercado: A Igreja Universal do Reino de Deus e as mutações no campo religioso protestante.** São Paulo: UMESP, 1998, p.21.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal.** Petrópolis. Vozes: São Paulo, Simpósio Editora e UMESP, 1997.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata. (org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas.** Petrópolis: Vozes, 2006.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. **Sob o olhar da razão: as religiões não católicas e as ciências humanas no Brasil (1900-2000).** Dissertação (mestrado). Universidade de São Paulo, 2001.

CHARPLIN, James. **Dicionário de Psicologia.** Lisboa: Edições Dom Quixote, 1981.

DANTAS, José Guibson. **Neopentecostais e as mediações culturais: o comportamento dos telespectadores diante dos programas televisivos das igrejas neopentecostais.** Recife: Livro Rápido, 2007.

DUARTE, Gedeon. **Relação de dependência entre os líderes da seita neopentecostal protestante e seus adeptos.** Dissertação (mestrado). Recife: Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, 1994.

FERNANDES, Silvia Regina Alves (Org). **Mudança de religião no Brasil: desvendando sentidos e motivações.** São Paulo: Palavra e Prece, 2007.

FERNANDES, Silvia Regina Alves; PITTA, Marcelo. Mapeando as rotas do trânsito religioso no Brasil. **Religião & Religiosidade.** Vol. 26, nº 2, nov. Rio de Janeiro: ISER, 2006.

FOLHA ONLINE, Preso em Recife pastor da Universal acusado de assassinar adolescente. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u405258.shtml>, em 25.05.2008- 17h06. Acessado em 21.04.2009.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo.** (orgs) Petrópolis: Vozes, 1996 p. 67 -162.

GAARDER, Jostein et al. **O livro das religiões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas.** Vol.35, nº 3, mai/jun. São Paulo: 1995.

JACOB, Cesar Romero et al. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil.** São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Religião e sociedade em capitais brasileiras.** Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio; São Paulo: Loyola; Brasília: CNBB, 2006.

LACERDA, Lucelmo; PAPALI, Maria Aparecida Chaves Ribeiro. **E os católicos se rendem à Universal do Reino de Deus: aproximações dos carismáticos com neopentecostalismo.** Revista Espaço Acadêmico, nº 71. Disponível em www.espacoacademico.com.br, acessado em 1/7/2008.

LEITE FILHO, Tácito da Gama. **Seitas neopentecostais: seitas do nosso tempo.** Vol. 3. Rio de Janeiro: JUERP, 1990.

_____. **Seitas neopentecostais: seitas do nosso tempo.** 3ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

LOPES, Adriana Dias; PORTELA, Fábio. Por que os fiéis doam tanto. **Revista Veja.** São Paulo, ano 42, n.33, p.91, agosto. 2009.

MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus.** Vol.2. Rio de Janeiro: Universal, 2001.

_____. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios.** Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal. 2004.

MAIA, William. **MPF processa Record e Gazeta por “demonização” de religiões afro.** Disponível em: <http://ultimainstancia.uol.com.br/noticia/62439.shtml>, acessado em 06/03/2009.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal.** Estudos avançados. Vol.18 nº. 52, São Paulo Set. /Dez. 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300010&script=sci_arttext, acessado em 13/10/2008.

_____. **O futuro não será protestante.** Trabalho apresentado na mesa redonda MR 06 “Dilemas do protestantismo latino-americano”. VIII Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, 22 a 25 set, 1998.

_____. **Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos.** **Revista de Estudos da Religião – REVER.** Ano 8, Dez. 2008.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil.** São Paulo: Loyola, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** São Paulo – Rio de Janeiro: Ed. Hucitec, 1999.

NASCIMENTO, Dinalva de Melo do. **Metodologia do trabalho científico: teoria e prática.** Rio de Janeiro: Forense, 2002, 192p.

NOVAES, Regina. Apresentação. *In:* FERNANDES, Rubem Cesar et al. **Novo nascimento: os evangélicos em casa, na Igreja e na política.** Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

NUNES, Éber. **Da Burocracia para a Profecia**: mudanças no neopentecostalismo brasileiro. Dissertação (mestrado). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007.

OLIVA, Alfredo dos Santos. O Discurso Sobre o Mal na Igreja Universal do Reino de Deus: Uma história cultural do Diabo no Brasil Contemporâneo (1977-2005). Tese (doutorado). Assis: UNESP, 2005.

OLIVEIRA, Raimundo Ferreira de. **História da Igreja**. V. 1. São Paulo: EETAD – Escola de Educação Teológica das Assembléias de Deus, 1996.

OLIVEIRA, Paulo César de. **O uso dos símbolos do catolicismo popular tradicional pela IURD**. Dissertação (mestrado). Universidade Católica de Goiás, 2006.

ORLANDI, E. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORO, Ari Pedro. **A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiro**.(Artigo). RBCS. Vol. 18, nº 53, out.2003.

_____. **Avanço pentecostal e reação católica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. **Religiões pentecostais e os meios de comunicação de massa no sul do Brasil**. Revista Eclesiástica Brasileira, nº 50. Jun. 1993.

PATRIOTA, Karla Regina Macena Pereira. Mídia e Entretenimento: em busca da religiosa audiência. **Revista de Estudos da Religião – REVER**. Ano 8,Set. 2008.

_____. **O fenômeno do marketing religioso**: análise do discurso da Igreja Renascer em Cristo na mídia. Dissertação (mestrado). Recife: UFPE, 2003.

PEÑA-ALFARO, Alex. A metáfora no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus. **Estudos de Religião 32. Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião**. Ano XXI, nº 32, jun. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista, 2007.

_____. **Ou dá o dízimo ou desce ao inferno**: Análise das Estratégias de Persuasão na Teologia da Prosperidade da Igreja Universal. Recife: Ed. do Autor, 2006.

PEREIRA, Camila; LINHARES, Juliana. Os novos pastores. **Revista Veja**. São Paulo, ano 29, n.27, p.78, jul. 2006.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito**: a renovação conservadora do catolicismo carismático. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

_____. A religião do planeta global. *In*: ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto (orgs). **Globalização e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1999.

PREFEITURA DO JABOATÃO DOS GUARARAPES. **Dados gerais do município.** Home page. Disponível na Internet. <http://www.pjg.com.br/index.php?opcao=1>. Acesso em: 10 de abril.2009.

RÊGO, Marlesson Castelo Branco do. **Liberdade e graça:** a resposta agostiniana ao problema da relação entre liberdade humana e graça divina e sua interpretação no protestantismo histórico e no pentecostalismo atual. Dissertação (mestrado). Recife: Universidade Católica de Pernambuco/UNICAP, 2007.

REINHARDT, Bruno. **Espelho ante espelho:** a troca e a guerra entre o neopentecostalismo e os cultos afro-brasileiros em Salvador. São Paulo: Attar editorial, 2007.

REVISTA ÉPOCA. Edição 258, 28 abril. 2003. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,ESP331-1654,00.html>. Acessado em: 08.09.2009.

RICCI, Maurício. **Glossolalia e organização do sistema simbólico pentecostal.** Dissertação (mestrado). Araraquara: UNESP, 2006.

ROMEIRO, Paulo. **Super crentes:** o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso no Brasil. *In:* ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Orgs.). **Globalização e religião.** Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVA, Drance Elias. Neopentecostalismo, dinheiro, dádiva e representação social do divino. *In:* Interações: cultura e comunidade. **Revista de Ciências da Religião.** Vol. 3, nº 3, jan./jun: Uberlândia: Faculdade Católica de Uberlândia, 2008.

_____. **Mercado, sacrifício e consumo religioso no neopentecostalismo.** Trabalho apresentado no GT 11:“Cristianismo e Campo Religioso no Brasil”. I Simpósio Internacional de Ciências das Religiões. João Pessoa, PB, 16 a 18 jul., 2007.

SILVA, Lúcia de Fátima Gomes da. **A representação social da relação fé e política na escola Pe. Humberto Plummen.** Dissertação (mestrado). Recife: Universidade Católica de Pernambuco/UNICAP, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Transes em trânsito – Continuidade e rupturas entre o neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. *In:* TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata. (org). **As religiões no Brasil:** continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.

SILVA, Rogério Rodrigues da; HOLANDA, Adriano Furtado. A vivência de prazer e sofrimento no trabalho de líderes protestantes. **Estudos de psicologia.** Vol.25, n.3, pp. 375-383. Campinas: 2008.

SCHERER, Burkhard.(org). **As grandes religiões:** temas centrais comparados. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TAVOLARO, Douglas. **O Bispo:** a história revelada de Edir Macedo. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata. (org). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.

TEIXEIRA, Marcionila. Quando a fé supera a medicina. **Diário de Pernambuco**. Recife, 20 de mai.2009. Vida Urbana C3.

_____. A cidade dos evangélicos. **Diário de Pernambuco**. Recife, 30 de agosto.2009. Vida Urbana C5.

WILGES, Irineu. **Cultura religiosa**: as religiões no mundo. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ANEXOS

ANEXO 1

Roteiro das entrevistas

1. Qual o seu nome?
2. Há quanto tempo reside neste bairro?
3. Qual o tipo de atividade que você realiza?
4. Motivos para a escolha da religião atual, se você veio de outra?
5. Por que você mudou da religião que estava para esta? [Solicitar do entrevistado para explicar].
6. O que mais agrada na religião que você participa?
7. Se você veio de outra religião, o que mais desagradava na religião anterior?
8. Você sente-se acolhido(a) em sua religião?
9. Com que frequência você participa das atividades religiosas em sua igreja?
10. Qual o benefício mais imediato que sua religião lhe traz?
11. Se não fosse sua religião, como você acha que estaria sua vida?

ANEXO 2

Perfil socioeconômico do bairro, entrevistados e frequência aos cultos.

Perfil Socioeconômico do Bairro dos Prazeres	
POPULAÇÃO: 326.321 pessoas.	
ELEITORES: 202.943.	
DIVISÃO POPULACIONAL: 53% mulheres, 47% homens.	
FAIXA ETÁRIA: 23% de 16 a 24 anos e 27% de pessoas entre 25 a 44 anos.	
POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA: assalariados com carteira assinada (18%); profissionais que trabalham por conta própria (13%).	
RELIGIÃO: Católica 53%, Evangélica 26%.	
RENDA: 52% da população recebem até dois salários mínimos; 34% recebem mais de dois salários.	
GRAU DE INSTRUÇÃO: 42% possuem o 2º grau completo e incompleto; 22% estudaram até a 4ª série; 27% da 5ª a 8ª série.	

Fonte: <http://www.pjg.com.br/index.php?opcao=6>, disponível em 31/01/2008.

Perfil socioeconômico dos entrevistados e frequência aos cultos		
entrevistas	Perfil socioeconômico	Frequência aos cultos
1	Costureira	Sou obreira e eu sempre participo de tudo
2	Vendedor	Todos os dias... Eu vou na segunda, terça, quarta, vou na sexta e domingo. Então, cada dia é pra alguma coisa da sua vida. Segunda: financeiro; terça: libertação; quarta-feira é à busca do Espírito Santo, na quinta tem pra família...Tá com problema na família...; na sexta-feira: libertação. No domingo tem à busca do Espírito Santo. Enfim, tem todos os dias tem uma...pela vida, pelo que tiver passando. Sou obreira da igreja Universal há uns 6 anos.
3	Operador de mercadorias	Como eu trabalho muito, vou mais aos domingos. Quando estou de férias vou quase todos os dias a igreja.
4	Estofador	Eu freqüento sempre porque gosto.
5	Dona de casa	Todos os dias. Sou obreira da igreja.
6	Dona de casa	Vou a todos os cultos.
7	Auxiliar de montagem	Quase todos os cultos eu freqüento.
8	Vendedora	De vez em quando por causa do trabalho que toma muito meu tempo, mas quando sobra tempo não perco nada...
9	Vendedor	Sempre que posso participo de maior parte das coisas da igreja.
10	Estudante	Participo de todas as atividades da igreja porque recebo muitas bênçãos quando peço.

ANEXO 3

Quadro síntese das ideias centrais

Entrevistas	Motivos	O porquê da mudança	O que mais agrada	Benefícios
1	Não veio de outra religião	Não mudou de outra religião	O que me agrada é que lá [Igreja Universal] é como uma escola para mim, né? E ela (sic) ensina como a pessoa agir, entendeu? Agir a fé e fala muito da vida espiritual. E lá me sinto bem. É uma igreja ótima pra mim. Muito.	É que eu agindo minha fé, eu posso vencer o mal... Essas coisas assim. Me sinto bem, ótima mesmo. O benefício que eu tenho dessa igreja é o próprio Deus vivo, eu me sinto bem e posso vencer as coisas, as tribulações e, antes eu tinha vontade de morrer... Depois que Deus me acolheu, foi exatamente Ele que me levou pra essa igreja porque minha mãe é da Assembléia [de Deus] e eu visitava minhas meninas [filhas] cantavam no coral da igreja Batista, e eu sempre ia. Mas a própria igreja não fui eu que escolhi, eu poderia ir à outra que ficasse perto de minha casa. Deus me levou exatamente pra essa igreja. Faz mais ou menos 8 anos, 9 anos que estou nessa igreja, me sinto muito bem, super bem...
2	Não veio de outra religião	Não mudou de outra religião	Quando eu fui para a Igreja Universal estava com minha vida arrasada, então, foi lá que	É pra alma... Porque eu tinha depressão, eu era uma pessoa muito perturbada... É ali aquele

			<p>vi uma porta aberta, entendeu, para vida espiritual, pra minha alma. Porque, no entanto, a minha alma estava doente e lá nós encontramos o que? A presença de Deus. Através da palavra de Deus, então, naquela fé toda, naquela oração, então ali foi me sentindo bem como até hoje. Foi ali que entreguei minha vida pra o Senhor Jesus, e lá graças a Deus tem um dos meus sonhos realizados através da minha fé, do Senhor Jesus, através da Igreja Universal.</p>	<p>impacto quando a gente chega na igreja sua alma se liberta. Você vai fazendo as correntes, o que o pastor vai falando, você vai vivendo. Eu tinha outros pensamentos da igreja Universal, mas como é que eu chupar uma laranja sem saber se ela é doce ou azeda, né? Só provando pra saber como é na realidade. Então, quando eu fui, realmente aquela tese que eu tinha sumiu... Não é nada disso. Eu sou da Obra, eu sou obreira e a gente vê que lá dentro que não é assim como o pessoal fala...</p>
3	<p>Eu já vim de uma igreja, vim para essa porque lá não me sentia muito bem não. Eu era abençoado, mas faltava algo. Eu queria uma mudança realmente de vida...</p>	<p>Porque lá [outra igreja] tinha os votos, os dízimos, mas minha mente não abria tanto como agora... Não tinha uma explicação concreta como agora não. Agora nessa nova igreja que eu to tem uma explicação... Como é que se diz? (sic)... Uma pregação totalmente diferente. Até a forma de pregar é diferente, a forma de você aprender, de você agir sua fé é diferente...</p>	<p>Na hora dos votos. Na hora que você cumpre o voto, quando é abençoado... Na hora que você vê que quer aquilo, você cumpre seu voto com Deus e Deus lhe dá aquilo que você quer. E, às vezes, lhe dá mais do que aquilo que você queria</p>	<p>A minha mudança espiritual, a mudança de vida, porque a partir do momento que você tem Deus, você segue sua religião de fato e verdade na fé de Jesus, você completa todas as coisas que tem na sua vida.</p>
4	<p>Eu vim de outra religião, mas nesta que agora escolhi estou bem. Apesar de tudo, foi uma religião que me acolheu porque tudo era difícil em minha vida.</p>	<p>Porque foi como eu falei: aqui eu me sinto bem. Aqui eu exerço minhas funções bem...</p>	<p>A amizade que temos no grupo, a relação que passamos uns para os outros é a da boa convivência.</p>	<p>Olha, devido ao problema que eu cheguei na igreja... De acordo como encontrei o Senhor Jesus, lá me acolheu. Eu era uma pessoa... Depressivo, não convivia muito bem com</p>

				ninguém. Lá eu encontrei viver, lá eu aprendi amar, lá eu aprendi andar, lá eu aprendi usar uma fé sobrenatural.
5	Porque aqui me sinto bem, me acolheu... Foi onde eu realmente consegui me libertar, ter paz de espírito. Sou uma pessoa diferente do que eu era...	Porque eu não me sentia bem, era infeliz e quando mudei da igreja que estava para a Universal foi onde a minha vida mudou.	Tudo.	A minha vida espiritual.
6	Eu era de um outra igreja, da Assembléia [de Deus]. Mas ia de vez em quando, aí minha filha de entrar na Universal falava de muita coisa que acontecia lá. Pedia direto pra que eu fosse. Não quis por não acreditar nela [igreja Universal]. Um dia ela [a filha] insistiu tanto e eu fui até hoje. Faz mais de 7 anos e não saio mais.	Eu gostei depois que fui umas duas vezes, a Assembléia era mais difícil, mas não critico não... Fui crente de lá muitos anos mesmo. É uma igreja abençoada, mas viver lá é mais difícil. A doutrina não é fácil.	O jeito como os problemas são tratados. Não há problema que não possa ser livrado. E aí temos muitas orações e os problemas são apresentados.	A fé para conseguir alcançar tudo que queremos...
7	Decidi mudar para a Universal por acreditar que Deus também está nela nos livrando de coisas do mal e fazendo a gente conseguir coisas para mudar a nossa vida.	Não me sentia feliz e tão menos esperançosa na outra [religião] porque não via tantas palavras que buscassem falar de vitórias na minha vida.	As orações pelos problemas de cada um. Tem sempre uma hora na igreja pra cada tipo de problema. É acreditar e Deus tudo faz.	Alegria e fé que tudo vou conseguir.
8	Vi que uns amigos falavam bem das vitórias, de orações pela família e trabalho. No começo eu não acreditava muito, mas vi pessoas contando sobre as bênçãos alcançadas e então fiquei de vez.	Eu mudei por ver na Universal como as pessoas têm coisas boas para contar quando conseguem. É muito bom acreditar com fé e o Senhor nos dar. Tantos problemas as pessoas têm e lá [IURD] a gente ver as coisas mudar.	Tudo.	Alegria por conseguir tudo que peço ao Senhor. Eu creio!
9	Gostei de como a igreja ver os problemas e nos ajuda a vencer cada um.	Vi que na Igreja Universal é muito bom sentir que os pastores oram pelos nossos problemas e ali encontramos	Os cultos da fé.	Me faz bem acreditar com fé em tudo para a minha vida e de minha família melhorar.

		nossas graças alcançadas. Somos unguídos e nos livramos de tudo que é do mal.		
10	Porque senti algo diferente quando fui assistir a convite um culto... Vi muitas pessoas agradecendo coisas alcançadas.	Mudei porque vi que na Igreja Universal as pessoas eram mais acolhidas e muitas orações eram feitas para cada caso dos irmãos e irmãs para serem resolvidos com muita fé. Aqui o pessoal dar atenção e Deus trabalha	As mensagens de esperanças que nos são passadas. Às vezes são tão fortes as orações e as graças são apresentados pelos irmãos que é difícil pensares em faltar um culto	A certeza de muitas vitórias no que eu quero... Sei que vou conseguir porque tudo que peço sou unguida pelos pastores e fico na fé esperando acontecer.

ANEXO 4

O Pentecostalismo em Pernambuco

Quadro estatístico – Censo IBGE 2000

População total	Católica apostólica romana	Evangélicos	Outras religiões	Sem religião	Sem declaração
7 929 154	5 908 625	1 072 503	178 328	750 302	19 396

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

ANEXO 5



Fotos: Jardsom Alves Lencas

IURD – Guararapes. Igreja sede regional

ANEXO 6



Fotos: Jardson Alves Lenos

IURD – Guararapes. Igreja sede regional

ANEXO 7



Fotos: Jardson Alves Lemos

IURD – Guararapes. Uma das portas de entrada da Igreja sede regional

ANEXO 8



Fotos: Jardson-Alves Lemos

IURD – Guararapes. Interior da Igreja sede regional

ANEXO 9



Foto: Jardsom Alves Lemos

IURD – Guararapes. Interior da Igreja sede regional

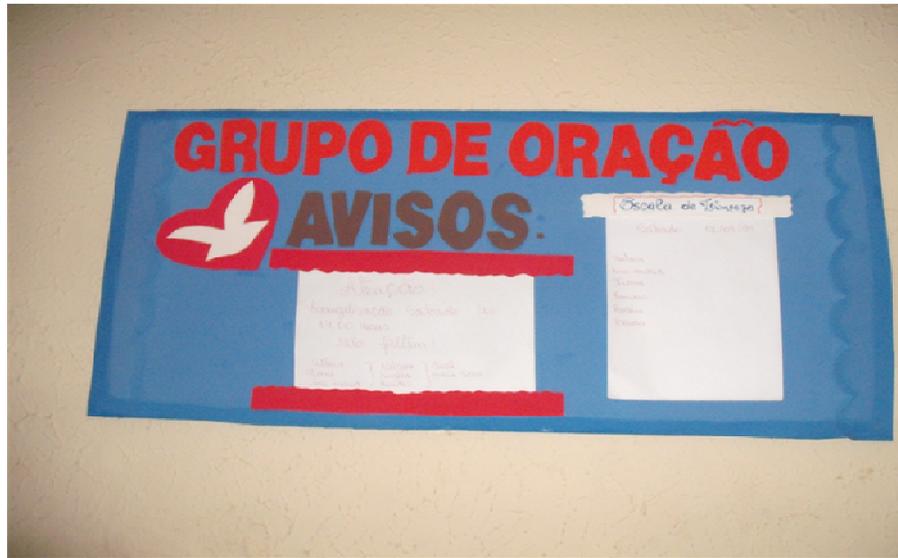
ANEXO 10



Fotos: Jardsou Alves Leães

IURD – Guararapes. Interior da Igreja sede regional

ANEXO 11



Fotos: Jardsou Alves Lemes

IURD – Guararapes. Interior da Igreja sede regional. Detalhes: à direita, escala de limpeza. À esquerda, aviso para reunião de evangelização.

ANEXO 12



Fotos: Jardson Alves Lemos

IURD – Guararapes. Interior da Igreja sede regional. Detalhes: à direita, cruz usada nas sessões para pedidos [de prosperidade às questões sentimentais]. A esquerda, aviso para juventude. Abaixo, detalhe de quadro no púlpito e aos banheiros internos.

ANEXO 13



Fotos: Jartison-Alves Lemos

IURD – Piedade/ Shopping. Frente da igreja. À direita, pessoas, via, concessionárias e ao fundo o Shopping Guararapes.

ANEXO 14



Fotos: Jandson Alves Lemos

IURD – Guararapes. Interior da Igreja sede regional. Detalhes do pulpitto.

ANEXO 15



Fotos: Jardson Alves Lemos

IURD – Guararapes. Interior da Igreja sede regional. Detalhes do púlpito.

ANEXO 16



Fotos: Jardsom Alves Lemos

IURD – Guararapes. Interior da Igreja sede regional.
Contato de Convivência

ANEXO 17



Fotos: Jardsom Alves Lemos

IURD – Piedade/ Shopping. À direita, garagem. Na porta esquerda, entrada ao hall dos cultos.

ANEXO 18



Fotos: Jardsom Alves Lemos

IURD – Piedade/ Shopping. Frente da igreja. À esquerda, os arranha-céus da cidade